



JOAQUIM GÓIS

LAMPIÃO

O ÚLTIMO  
CANGACEIRO

EREMÍPHALA

é um fio São, profeta e mante  
vem a adorar de

Jesu, fi.

Ff. 17-10-66

CENTRO DE MEMÓRIA CULTURAL  
LATINO-AMERICANO - CEMEOLA  
BIBLIOTECA

### LAMPIÃO, O ÚLTIMO CANGACEIRO

Um grande estudo sociológico  
sobre a realidade da cultura socio-  
política brasileira do "fronteiro"  
moderno, levando de modo suprassun-  
mante, com grandes laços de poesia  
e belas imagens, além de notícias con-  
ciliadas.

"Lampião, o último cangaceiro", de  
autoria do biólogo mestre Roberto  
Macedo, Joaquim José, é um trabalho  
serio, minucioso, que numa, recheada,  
as capítulos traduzes literários de Sergio

Ff. Ad-1-1967  
J. C. A. G.

## LAMPIÃO, O ÚLTIMO CANGACEIRO

Morre o Ipiranga trágico da Vargem. Fazendo já mais uma pequena história, a meu ver, os heróis da Revolução Pernambucana e de Batista da Silva são os maiores heróis da literatura brasileira para além de Lampião. Agora, chega o testemunho de Joaquim Góis.

Sobre essa história do cangaceiro pernambucano, tema que repercutiu tanto já no Brasil como em narrativas estrangeiras, não poderei falar sem importância da figura legítima desse.

Traí, porto, mas não golpeio, a memória de muitos outros desvalentes, e, em muitos aspectos, salvo os piores, sou eu.

"Lampião, O último Cangaceiro" é o despedimento de um cidadão da velhice que via a vida a resvalar, querendo que tanto tempo na memória permanecesse da um homem em cuja espírito ainda é possível encenar os traços exultantes dos cangaceiros. Queria se saber que pensava Góis sobre todos os que nos auxiliaram na luta contra Período Pernambucano, na luta Unificadora, na luta Diamantina, e sobre muitos. E admitir que a vida de Joaquim Góis (quando-nascera, cidadão da velhice, soldado da prisão, quando-é-lí! Investigador, comandante e vassouras contra levantados, líder de golpes, ofícios construídos na prisão de Belém da Paraíba, e anteriormente de um escrivão da corte), foi prelúdio de "Lampião, O último Cangaceiro" que fundou de visões de prisioneiros mortos e a posse de armamentos. Foram a encarnação e a realização da luta. Um dia de cidadão, outro dia é morto, dia de seu gabinete ou bandido, é um ex-prefeito de prisioneiros mortos que a descrição de Joaquim Góis levanta em nossas mentes.

E o maior capitão da terra.

JOAQUIM GOIS

# L A M P I Ã O

## O ÚLTIMO CANGACEIRO

*Sons corrigidos por:*  
EREMITA



Edição

Sociedade de Cultura Artística de Sergipe - SCAS  
(Departamento de Literatura)

Composição e Impressão

1966

LIVRARIA REGINA LTDA.  
A R A C A J U



Joaquim Góis, o "contratado" de 1931

A

Memória dos ex-companheiros, os heróis  
anónimos, que tiveram por túmulo uma  
cova rasa, por mausoléu os cactos, como um  
epitáfio triste escrito em branco nos cardos  
secos da caatinga desnuda,

a minha homenagem póstuma.

Para

Marina, a filha do vaqueiro da fazenda "Esperança" e minha  
companheira de 30 anos e os netinhos:

Carlos Augusto

\*

Ivanilza

## PREFÁCIO

O homem está estripado diante de mim: — Joaquim Gois, um dos perseguidores de Virgulino, num livro escaldante. Título: — "Lampião o Último Cangaceiro". Um livro forte, autêntico, bravo, puro, simples e impressionante. Foi meu grande e dileto amigo, José Leite, quem me apresentou ao grande temático laranjeirônico. Todos os pesquisadores do cangaço derivam da imensa fonte euclidiana. O Nordeste e o seu drama, o tremendo desenccontro dos seus destinos teatrônicos e humanos, a bárbara compleição dos seus atletas tirados de uma página de Dostoevski, a dor que vem do berço como os olhos dágua vem da pedra, a vertigem daquêles dias tão claros de sol e tão cinzentos de ódio, tudo isso persista, como um sopro vingador, nas páginas inéditas e sangrentas de Joaquim Gois. Foi naquela madrugada de pesadelo que nasceu o título. Amanhecia na fazenda de Angicos. A bacia de pedra que cercava o último reduto do tigre caboclo esfarrapava os seus derradeiros babados de neblina. No alto dos lombos escalavados, entre touceiras de xiique-xiique nascido entre os desvios da pedra, a horda heterogênia do tenente Bezerra aguardava o instante. Frio, matemático, fatal. Quando o bandido ao lado de Maria Bonita, toalha ao ombro, caneca de flandre à mão para o banho matinal do resto sonolento, curva-se para colher à água virginal e adormecida, a matraca de fogo estrangula-lhe o gesto. Daí por diante foi o inferno, a gritaria, a morte. Foi o epílogo de uma tragédia rústica.

Esquilo, de gíbão de couro, sopitou a observação e encerrou o seu capítulo escrito com espinho de palmatória. Ainda o árido panorama, ainda a dura realidade emprestando ao homem o seu destino. Quando terminou o morticínio, quando a natureza acor-

dou do seu espanto lugubre, quase todos mortos, enterrados os despojos, de cabeças amputadas como provas, um soldado, de olhos ardentes e rubros de vingança, escreveu na sua algaravia sobre a cova do grande bandoíste: — "Aqui jáis" Lampião, o ultimo cangaceiro". Nasceu nesta hora o nome do livro de Joaquim Gois, de também soldado de "volante", ele também gladiador da charneca, testemunha viva, sem fantasia, sem exageros, tomado de heroísmo nato por onde passa, num sopro nordestino de "fair play", a narrativa cômica, quase épica. Durante seis anos esse bravo filho da cidade de Simão Dias, fez parte de várias "volantes" caçadoras da fera. Nasceu pobre, como os gigantes da seva, na macha. Percorreu o seu caminho sem direito de escótha, saíou de pequeno lavrador a verdureiro, foi soldado da Polícia Sergipana, contratado de "volante", guarda civil, investigador e comissário de Polícia, Vereador pela comuna de Aracaju, vive hoje como comissário aposentado, humilde e digno. Com sessenta anos de idade, vividos profundamente. Aprendeu a lir como os pássaros aprendem a cantar: sem professor. Lutando sozinho contra o alfabeto. De um talento espantoso e uma sensibilidade de violino cigano, Joaquim Gois coletou, no subconsciente, com uma sinceridade de cianuréto, todos os ângulos da campanha anti-cangaceira, todos os seus aspectos desumanos, tóda a sua crueldade, o rastro dos seus leopardos, a angústia de suas populações ao desabrigio, as cenas mais trepidantes de horror e de máguia, os risco de graça e de esplendor da gente sertaneja. Há um traço indelível nesse livro: — a fidelidade. Não inventa o que não existiu, não deforma intencionalmente, não procura industrializar o cangaço como grande parte dos corileus lampiônicos. Segui os passos de Lampião em Sergipe, em Alagoas, na Bahia. O vertiginoso de sol e de sarcasmo que é o Boco da Catarina, no norte baiano, representou para ele uma escola de bravura e de humildade. Um rasgão de cem léguas no imenso lençol da caatinga macinha, onde medra o alecrim de vaqueiro, a macambira rasteira e o cacto, de vegetação confusa e arbitrária, sem sombra, sem repouso, sem descanso, uma vegetação que imprensa e confunde, que desespera e estmaga, cuja destino haveria de ser o de abrigo de Lampião e seu bando, e onde o foi buscar o destemor desses

outros felinos das "volantes", filhos da mesma terra, rios da mesma fonte, exorcismos da mesma maldição. Joaquim Gois perseguiu pelos vassos dessa região enorme e indisputável. Contraria, nas suas linhas, toda essa literatura fantasiosa, ouvida entre visques toda essa sofisticação grosseira que tenta santificar um bandido e imortalizá-lo como um vingador, quando as suas vítimas foram, quase todas, inocentes figuras desse "grande-gaignol" de monstros. A verdade salta das páginas de Joaquim Gois, como um virgem nua, pela primeira vez. A mesma bravura dos combates contra o cangaceiro vidrento. E é a tem lancado nesse livro que é um libelo contra a desfaçatez dos sofisticados e dos mentirosos.

Forma ao lado de um Norti Macêdo, o poeta das savanas infinitas, de um Luiz Luna, o repórter do agreste, de poucos, todos vindos de Euclides da Cunha, o mago. A população dos coiteiros, dos coronéis, dos políticos, gente que Joaquim Gois anatematiza como pior que Lampião, porque se servia díle para as suas vinganças, ele projeta com uma força de xilogravura. Há estudos sérios, invadindo searas de astropoologia, de economia, ângulos sociológicos, tentativas honestas coroado tudo de um turbanze de espantosa beleza, que exalta e enternece. Quem vai a Aracaju sacia a curiosidade literária, molha os lábios na taça saborosa dos conhecimentos folclóricos de Joaquim Gois. É um cirurgião de deformidades. Acaba com a lenda de Maria "Bonita", com as "complacências" do capitão Virgulino, com a sua santilicada "tolerância" para com os humildes e ódio aos poderosos. Matou, devastou, amontoeou inocentes como lenhas de fogueira, serviu aos políticos, explorou coronéis, foi um Pancho Villa sem idealismo, nem diretriz social, nem patriotismo nem cavalheirismo inato. Lampião, através desse grande livro, nasceu predestinado para a chacina e o sangue. Foi um temporal de vingança, que já trazia em si mesmo o turbilhão do ódio e do homicídio. Toda a plenitude do sertão grandioso e amargo, colorido e belo, está nesse livro de Joaquim Gois. Agradeço ao escritor José Leite o me ter feito seu admirador de longe, eu que tanto perlustrei esses meus caminhos de sol e de amargura. Apresento-me como voluntário à "volante" dos "ians" de Joaquim Gois. Não para perseguir um

outro tigre das "caatingas", mas para louvar, mas suas alvoradas e na alma heróica dos seus filhos, a esse Nordeste que é um rasgo inesquecível de saudade e de glória na vastidão da América do Sul.

Ramayana de Chevalier.

## ADVERTÊNCIA AO LEITOR

O meu livro é, antes de tudo, um documentário da vida do maior bandido dos sertões brasileiros.

Escrevi-o com a verdade olhando para mim, deixando-a livre, desassombrada e contundente, em suas páginas.

Não me tentou a estúpida pretensão de me tornar um nome na literatura e nem me adorcou a vontade, a ambição de ser célebre.

A minha auto-crítica é viva demais para me permitir semelhantes veleidades.

Sou um homem passado por tâdas as provações, e a minha professora, a experiência, me ensinou a ver na humildade e conhecimento de mim mesmo, os limites do que sou e do que não posso ser.

Esperei muitos anos que se narrasse, com lealdade, a história lambuzada de sangue de Lampião.

Livros e mais livros foram publicados, mas todos eles vagos, falsos, desfigurados, sem as cores da verdade, na vivacidade e na certeza dos fatos.

Ninguém escreve a história com bases sólidas na tradição oral, como também a história não é uma simples narração e nem um alinhamento cronológico de datas.

É, antes de mais nada, uma interpretação corajosa dos fatos e da conduta dos homens no tempo, no espaço e no meio em que viveram.

Dai a tremenda dificuldade em que me debati para extrair a verdade do emaranhado de hipóteses, suposições e invencionices, em que envolveram a figura e a vida de Lampião.

O meu esforço teve o sentido interpretativo dos acontecimentos da vida daquele que foi o riso e a espinha dorsal de uma época encardida de sangue e assudida de atrocidades.

E esse esforço foi uma luta mais árdua e penosa do que a que tive, durante seis anos, perseguindo, como contratado e depois como soldado, a Virgílio Ferreira.

Ninguém, por conseqüente, venha acusar-me de pedantismo literário ou da vaidade tóla de querer ser ou parecer estilista e escritor, pois, como já disse, no meu intento não me conturbou o espírito o desejo desordenado de notoriedade.

Escrivi um livro que é men, um livro fiel, porque o vivi intensamente, e que me saiu do cérebro como um filho sai do sangue.

Sei dos seus deícitos e dos seus altos e baixos.

Podem acusar-me pela veemência das frases cortantes, parecidas com frases armadas para fazer efeito, pelas fugas para a poesia das paisagens ou para a confundência dos conceitos, para os pensamentos e deduções que o meu temperamento, castigado pelos sofrimentos, não pôde ou não soube evitar.

Podem acusar-me do que quiserem, menos da covardia de mentir para agradar ou para desvirtuar os fatos.

As páginas que escrevi, conceituando, de propósito, os acontecimentos, caíram da pena depois de maduramente, meditadas e com a deliberação de não ser monótono.

Como o leitor verá, a história que ora leva o meu nome como autor de um livro, prende-se, apenas, à vida e à permanência de Virgílio Ferreira nas fronteiras da Bahia e no Estado de Sergipe, onde ele viveu a metade da sua vida de cangaceiro e onde foi abatido pelo volante do tenente Jólio Bezerra, da polícia alagoana.

O leitor agora poderá ler um livro rude e verídico — perdoe-me a imodéstia — inflexivelmente verídico, sobre a vida fatídica e discutida do mais temível e do mais protegido bandoleiro das castanhas e dos desertos nordestinos.

O AUTOR.

Desembaraçar a figura sanguinária de Virgulino Ferreira da Silva, das sombras em que a envolveram, trazê-la à ribalta e mostrá-la a todos como ela o foi, realmente, na sua vida e na sua carreira sinistra, de morte e de sangue, é tarefa que tomei para mim e para a minha coragem de dizer a verdade.

As lendas, as falsas interpretações, as mistificações, o sensacionalismo jornalístico da época, o exagero no contar dos fatos, todo esse amontoado de mentiras que afiam e deturparam, no conteúdo e nos detalhes, a história empapada de sangue do maior bandido do Brasil, vão-se desmoronar sob a força e a lógica da análise sincera que será a constante deste livro, escrito por um homem simples, sem cultura literária, sem redundâncias de palavras, sem a música fácil das frases e dos períodos, cheios de autoridade e de verdade.

Nos acontecimentos vividos por mim nas paisagens rudes, do sertão, nas veredas das caatingas e nas serras peladas do Nordeste, onde a morte acocorada se escondeu nas tocas para abater os volantes que perseguiam Lampião e sua cabroeira.

Conto o que vi, o que senti, o que testemunhei, os fatos e episódios de que, não raro, fui um dos seus protagonistas.

No centro deste livro Virgulino Ferreira planta-se para ficar, conhecido e descoberto, na crueldade primitiva que inspirava a sua função de matar como meio de vida, como vingança, como instrumento político.

O seu nascimento, a sua meninice, a sua mocidade, os motivos que o empurraram para o crime, as raízes psicológicas, sociais ou políticas, as injustiças ou a vocação que lhe abriram no Nordeste a trilha torimora que lhe marcou o destino de monstro e de fera.

passarão nessa história, como dedução intuitiva e imediata, colhida dos fatos trepidantes e contínuos, que tiveram raízes no sertão de Pernambuco e se estenderam do Ceará à Bahia.

A mesma técnica na eliminação de vidas, no atear dos incêndios, na extorsão, no roubo.

A repetição dos seus atos e distúrbios fazendo da malvadez e da brutalidade uma monotonia que enervava.

O punhal, o fuzil e o ingo -- o triângulo em que se debatia o sertão indefeso, abandonado e sólito à sanha de um fascinosa, de cuja consciência o remorso caiu como um verme cai de um pedaço de carne podre.

A Bahia e Sergipe iriam sentir, também, no sangue quente dos seus filhos, a aguçada ponta do punhal e as balas assassinas do pulso impiedoso que já havia coberto de cruzes os ermos de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

É daqui que começa a minha narrativa. Daqui vou cobrindo o rasto do grupo que deixaria nas caatingas da Bahia e de Sergipe corpos humanos apodrecidos, lágrimas, orfandade, viúvez, mãos crispadas para os céus pedindo justiça, já que na terra não havia ouvidos para escutarem o seu clamor.

Ao alvorecer o ano de 1927, nos primeiros dias de janeiro, foi a cidade de Aracaju alarmada com a notícia de que o famigerado bandoleiro rondava as cidades de Pão de Açúcar e Traipú, em terras alagoanas, à direita do rio São Francisco, dando a entender a sua intenção de fazer a travessia para Sergipe.

A notícia dividia em dois grupos a população aracajuana: o dos que nela acreditavam e o dos que achavam aterrida de mais a tentativa de Lampião. Julgavam êles que a gaiola era muito pequena para tão grande pássaro.

Mas o coronel Francisco de Souza Pôrto, então chefe do Executivo estadual, experiente e conhecedor de quanto pode a força do crime em homens assassinos, expediu ordens urgentes para que a polícia guarnecesse os terrenos marginais do São Francisco, compreendidos entre Gararu e a fazenda Niterói, pequeno itudo das Dóreas, no município de Pôrto da Folha.

E foi assim que a catorze de janeiro marchava de Aracaju, endereçada a Propriá, a primeira companhia da força pública com-

vendo com um efetivo de dois segundos-tenentes, vito sargentos, nove cabos e cinqüenta soldados, sob o comando do capitão Jorge Távora.

Sentia e duas horas depois, a companhia desembarcava no povoado Mocambo de São Francisco, povoado que olhava para Pão de Açúcar, cidade serraneja de Alagoas.

A presença da polícia sergipana encheu de alvorôço as populações ribeirinhos, desprotegidas e sem garantias, correndo logo as autoridades de Pão de Açúcar à presença do capitão Jorge Távora para que lhes fossem dados socorro e cobertura, uma vez que Lampião havia descido da serra dos Meirins, tomara a fazenda Bom Conselho, a poucos quilômetros de Pão de Açúcar, perigosamente ameaçada de invasão pelo bandido.

De pronto, não quis o capitão concordar com as autoridades em auxiliá-las, alegando, como obstáculo, a não existência de convênio entre Sergipe e Alagoas, e argumentando que a sua entrada em Pão de Açúcar importaria em uma violação de limites.

Inconformados com a recusa, aliás justa, do capitão comandante, os representantes oficiais de Pão de Açúcar insistiram no intento de convencê-lo a ajudá-los na defesa da cidade aberta e desguarnecida, mostrando-lhe algumas das cartas atrevidas e, absurdamente, exigentes de Lampião, às figuras mais afortunadas da cidade.

Uma delas, escrita ao Sr. Gonzaga de Campos, foi concebida no seguinte teor:

### "Sr. Gonzaga de Campo

O fin dessa é pru senhô mandá vinte contos da réis, isso sem farta. Se num mandá Qucimo a fazenda e mata os gado. Sem mais espern qui num farte. Seu vaqueiro fica preso, intil chega o dinheiro. Nada mais Cp. Virgulino Ferreira, vargo Lampião."

Quando o capitão Jorge terminou a leitura da tão arrogante missiva e de muitas outras na mesma linguagem, resolreu ocupar

Pão de Açúcar, ao escurecer do dia quinze do aludido mês de janeiro, comunicando, de imediato, aos governos de Sergipe e Alagoas, o seu ato e déle proclamando-se responsável, sendo por ambos os governos elogiado em face da sua compreensiva atitude.

Tendo Virgulino Ferreira os seus planos frustrados, omitiu-se, misteriosamente, da margem direita do São Francisco, para só em agosto de 1928, com seu irmão Exequiel Ferreira ("Ponto Fino") e com seu cunhado Virginio de Engraça ("Moderno"), Cristiano Gomes da Silva ("Corisco"), Luiz Pedro, Mariano, Lívino e "Mergulhão", levar a término os seus desejos.

Assim foi que, nos barrancos do rio São Francisco, da banda das Alagoas, o pelotão do crime esperava a canoa que os desembocaria em território baiano.

Tangidos a bala, pelas polícias pernambucana e alagoana, procuravam os sete matadores profissionais um refúgio no deserto das paragens baianas, onde lhes fosse possível uma trégua para um descanso reparador.

O povoado de Caché, nas proximidades de Canudos, foi o primeiro contacto que teve Lampião com a Bahia.

A terra que Antônio Conselheiro lavou de sangue foi a porta que Lampião abriu para ingressar no solo baiano.

A coincidência parecia um vaticínio da desgraça, um aviso da calamidade que, em tempo adiante, cairia, como um raiô, sobre o homem esquecido do sertão.

A horda soltou-se no vibarço como se esse lhe pertencesse.

Apossou-se do quartel de onde estavam ausentes os dois únicos soldados que garantiam a ordem no povoado.

Procuravam os dois polícias no esporte da caça uma ocupação para os dias intermináveis da sua existência naquele recanto isolado e perdido nas distâncias.

Na volta, a presença dos cangaceiros pegou-os de surpresa. Amedrontados, julgaram haver chegado o seu fim neste mundo.

Pregado na face dura de Lampião, um riso de ridículo que mordia como se tivesse dentes.

Tanto podia ser um gesto para matar, como uma chicotada de insulto.

Marcando-as com o dedo estirado, lembrou a Corisco:

— Olá pra eles, Corisco! Tu num dirás que queria assentá praça na polícia da Bahia? Olá qui beleza!

Naquele instante, os dois pobres homens, de fardas róttas, sujas e remendadas, barba grande num rosto parado pelo medo, eram dois símbolos da inutilidade humana ante a ferocidade trucista de Lampião:

— Vô fazi a barba dêles de faca orga.

E riu o seu riso frio de carregado.

Entretanto, nada lhes fôy a não ser levá-los ao quartel, comando-lhes os dois fuzis e a munição, deixando-lhes, em troca, dois rifles velhos. Ao retirar-se, advertiu-lhes:

— Vô levá os fuzis e a munição qui eu preciso. Fiquem com êsses dois rifles qui é pra mode vocêis matá ladrão de galinha, qui é só pra qui vocêis presta.

E sumiu-se no terreno acidentado e deserto de uma região que o envolvia de mistérios e que, por isso mesmo, se prestava para a continuação da sua vida dirigida pelo crime e para o crime.

Canché foi a primeira tentativa de reconhecimento dos confins do grande Estado da Bahia que ele, no futuro, cruzaria ora a pé, ora a cavalo.

Por onde passava soltava a notícia de que não desejava brigas nem combates. Queria repouso, paz e, se possível, uma vida sem tumultos na terra que o acolhera. Mentia para urdir com segurança os seus planos de roubos, assaltos e homicídios.

Aquela bandeira branca com que Lampião acenava, com promessa de paz, aos sertanejos desconfiados e intranquilos, era um truque bem encenado com que disfarçava os seus projetos futuros.

O que ele queria era ligar-se aos fazendeiros ricos e poderosos da zona, a quem impunha um pacto ditado por sua astúcia e que lhe garantisse livre trânsito no sertão.

Qualquer reticência dos coronéis das fazendas em aceitar a aliança perigosa, Virgulino Ferreira da Silva a desruia com a ameaça de vinditas fulminantes, em palavras que se transformavam em ação violenta, se a recusa do fazendeiro persistisse intransigente.

Depois, foi o trabalho de aliciar coiteiros na pessoa dos vaqueiros e dos pequenos criadores.

Quando o terreno estava sólido e a rede que faria cobertura aos seus crimes foi estendida, de ponta a ponta, em toda a imensa região sertaneja da Bahia, Lampião sentiu que estava na hora de iniciar a sua movimentada e tremenda caminhada de destruição, através dos povoados desguarnecidos e das cidades indefesas.

Do sertão para a capital baiana as notícias se precipitavam nas demissões ao governo sobre a presença de Lampião e, certamente, eram revelados os planos que o mesmo tecia no exercício da sua estratégia bem delineada. Além da volante do tenente Abdias, que agia no município de Santo Antônio da Glória, uma outra, com vinte e poucos homens, foi entregue ao bravo tenente Odonel, e a ordem inflexível era matar ou banir o temido lacinador da terra que ele queria ensopar de sangue e escurecer de luto.

O oficial, não obstante o desconhecimento que a tropa levava, dos meandros, das furnas, das tocas, das conterções da natureza

nas quebradas e nos desvãos da caatinga, foi digno da missão que o governo lhe deu. Sem ainda levar em conta a fama que roteava de pavor o nome de Lampião, ele o atacou na fazenda Mandacaru.

Mesmo atacado de surpresa, o capitão do cangaço, valente em qualquer emergência, resistiu ao cerco, travando-se um tiroteio mortal e decisivo.

Sagaz no combate, não prolongava uma luta quando desta não tirava proveito. Media, de um jato, a desvantagem que o atingiria se prolongasse o encontro com o tenente Odonel e se fizesse na caatinga, nema fuga imprevista e sorrateira. O seu grupo se desinteirou com a perda de "Mergulhão", abatido pelas balas da polícia do tenente Odonel.

O bravo oficial da milícia baiana trouxe do tiroteio um braço ferido, uma cicatriz que provaria a sua temeridade no fogo de que o maioral do crime foi o deserto.

Para o prestígio de Lampião esta derrota acordou nêle um encanho de vinganças contra os corajosos soldados da Bahia.

Para um primeiro encontro do cangaço contra a ordem, da força legal contra o Rei das caatingas, esta primeira derrota valeu como uma fustigada nos seus instintos primários, e nas paredes do seu peito bateu uma onda barrenta de ódio como querendo irromper em torrentes de lama e de sangue.

Era mistério soerguer o prestígio desmoralizado do Capitão Virgulino Ferreira, o invencível do sertão, o pupilo do padre Cicero Romão Batista, mais caudilho do que sacerdote, mais coeteiro de criminosos do que guia espiritual de um povo supersticioso e ignorante; era necessário levantar a fama duramente humilhada da pantera do Nordeste, batida nos limites da fazenda Aboboras.

A solhinha daquela dia Lampião guardou na memória com desespere no coração. Correr de um combate ou escapulir-se de um tiroteio é fato diário na vida dos bandoleiros. Mas ser derrotado na primeira luta, num terreno em que ele pretendia ensanguentar e dominar pelas armas, foi, para Lampião, quase um fracasso. Mais tarde a desonra seria cobrada com uma percentagem absurdamente elevada.

Atrás dieste primeiro revés seguir-se-ia outro: a deserção do grupo do célebre cangaceiro Antônio de Engraça, levando no seu horizonte a importância de (19.000\$000) desenove contos de réis roubados do capitão.

O rosto do seu sicário abriu em Lampião outro pôco de ódio.

Reduzida a cinco a caterva de celerados embrenhou-se nas caatingas, à cata de um asilo, nos boqueirões e nas estranhas das serras que se erguem nos chapadões nordestinos, como muralhas de granito onde se emparedaram os animais ferozes e os profissionais do risco.

Lampião fechou-se, por dois meses, no silêncio das caatingas e nos grotões vazios, fundindo-se com a terra, como se fosse um pedaço daquele chão torturado.

De Alagoas despregou-se a notícia de que Antônio de Engraça, com dez homens no cangço, assassinava, a granil, no interior do Estado dos mareschais.

Foi de Corisco a idéia de unir os dois grupos, passando para Lampião o seu pensamento, procurando no ânimo do chefe vingativo uma brecha por onde pudesse entrar a esperança de um acordo entre ele e Antônio de Engraça, o deserto e ladrido.

Virgulino irritou-se, de comigo, repreendendo, friamente, a lembrança de Corisco:

— Antônio de Engraça é um cabra de peia — dizia ele.

Mas a insistência do comparsa termina vencendo a trânsita do chefe.

Viaja Corisco a Alagoas e arrasta consigo, para o comando de Lampião, a tropa do crime que obedecia ao seu compadre Antônio de Engraça. Entre eles, três eram seus velhos conhecidos.

Na ausência de Corisco, Virgulino Ferreira consorcia, de vez, a adesão dos coronéis para proteção à esteira de desafinos que farrariam a sua passagem na Bahia e Sergipe.

O coronel, o matuto rico do sertão, é um só em toda a face do Nordeste. O mesmo material humano amassado na ambição do mando. A mesma matéria prima arruinada pela vontade do-

entia da prepotência, pelo desejo de subir, por qualquer escada, ao domínio do lugarejo onde mora.

Todos querem ser temidos pela força do trabuco, ou pelo medo das mortes misteriosas, onde a impressão digital de cada um fica visível.

O sertanejo alugado, o trabalhador lamido, é uma massa informe a que os patrões dão modelo e a quem eles obedecem como emudecidos pelas necessidades de toda hora, pelo receio de morrer de nome e pela esperança de contar com eles nos momentos em que os seus crimes devem ficar impunes.

A mesma ignorância, a mesma fé, a mesma fidelidade, a mesma superstição, o mesmo sorrisunto, a mesma bravura inútil o submeteu ao mando do Padre Cicero, Antônio Silvino, Antônio Conselheiro e Lampião.

O sertão de Pajeú é o mesmo de Chorrochó. O homem que o habita é do tipo inconfundível fixo à terra, aos costumes e ao fatalismo. Nas vaqueijadas, é o demônio da selva, e no manejo do punhal, ou na alavancada do "papo-amarelo", é a loucura da coragem a serviço do bem ou do mal.

A terra, a natureza e a alimentação, às vezes, variam para pior, mas o homem é um só, imutável, desconfiado, bravo, hospitalário, honesto, alma enlinhada de astúcia e corpo ágil, rijo, caldeado no fogo das provações.

Quando Corisco voltou de Alagoas, com Antônio de Engraça e seus "rapazes", a coluna dos malfeitos; tomou vulto, definiu-se em número, adestrou-se para as sortidas arrasadoras.

O crime iria soltar-se no sertão e a palavra de ordem de Lampião seria a lei da morte impondo-se pela brutalidade.

O sertão seria agitado por duas calamidades: as secas e o banditismo.

Há pedaços da natureza que se assemelham ao destino das criaturas, feliz ou desgraçado, bom ou mau, rico ou indigente, eleito pela felicidade ou marcado pelo estigma do sofrimento.

O sertão é assim.

Lampião deu em mandar mensagens de extorsão aos coronéis, aos grandes fazendeiros, aos grandes criadores da região.

D. 1. G. d'Antônio Franco

Copyris que este se ergue de lhe  
fazendo. E a grandeza de ato  
que acabarmos com o nosso nego-  
cio. Os que fizerem; opõem isto  
que muito tempo disseram  
que não é possível. Eu respon-  
do por tal ato. e que o agirem  
com todo alegria e o quanto  
devo. e que é certo. E conti-  
nuando. que por oportuno  
fazer o que é devido. e que fizer  
o que é certo. e que é devido.  
Porque é galante e novo festejar.

Nesta carta de Lampião, feita de próprio punho, ao Coronel Antônio Franco da Usina Central em Sergipe, vê-se perfeitamente onde ele pede para acabarmos com o "nossa negócio". Lampião achava que extorquir dinheiro dos coronéis era um negócio como outro qualquer.

As intimações eram fatais e fulminantes, levando na ordem comária a ameaça da ponta do pushal dirigida para o coração dos ricos.

Os incêndios devoravam as fazendas, os cadáveres forravam as estradas, o terror invadia os lares e, por cima de tudo, a lona na sua rede sinistra.

A imprensa gritou em protestos de revolta, mas manchetes em letras de fogo, queimando a pele insensível dos dirigentes do povo e as Assembleias Legislativas cansticavam pela bôca dos seus deputados a indiferença dos responsáveis pela paz do homem do sertão.

A indignação pela necessidade de uma campanha moralizadora fez com que os governos cassassem gestos vagos de repressão à insolência criminosa do capitão Virgulino Ferreira da Silva.

E das veias do sertão sofrido pelo castigo das estiagens, Lampião fazia correr sangue em borbotões, lavando o chão crescido dos carrascos.

O ano de 1929 passava, mais ou menos, em paz.

A fazenda da Lagoa do Saco Grande, encaixada no município de Geremoabo, era do velho meu pai.

Ninguém há de estranhar que, num livro qualquer, haja sempre vivo um pedaço do autor e, numa página ou noutra, retalhos de sua própria vida. É que a corrente dos fatos se liga e se entrela tão estreitamente com o autor, que dela não se pode desprendê-la sem deixar uma tendência, uma participação pessoal na sua narrativa ou na sua análise.

No sertão da Bahia não havia mais lugar para a existência dos pequenos fazendeiros. Os reversos e as dificuldades de toda sorte roubavam-lhes as possibilidades de sobrevivência. Não podendo suplantá-los, meu pai resolveu vender a pequena fazenda, sustento da sua família. Como por milagre, ainda achou comprador na pessoa do coronel João Sá, chefe político de Geremoabo e uma das figuras mais completas da aristocracia das fazendas sertanejas.

O velho cacique daquela zona vinha do tronco quase centenário de uma família que teve história no município. Era compadre de todo o mundo. Tinha filhados que fazia medo. Como a mais forte expressão econômica do meio, era um ditador, cuja palavra valia por uma decisão ou sentença.

Alto, troncudo, barriga volumosa, corado pela canícula que lhe dava à pele tons de cobre limpo. Pernas curtas fortes, boca rasgada, sobrancelhas faltas, olhos castanhos, lábios grossos, uma careca descaindo, em bico, para a nuca. Pescoço enterrado nos ombros largos, gestos vagarosos, sabido, manhoso, esquivo, político, astuto, semi-alfabetizado, calculista, deputado em mais de uma legislatura estadual, evitando a violência, recorrendo aos

conchavos e acordos para crescer mais em prestígio diante do governo e subir na escolha do eleitorado. Enfim, era o coronel João Sá homem de muitas fazendas, muito dinheiro e algumas letras.

No problema do cangaço entendia a sombra do seu prestígio para protegê-lo, cogido pelo dilema de ficar vivo sem perseguição, ou de morrer inglóriaamente. Combatê-lo era ficar aniquilado nos baveres e talvez na sua vida. Neutralizar-se era garantir-se na tranquilidade das suas fazendas e do seu gado.

Foi ao coronel João Sá que fui vender a fazenda da família. Meu pai, corídio na idade, estava com a cabeça insegura, o juízo duvidoso, o raciocínio em espasmo, as idéias tardias, esquecimentos repetidos, memória em colapso.

Por isso fui-me entregue a tarefa de negociar o nosso pequeno patrimônio — único imóvel que possuímos.

Da Lagoa do Saco Grande à cidade de Geremoabo costurou-se a mim a figura do velho Antônio Matias, guarda a quem fui confiado como antigo servidor que era da nossa família. Jamais me fugiu da memória a figura grotesca do sertanejo Antônio Matias. Acumulava-se-lhe toda superstição da gente ignorante do seu ambiente. O seu mundo era a Lagoa do Saco Grande, onde nasceu e viveu como qualquer planta que nasce e fica no mesmo lugar.

Acreditava, discutia e provava a existência real do "lobisomem", da "mula-de-padre", da "caipora", da mãe d'água, e pelos "maçõezinhos", como chamava ele, nutria verdadeiro pavor. Só numa coisa seu Antônio Matias não acreditava: na seriedade dos homens fieis. E para mais acentuar a sua descrença, costumava dizer:

— Aquilo qui éles diz quando tão assentado, quando se ale vantam não sustentam mais...

Como todo homem simples, era iranjo, loquaz, desagregado na conversa e no físico, fiel como um cão, ponderado, cheio de maximas absurdas, religioso ao extremo, precalcado e incapaz de pronunciar uma palavra feia.

No dia aprazado para viajarmos, chegou-me o seu Antônio, pronto, perdido nos panos de uma roupa de brim "Totoró", listas já gasta pelo tempo, cortada e feita pelos moldes de qualquer

costuraria das redondezas; alpercetas de rabicho, cobertas com couro de carneiro curtido; um "capa-cavalo" pendente da cintura, a que ele dava o nome de meu facho; um guarda-peito de couro velho, do qual só se separava para dormir; na cabeça um chapéu amarronado, também de couro, tão sem forma ou semelhança com um chapéu, que mal parecia uma bosta seca de boi equilibrada na cabeça. Finalmente, um "hogó" de pele de gato-do-mato, rajado de estampado esmecido, em que conduzia um pedaço de fumo de corda, um enredo de palha de milho, cortada antes para o tamanho exato do cigarro e o seu célebre "artifício", frito de chifre de garrote, entupido de algodão, uma pedra fígado-de-cigado e uma lâmina de aço de serrete. Deste complicado e esquisito conjunto ele tirava fogo a qualquer hora, com uma técnica invejável.

Eu, nas minhas roupas dominguinas, limpas e fora de moda, parti com seu Matias para Geremoabo, distante trinta léguas bem contadas.

No povoado de Lagoa Preta a notícia da presença de Lampião começou a nos amedrontar. Pelas vizinhanças ainda estavam frescos seus rastros.

No sítio do Quimbo os comentários cresciam com os sustos do povo assombrado. Lampião cruzava pelas estradas com intenção de ser visto.

Pesados de temor e apreensão chegamos, enfim, a Geremoabo, sem a desgraça de encontrá-lo.

A terra do coronel João Sá fervilhava de soldados. Diversas volantes aquartelavam-se nas suas ruas, dando um colorido diferente à geografia da cidade sonolenta e testada de sol. As tropas legais congestionavam Geremoabo, e Lampião, a poucos quilômetros, transitava numa impunidade insolente!

O velho político nos recebeu bonachão e acolhedor. Em poucas horas a venda da Lagoa do Saco Grande estava realizada, sem exigências descabidas ou desconfiaças interceitadoras.

O coronel João Sá abriu, próximo à sua chicara, uma casa desabitada e confortável, onde dormimos, à solta.

O dia que amanheceu em Geremoabo foi uma inundação de luz numa manhã como só o sertão sabe possuir.

O coronel acordou com o quebrar da barra e foi-me logo perguntando:

— Você, quando quer viajar?

— Hoje, e, se possível, daqui a pouco — respondi-lhe.

Não — aconselhou ele. — Você viajaria comigo amanhã. Iremos de automóvel. A viagem é mais rápida e mesmo você leva esse dinheiro. Convém prevenir-se porque Lampião anda à solta e se o encontrar levárá tudo.

E acrescentou:

— O dinheiro é pouco mas serve.

A advertência do velho político convenceu-me. Comuniquei ao meu companheiro que voltaria com o coronel João Sá, de inquestionável. O homem amarrou-me num olhar duro e deixou correr da boca esta tirada de censura:

— É miô a gente andá devagá e chegá depressa de que andá depressa e num chegá nunca. Cachorro pra averrado naíva cuin os óio fechado.

Meus ouvidos se fecharam ao palavrão desprovador de Antônio Matias. Eu, que jamais andara de automóvel, não me conformava em perder a oportunidade que chegava tão de propósito. Para o diabo o velho com os seus conselhos ensombrados de ignorância.

Na casa grande do coronel João Sá o relógio da parede bateu dez horas.

Um sol bonito banhava o casario de Cerreirinho e envolvia de mormaço todo o sertão.

O motorista virou a máquina do automóvel barulhento e, rangendo todos os ferros, a velha engrangem cansada e trópega começou a sua marcha de pulos e solavancos, por uma estrada de buracos, onde até carros de boi ficariam empacados. Nas almoadas traseiras eu e o coronel éramos jogados em todos os sentidos, como objetos soltos, batendo em tudo.

A nossa frente, nos descampados, de vez em vez, manadas de cabras e rebanhos de gado, caudas levantadas em desabalado tropé, corriam espavoridos.

Eu já me havia arrependido de ter deixado a minha montaria, o triste maeio da mula "andorinha", pelo carro do coronel João Sá...

Passavam o Vaza-Barris, rio sertanejo que beija e secunda as caatingas, quando o inverno lhe dá água para correr. Depois da travessia do rio a velha máquina soltou, diminuiu os movimentos e parou. O motorista, paciente e minucioso, juntou o que pôde das peças desajustadas, sugou a mangueira de gasolina, meteu o pé no arranque e o velho carro tossiu, estremeceu todo e se moveu para rodar novamente sobre o leito da mesma estrada, esordida de buracos, quebrada em curvas e marginada de precipícios.

A tarde estava baixando no vermelhão do sol caindo no horizonte.

No tório do Quinto o motorista freou, estancando o carro. A noite dianteira um grupo de homens rudes e esquisitos, chapéus de couro quebrados à testa, em forma de meia-lua, luvas às mãos, cabos de punhal apontando da cintura, cartucheiras pendentes do peito, cruzadas sobre os bornais, postavam-se em atitude de expectativa e ameaça. Uma voz gritou rouca e possante:

— Coronel Bento! Coronel Bento!

O velho João Sá, calmo e senhor de si, deu a resposta:

— Não é Bento, não; é João Sá! Podem se aproximar.

— Ah! É o coronel João Sá! Tá bem.

Um frio gelado mordeu-me o corpo todo. O grupo chegou-se cauteleoso e arisco. Saímos do carro para recebê-los. Todo eu era uma treinadeira só... Na cena o motorista e os fofos figura de segunda classe. Não nos deram a mínima atenção. O coronel era a estréla do espetáculo, a vedete do número, frio, sem nenhuma emoção. Virgulino Ferreira da Silva, este, sim, era o empresário, o dono da festa.

A noite apertava o sertão no seu vestido de viúva. A caatinga enundecia e o gado descia, em fila, procurando os corrais das fazendas. Ninguém viajaria mais naquele dia. A dormida seria ali mesmo, em uma das casas de taipa do povoado.

Até a hora da dormida não me foi possível uma aproximação, em órdo de conversa, com os comandados de Lampião.

O motorista foi o homem mais calado e impenetrável que conheci. Nada lhe chamava a curiosidade. Para ele nada interessava; nem cangaceiro, nem perigo de morte, nem medo, nem noite escura. Nada.

Aquela isolamento, aquela silêncio para a minha língua que nunca está parada, era um pesadelo.

Antônio Matias tinha razão nas suas advertências e eu estava pagando caro o não lhe haver obedecido.

Poi ai que me lembrei do dinheiro que levava, e um suor frio deslizou-me pelo corpo. Dormir perto daquela gente sem escondê-lo, arrematada nocura. Comecei a estudar as partes do meu corpo, onde me fizesse dado ocultá-lo. Debaixo do sobaco, entre as pernas ou no fundo da cernela comprida que naquele bom tempo ainda se usava. Desisti de tudo lembrando-me da sombra do coronel João Sá. Em sua companhia nada me aconteceria. E esperei pelo que viesse com a fatalidade inarredável que consola as criaturas nos momentos supremos da vida.

A hora de dormir, os cabras deitaram-se sobre uns sacos de caroços de algodão em depósito no alpendre da casa, assim mesmo como estavam, equipados, armas ao alcance das mãos, sem soltar uma só fivelha dos seus trajes de bandidos.

Amontoados, dormiam a sono sólio, como se nenhuma preocupação ou perigo lhes perturbassem a alma calcada de crimes.

Na casa vizinha os dois grandes latifundiários: — um de terras o outro de crimes, conferenciavam em surdina, sem bocejos de enjado.

A noite que passou por meus olhos não foi uma noite de insônia. Foi uma noite de véspera de morte, longa, áspera, torturante. Até então a minha curiosidade não pudera ver, demoradamente, cada tipo do grupo. A escridão e o medo me atrapalhavam a vista não me permitindo uma análise fiel de cada um, em separado. Nem mesmo sua majestade o Rei do Cangaço me ficou definido na memória, naquela noite.

Só quando o vigoroso sol sertanejo trouxe a manhã de outro dia foi que os apanhei, de cheio, na curiosidade piedrosa dos meus olhos.

Do pequeno grupo os que tinham maior relevo eram Corisco e Antônio de Engraça. Corriam histórias de que Corisco impressionava por sua beleza loura e muscula. Invenciosas e mentiras. No Diabo Louro das caatingas nenhum traço forte e vivo de beleza, nada que ficasse na sensibilidade de ninguém. Tipo vulgar do sertão caboclo. Um vermelho puxado a sarrá. Cabelo de palha de milho, ásca, rosto salpicado de algumas sardas, nariz aquilino, mãos grandes, de unhas sujas, feições esturricadas pelo vento seco das canículas, orelhas regulares, lábios como todos os lábios em bocas sem linhas diferentes das outras bocas. Olhos de cor confusa, entre o castanho e o azul desmaiado. Corpo de movimentos bruscos, músculos esticados, prontos para a ação; cruel e rápido nas suas façanhas selvagens. Tinha um hábito curioso e de mau gosto; nas suas cartas ou bilhetes exigindo dinheiro dos coroucís, terminava sempre com êstes versos, capelho da sua alma danada:

Quando eu pego no fuzil  
As portas do céu se abre  
Fago tanto defunto  
Que o cemitério não cabe.

Antônio de Engraça, sim: uma estampa mestiça de cores fixas. Amorenado, da cor da terra que o sol queimou devagar. Alto, corpo rijo, reto. Uma rede de músculos ágeis, cordas de aço de um sistema nervoso endurecido por emoções violentas, rosto como parado na fibra em que foi talhado, despreendendo uma simpatia pessoal contagiante. Olhar percorrente de homem do deserto. Piso. Desta fixidez que descarna sem doer, que se infiltra sem se sentir. Voz com as ondulações do abrói rolando das serras, nas várzeas e nos campos. Mãos calosas e curtidas no manejo do rifle, movidas por dedos de uma agilidade da onça pintada. Pés que nem mesmo a sola empoeirada das alpercatas conseguia disfarçar a mobilidade impaciente dos grandes andarilhos. Temperamento aberto num riso natural. Homem que seria bom se não fosse a fatalidade do crime que lhe caiu na vida como um

raio, arrancando-lhe da alma a seiva generosa da bondade e da compreensão.

Antônio de Engraça parecia ignorar a atração natural que saltava dele para os outros e que tantas vezes fizera convergir para a sua pessoa a suposição de que a chefia do grupo lhe pertencia.

Lampião ciumentava do seu comparsa e lhe invejava a qualidade de domínio e de força que lhe brotava de dentro, que lhe vinha do dom espontâneo de dirigir e mandar.

O chefe, o cabeça, que pensava por aquela gente bronca, o capitão Virgulino Ferreira da Silva, perdia-se fisicamente na vulgaridade mestiga do sertão. Vendo-se o rosto de Lampião não se via de diferente da massa anônima de fisionomias sertanejas, espalhadas aos milhares pelo interior do Nordeste. Nada que marcasse uma lembrança, que gizasse na mente um sinal perenável e inesquecível. Um homem comum, um tipo racial facilmente esquecido na semelhança com todos os outros tipos. Estrutura um pouco acima da média, cor apertada, quase escura, vizinha do negro. Rosto terminando pelo ângulo normalmente definido do queixo. Um olho apagado pela cegueira. O outro, no meio um disco negro como carvão, brilho de aço polido, de vidro ao sol, brilho insolente, provocante, ácido, dardejando faiscas que, mal apontavam, mortiam sob as pálpebras. Lábios sem nenhum desajuste sobre a boca, quase imobilizados pelo hábito do silêncio, em movimentos mecânicos quando forçados a falar, mas lábios que vemos todos os dias em toda gente. Não raro, tremendo nos cantos da boca bem talhada, um riso que morria estrangulado pela falta de razão para ser riso, pela ausência de motivos para ele existir. Orelhas bem medidas, em harmonia perfeita com todo o rosto, sem nada a menos ou a mais. Maçãs faciais secas, injetadas no rosto sem dissonâncias de linhas. Rosso que passaria por nossos olhos sem a menor marca que pudesse ser lembrada, que ficasse gravada para recordações futuras. Um par de olhos ordinários sobre o nariz reto, sem saliência notável, nariz feito para ser apenas um nariz qualquer. Atrás daqueles dois vidros um olho só brilhava, vigiava, espiava, esquadrinhava, adivinhava intenções ocultas e pensamentos distorcidos.

O que é certo é que Lampião não era um negro, como tanta gente afirmaram. Foi o que se chama, aqui entre nós do Nordeste, um "cabu-verde", um quase preto de cabelo bom.

As mãos e os braços lhe caíam pelo corpo, em tamanho econômico. Esquilo, quase magro, pés firmes, em passos felinos, em andar macio, meio caído para a frente, como um jaguar em véspera de ataque, prestes a pular, a saltar ou a correr em qualquer direção em a qualquer momento.

Em sua vestimenta de cangaceiro era quase belo. Portava uma elegância selvagem e impressionante, tal a desenvoltura dos gestos e do andar.

Dois coisas me ficaram da sua figura, hoje perdida: o resso entumecido de espinhas e as pernas finas, absurdamente finas, mas tão bem cobertas pelas calças e as perneiras, que era necessário uma observação aguda para notá-las.

Em todo aquele grupo grosseiro o traço de mais humanidade seria, certamente, o perfil de Antônio de Engraça, o mais simpático bandoleiro das caatingas.<sup>2</sup>

O perfil físico de Lampião lembra os traços inacabados de um retrato a que o artista não deu retoque.

Foi assim que vi Virgulino Ferreira e o seu grupo nos idos de 1929. Não sei se vi bem ou se vi mal. Porém os descrevi com a honestidade de que foram capazes a minha observação e a minha sinceridade.

Quando o sol pintava de vermelho as primeiras horas do dia, já os cangaceiros estavam de pé, andando pelas poucas ruas do povoado, uns à procura de bebidas, outros estirando as pernas para as longas caminhadas.

Aqueles homens foragidos da ordem legal esqueciam-me os olhos com as cores extravagantes de suas roupas, sem uniformidade, sem padrão fixo ou um modo certo de vestir. Tecidos fortes, resistentes, duros, em que predominava o mescla azul, cortados em blusas fechadas, feitio matuto, moldes sem linhas marcantes, curtas ou compridas, sem nenhuma preocupação de bom gosto. Qualquer roupa servia para qualquer um, ficasse ou não ridícula no seu desmantelô. O necessário era cobrir, embrulhar o corpo sem sequer preocupar-se com a conformação física do indivíduo. Roupas de cores variadas e tonsidades diversas.

As blusas ostentavam algibeiras com portinholas em forma de triângulo, prissas com botões brancos de madre-pérola. Calças curtas e estreitas a partir dos joelhos, coberias por perneiras de couro macio, enfeitadas de ilhos brancos e botões rápidos.

Chapéus que podiam ser de couro ou de baeta, cobertos de brim cáqui com debrum de couro, dando, de longe, a impressão de ser também de couro, usados de um só jeito, quebrados para cima, adiante e atrás, presos por uma testeira e um barbacacho, vendendo-se ainda uma coxilha do mesmo tamanho e feitio que prendia o chapéu atrás, pela nuca, e à frente, pela testa. De ordinário, estes chapéus eram enfeitados com estrelas ou signos de salomão. Chapéus quebrados a "meio-pau", em forma de meia-lua, que eles também chamavam de chapéu aguaribado. Aprumavam-se em cabeças de todos os formatos: cabelos assanhados, sujos, crea-

pos, ruína, cabelo de negros, de mulatos, de brancos, cabelos farras, desgrenhados, cobrindo as orelhas, a testa, derramados sobre o pescoço, descendo em tulhos desenrolados por onde o pente não passara, empoeirados, piolhentos, repugnantes, sempre lambuzados de óleo ou brillantina.

Só o calçado obedecia a uma certa uniformidade, a um certo padrão de feitio e uso. Todos calçavam apercatas da "Pedra de Delmira Gouveia", mais tarde chamadas de alpercatas "ferradas", feitas de sola macia, bem cortida, cobrindo todo o peito do pé, terminando por um orifício pelo qual aparecia o dedo grande e o seu vizinho; calcinhar desoberto, protegido por uma correia abotoada de lado por uma fivelha de metal ordinário.

Um cangaceiro bem vestido e bem equipado é qualquer coisa de complexo, de incrível na quantidade de objetos que carrega consigo.

Por baixo da blusa estão as cartucheiras das armas curtas: pistolas, parabéuns, os revólveres. Dois cobertores enrolados em forma de charuto, cruzam-se à tiracolo, forrando bem o peito: em um e outro quadril, as pontas terminam amarradas, aparecendo em ambos os lados da cintura, sobre as cartucheiras. Dois bornais: um para comida, o outro para a roupa, trançados também sobre o peito e caíndo aos lados, engrossando, avolumando o tronco. Completando os dois primeiros nota-se um terceiro bornal, fazendo par com a célebre "fogosa", a que comumente chamam de "papo-de-ama". Neste último, é onde vai a munição sobressalente. Estes bornais são feitos de uma massa grossa, quase preta, conhecida por "farinha com pólvora". Em cada um destes bornais eram desenhadas em letras de cores vivas as iniciais do nome do seu dono e estavam presos por uma fivelha que os ligava entre si, deixando-os bem seguros para melhor locomoção.

O cantil, a espoleta ou borracha para água, uma latinha de flandre dividida ao meio, em sentido vertical, para o café e o açúcar; uma caneca de alumínio ou ágata, tudo isto por sobre as cartucheiras descobertas, para maior facilidade nas horas de combate.

Em cima do peito entrelaçavam-se ainda duas grandes cartucheiras, as chamadas cartucheiras rosário, enfileiradas de

balas. Por entre uma e outra aparecia o cabo do punhal ou da faca, com bainha de metal branco, medindo de cinquenta a setenta centímetros, de afiada lâmina.

Como retoque do equipamento, prêso por uma correia macia às cartucheiras à altura do peito, o par de luvas que serviam para cobrir as cortas das mãos, contra macambira, o quipé e o censango.

Pela primeira vez vi um punhal de três quinas, folha em triângulo, de aço puro, ponta fina, cuja única finalidade era matar e sangrar as vítimas daquelas feras humanas.

Merece atenção descritiva especial a "fogosa" a que me referi em linhas anteriores. É uma "capanga" de couro currido e maleável, obra, inegavelmente bem trabalhada, feita nos moldes e costumes do sertão. A pelica branca e o vésper peite davam-lhe um realce muito a gosto do sertanejo. As fogosas, comumente, se compunham de cinco compartimentos ou camarinhas: na primeira delas, escondiam-se os objetos sagrados da superstição: orações fortes transladadas em papel amarelecido pelo tempo, patuás, estampas de santo, crucifixos e nunca faltando o retrato de "meu padin Cão do Juazeiro"; na segunda camarinha se encontravam as jóias e objetos de valor: anéis de todos os tipos e tamanhos, moedas antigas e as moedas "lilhas de jacaré", exortadas das coronhas; na terceira vinham os remédios ou a farmácia: tintura de iodo, água forte, pomada de São Lázaro, pílulas de Joannes, linha e agulha, algodão, etc.; a quarta era o estojo de perfumes: brilhactina, óleo, extratos e essências heréticas; na quinta e última conduzia-se o fumo de corda, a mortalha de palha de milho para embrulhar o cigarro, o cachimbo e o fósforo.

A "fogosa", como caixa de Pandora, era um ninho de surpresas.

Toda essa série de coisas, necessárias e imprescindíveis à vida nômade dos bandidos, não devia pesar mais de trinta e dois quilos, inclusive o fuzil ou o rifle.

O admirável em tudo era que o equipamento se ajustava tão estreitamente ao corpo de cada um deles, que podiam, desembarracadamente, montar a cavalo, correr, pular, sem esforço, quase livremente.

Assim se vestiam os cabras de Lampião, o grupo feror das caatingas, convindo não esquecer o último detalhe, a derradeira pinçada que dava um toque de facinrie à indumentária dos homens do cangaço: o famoso e inseparável lenço jabiruca, stado ao pescoço, as pontas juntas e presas por uma aliança ou anel.

A fascinação do traje, o temor e o respeito que circavam de fama o nome dos cangaceiros, tentavam os rapazes ignorantes e embrutecidos pelo meio, induziendo-os, não poucas vezes, para a carteira do cangaço.

Eram tantos os que queriam abraçar a vida do banditismo, que seria enorme o efectivo do capitão Virgulino, se assim ele o quisesse. Mas como grande estrategista que era, Lampião sabia que quanto maior fosse o número de seu grupo, maiores seriam as dificuldades.

Com o sentido de observação que em mim se tornou um hábito, colhi todos os detalhes dos tipos e das vestimentas da cabocreira do capitão Virgulino, e a memória os retém, até hoje, vivos e indeléveis. Não omiti quase nada, ou se o fiz, devo à pressa do coronel João Sá em querer reiniciar a viagem, tão abruptamente, interrompida naquela travessia pouco habitada do sertão baiano.

Finda a conferência dos dois manda chuvas, do político poderoso e do cangaceiro temido, entramos no automóvel, eu e o motorista. O coronel João Sá jogava toda a sua habilidade diplomática para se livrar, em paz, da companhia e das exigências de Lampião.

Lá pelas tantas, já visivelmente, contrariado, falou com tranqüilidade a Lampião da sua necessidade inadiável de viajar. O senhor das caatingas não lhe armou nenhum obstáculo. Não demonstrou vontade de retê-lo naquele encontro. Apenas perguntou-lhe:

— Vai a Simões, coronel?

— Não. Vou a Bahia, Capitão. E quero saber se na capital posso dizer que entrei com o senhor.

O riso nos lábios de Lampião apontou com uma ironia de fazer dó. E respondeu incisivo:

— Pode! Prisque não? Mais diga a Vitória Soure qui eu mando dizê que non quero esse negócio de iatrada de rodage na caatinga não. E diga mais que non mande mi pricigui cum macaco armado de rifle não. Si não de trinta tiro im diante vó matá todo de iaca. Num fica um pra conta da iatrada.

— Pois não, capitão, darei o recado.

Ainda duvidando se lhe era permitido viajar ou não, o coronel Jólio Sá indagou comigo receoso:

— Como é, capitão, posso ir?

— Pra mim já podia tê' ido. — E lembrou com entonação dura na voz:

— Nun' si esqueça do qui lhe diche onte diante.

Pela primeira vez os meus olhos viram, sem acreditar, como um coronel rico do sertão temia e respeitava as ordens de Lampião. Os papéis estavam trocados: o capitão mandava e o coronel obedecia.

A essa altura o motorista dava voltas na manicula para virar a máquina do velho Fordco, a novidade da época. Sacudindo-se todo, aquele monstro de ferro entrou a trabalhar, botando fumaça, falhando, atirando pelo cano de escape, como uma metralhadora. Os cangaceiros, curiosos, assistiam àquilo tudo tomados de uma admiração bêsta e apalermada. Quando o motorista passou a marcha e arrancou, um deles deu um salto de medo e gritou:

— Tá bêba, peste!

Um rumor grosso de risadas rolou pelo ambiente.

— Saia devagar — ordenou o coronel ao motorista.

Só depois de coberta a primeira curva foi que o volante afundou o pé na tábua e o velho carro tanto roçava como corria.

No percurso um silêncio enervante fechava todos os lábios. Ninguém dizia nada. Todos enclosurados no seu mundo interior, perdidos em pensamentos e recordações daquela convivência forçada, daquela noite insone, entre medo e apreensões. Eu sentia na boca a língua querendo bater, as palavras a palarem nos lábios para perguntas curiosas ao coronel. Mas o respeito que dele vinha para mim, a distância que sempre separa a sua classe endinheirada da minha classe de agricultor pobre, trancava-me no íntimo o desejo de conversar.

De repente, foi o próprio coronel quem, sem se conter mais, abre motivo para o desafogo de um silêncio enervador.

— Mais devagar, rapaz! — grita ele para o motorista.

O choper, entretanto, ou porque não oviu ou porque não quisesse atendê-lo, manteve a mesma disparada pelo céu furado da perigosa estrada.

— Mais devagar, rapaz, não já lhe disse!

A ordem do coronel era cheia e autoritária.

Sem despregar a vista da estrada, o motorista respondeu, voz trêmula, transtornada ainda de pavor:

— Seu coronel, é melhor a gente morrer de desastre do que morrer de desgraça.

E ninguém disse mais nada. A voz de cada um parecia haver morrido na garganta.

O coronel João Sá, conformado ou não com a resposta do choper, também se recolheu numa moedez inabordável.

A nossa frente a estrada se estirava sobre o chão tornado da caatinga, estrangulada pela barroqueira cavada no raso de um terreno incerto, varrido pelo vento abrasador de verão.

O sol estava no meio do céu quando a cidade sergipana de Simão Dias quebrou, com o seu casario branco, a monotonia da paisagem agreste e deserta. Nela, para mim, terminaria a viagem de que nunca me esqueceria; a viagem que me sacondiu os nervos de abalos profundos, diante do mais fumigerado cangaceiro do Nordeste, cuja figura viveria no resto dos meus dias como uma sombra de pesadelo e terror.

A porta da igreja da cidade o automóvel parou para que me despedisse do coronel João Sá.

— Deus os leve — foi só que pude dizer ao chefe de Gervásio Abreu, ainda duvidoso de possuir voz para falar.

Só, na cidade que eu tão bem conhecia, dei graças a Deus de haver saído de uma aventura que não procurei, com vida e iluso de qualquer agressão, a não ser abalado e quase traumatisado pela emoção que me roeu o sistema nervoso e que ainda hoje me faz tremer diante de suas recordações.

Os meus pés me arrastaram para a rua onde eu morava e onde me refiz, mais ou menos, de tudo por que passei e das angústias que me torturaram naquelas horas que podiam ter sido as últimas de minha vida. O meu primeiro ato foi apalpar o dinheiro da venda da fazendinha. Desejava contá-lo, conferi-lo,

sentir na ponta dos meus dedos o contato das seis "pelegas" de quinhentos, espalhadas em diversos esconderijos da minha roupa. Apesar dos esforços que fiz para não escondê-las, apesar da confiança que eu tinha na presença do coronel João Sá, apesar de saber que, com ele, o meu dinheiro não seria roubado pelos bandidos, apesar de tudo, não consegui em nada nem em ninguém. Só fiquei um pouco mais tranquilo quando as escondei, duas na lapela do paletó, duas na bainha das calças e duas entre a palmilha e o solado dos sapatos. Ao tirá-las, algumas não cheiravam bem, mas nem por isso perderam o seu valor intrínseco.

Em matéria de dinheiro o sertanejo não confia na honestidade de ninguém, tanto mais em meio a um grupo de bandidos, para quem o direito de propriedade não existia.

A minha confiança no coronel João Sá era imensa. Entretanto, entre uma quadrilha de bandidos, assassinos e assaltadores, dinheiro e mulher despertam cobiça irrefreada. Escapei ileso com o meu dinheiro, o que foi uma grande façanha. Dei conta do negócio da fazenda e entreguei o dinheiro ao velho meu pai.

Oito dias depois, viajei para Itabuna, no sul da Bahia, cidade rica que o cacau às vezes tinge de sangue. Cidade que nasceu da bravura dos mais fortes na conquista da terra. Cidade onde os aventureiros, seduzidos pela miragem da riqueza, escreveram as páginas mais incríveis de audácia e de coragem.

De Simão Dias a Itabuna a distância é longa e, naquele tempo, exigia do viajante a resistência que marca os homens de força de vontade.

Na minha jornada para o sul da Bahia tive que passar pela capital do Estado. Na estação de Calçada, na Cidade do Salvador, um fato chocante deu-me na vista. Um jornaleiro gritava a "Folha do Roceiro", de Mário Paraguassu, jornaleiro que se nutria de escândalos. A primeira página estava tomada, quase toda, por um clichê em que o governador Vital Soares aparecia chorando, ao lado de Lampião, este de fisionomia risonha e lábios contruídos. Não era uma sátira. Era muito mais, era uma humilhação ao primeiro magistrado do grande Estado.

Instantâneo de uma época e sinal do fim de alguma coisa.

Ao me levar para Itabuna a sedução de dinheiro, os fatos sobre Lampião tomaram um caminho mais sério e alarmante. O governo da Bahia sacudiu-se da letargia em que madurava e começou a atacar, de falso, o problema do cangaço. Lampião era um segundo governo no sertão. Um tiranete acompanhado de criminosos frios, valvulas abertas por onde corriam os instintos selvagens de uma sub-raça faminta e injustiçada de que ele era um símbolo e um exemplo.

A vida de crimes engrossara tanto, que batera às paredes dos palácios governistas como um insulto e um desafio. A Bahia, a professora que sempre ensinou cultura ao Brasil, conspurcada na sua dignidade, ergueu-se para eliminar o cangaço que assassinava por esporte, e arrancar de vez a fístula que supurava em suas carnes.

Criou-se então a chamada Campanha contra o Banditismo do Nordeste. Os moldes em que foi medida e cortada fizeram-na fracassar. Para varrer das caatingas um grupo de menos de vinte homens desviados, pensaram ser bastante um oficial com vinte ou trinta praças, pobres soldados desmobilizados e inexperientes nas lutas das caatingas.

A polícia do calçamento é, absolutamente, incapaz de brigar e combater só a selvagem do sertão e de resistir aos sofismos nas jornadas terríveis através de uma natureza inimiga e bárbara no seu clima, na sua água, na sua alimentação.

Um cerrado de caatinga fechada é uma fera agachada escondendo os passos de suas vítimas para derribá-las com a morte. É preciso conhecê-la em todas as suas manhas, minâncias e traços. A macambira rasteira nem um retalho de sombra num chão

duro, ardente e escaldante, estendido como um lençol entreto sob um sol de raios fixos que espetam como agulhas. O deserto raso dos descampados, oprimido num silêncio morno que asfixia, num bafo de febre que entorpece e, por vezes, alucina. Os caminhos em espirais de serpente, jogados em subidas e descidas exaustivas ou sumidos no desconhecido da região. Os espinhos, armas com que a caatinga se defende dos seus invadores, dissimulados na terra, agressivos nos ramos, nos caules dos arbustos envergados, dilacerantes, pontas duras à espera de rasgar músculos, estraçalhar roupas, sangrar a carne.

Tem-se de conquistar a intimidade da caatinga, conhecê-la, palmo a palmo, o comportamento, a geografia angustiada dos cerrados ou das clareiras, as chamadas caatingas ralas, riscadas de veredas, de trilhas sem direção, árvores, que não levam a parte alguma, movediças, em estirões incertos; decifrar-lhe os segredos, os enigmas vivos no mapa da paisagem raquítica e enjeizada.

Sómente com a paciência temperada de uma energia indômita, de uma resistência incomum, é possível dominar a caatinga, vencê-la, subjugar-lá, servir-se dela como arma de defesa, como estratégia na repressão aos grandes fascinoras do sertão.

O cangaceiro a escolheu para protegê-lo. Anotou-a para o seu esconderijo porque a entende e conhece como ninguém. Tem decorado o lugar que o isola da caça da polícia e do braço da lei. Embrenha-se nela, escorrega pelos seus devãos, subtraí-se, como que se enterra nas suas entranhas, nas suas voltas, nos seus escuros. Desaparece como engolido pelo solo acidentado. Por isso fracassaram os homens que conseguiram as volantes da chamada Campanha contra o Banditismo do Nordeste. E para que se tenha uma idéia do que ela foi, aqui vai a descrição das primeiras volantes que saíram do calçamento de Salvador para o inferno das caatingas.

Para organizá-las havia, antes de tudo, a lentidão de uma burocracia estúpida e contraprodutiva. Começava com a ordem do Governador, merosamente, submetida a pareceres e estudos! Vencida a primeira etapa, a ordem passava para o Comandante que reunia o seu Estado-maior e escolhia o oficial que comandaria a volante. O oficial escolhido para a chefia mandava formar a

companhia e passava em revista soldados de peitos salientes, pernas retesadas e corpos num vertical impecável, após o que o oficial gritava:

— Aquêles que quiserem ir comigo combater Lampião, dêem um passo à frente.

A companhia toda queria brigar, acabar com Lampião e, sem exceção alguma, dava o passo gritado pelo comandante.

Aquela prova de heroísmo em formatura não podia ser agradada, pois cada voluntário não devia contar com mais de vinte ou trinta soldados.

Feita a seleção, os escolhidos iam-se preparar para a partida.

No dia seguinte a tropa estava na estação de Calçada, da Leste Brasileiro, alojada nos carros dos trens, o povo despedindo-se, mães e noivas chorando, os colegas, não escolhidos, tristes por não terem tido a sorte de combater Lampião.

E o trem disparava de linha a fóra, no começo devagar, resolegando, depois vertiginoso, rápido, veando.

A soldadesca, ainda com os ouvidos cheios do último som da corneta que os reunira para a viagem, cantava, numa música barata, esta canção rústica e sem nexo, mas profundamente significativa, dado o estado de espírito daqueles que iriam combater:

Adeus Amélia!  
Vou decidir minha sorte  
Eu vou pro norte  
Vou brigá com Lampião.

Vem ou não vem!  
Mais eu quero é pra quê quer  
On na cravá pra cadeia  
On na rede pra címitero.

As últimas notícias diziam que Lampião estava agindo nas imediações de Geremoabo, Santa Brígida, Serra Negra e Deodáu. Para chegar a estes lugares a tropa tinha que viajar pela cidade de Simão Dias, uma vez que por Serrinha, àquele tempo, não havia estradas de rodagem.

O noturno que conduzia a volante, na manhã do dia seguinte os despejaria na estação de Salgado, onde já havia um caminhão à sua espera e que os conduziria até Paripiranga.

Ao meio-dia entravam em Simão Dias. O entusiasmo ainda era o mesmo. O corneteiro como que a estourar as bochechas, enchia toda a cidade com as notas marciais de sua corneta, chamando a atenção do povo. Cada soldado sonhava ser um herói, matando Lampião a ferro frio ou com um tiro certeiro e voltando coberto de aplausos populares, contando mais ainda com uma promoção na sua carreira militar.

E assim partiam, explodindo em cantigas e risadas, pilhérias e conversas animadas.

Naqueles tempos distantes as rodagens ainda eram poucas e terminavam em Paripiranga. E quando a tropa começava a pisar as caatingas a aventura ia-se tornando menos alegre e mais séria. Aquéllos pobres homens fardados tinham agora pela frente um terreno desconhecido, jamais andado por seus pés, calçados de reijunas, afetos sómente ao calçamento de Salvador. A sua dianteira estiravam-se as veredas traçadas na superfície frouxa da caatinga rasa e interminável.

Aquelas figuras causadas começavam uma jornada que nem elas mesmas sabiam qual seria o preço do sacrifício que iriam pagar. Os primeiros quilômetros, as primeiras léguas, eram vencidos ainda entre conversas esparsas, depois monossilábicas e finalmente em silêncio.

Era o primeiro combate da volante em busca de Lampião. Combate sem tiros, mas um combate árduo, terrível, aniquilador, em que o homem lutaria, corpo a corpo, contra uma natureza intratável, muda, fechada, desconhecida.

Até aos sessenta quilômetros a tropa se movia com relativa resistência, mais ou menos forte, mas já aos tropeços, molhada de suor, sedenta, as pernas doendo, os pés trópegos, pressados, lerdos, pisando agora um terreno raso, arenoso e frouxo. Horas mais tarde a odisséia se desenhava nos semblantes abatidos, nos corpos curvados, nos membros mordidos pelo sol, moídos pelo cansaço, esgotados, curvados ainda ao peso do armamento. Vistos de longe, pareciam umas procissões de fantasmas perdidos na



Como bons sertanejos, José de Filipe, pai de Maria de Déa e Joaquim Góis, autor desta narrativa, numa conversa amigável, limpa de ódio e cheia de recordações, relembram episódios da vida de Lampião.

solidão insuportável da caatinga. Uma procissão de sombras indecisas, ambulantes, perguntando, a quem encontrava, para onde iam... Qual a cidade mais próxima... o povoado menos distante... a pousada mais perto...

Naquele estado Lampião poderia castigá-los até com palmas-das nas nadegas, se assim o quisesse, ou sargrâ-los devagarinho, tranquilamente. Ninguém pensava mais em brigar. Pensava-se no medo que doia no coração caso o capitão Virgulino Ferreira surgisse de dentro da caatinga para trucidá-los. Ninguém falava. E quando o faziam era para protestar, para pedir socorro, para blasfemar, maldizer, reclamar, enfurecer-se inútilmente.

Ao alcançarem qualquer cidade, vila ou povoado, levantavam os braços para o céu. Era o gesto de salvação. E ali ficavam como se fossem mortos, como se fossem os seus donos. Deshortavam-se das provações curtidas na viagem.

Lampião sabia de tudo e zombava dessas volantes incapazes e impotentes nos seus resultados como combatentes contra o cangaço. Quando o rei das caatingas iba dava alguma importância, era para recados humilhantes, insultos e pesadas chicanas.

Quando muito, essas volantes transitavam de cidade em cidade, de povoado em povoado, na pretensão de encontrar Lampião pelas estradas, como se ele fosse um simples caixeiro viajante. Os oficiais mais dispostos e sinceros chegaram, por fim, à conclusão de que não era possível combater com aquela pobre gente!

Foi nesta oportunidade que surgiu a ideia da criação dos chamados Sargentos Provisórios. Um Sargento Provisório não era mais nem menos do que um sertanejo valente, honesto e conhecedor dos segredos da caatinga. A estes eram entregues um grupo de homens de número igual ao das volantes, bem armados e municiados e eram chamados pela alcunha de Contratados, pertencendo o mesmo sólido de um militar e mais algumas regalias.

Os Sargentos Provisórios fizeram história no sertão, por sua bravura, e ainda hoje todos os caatingueiros e sertanejos conhecem o nome de José Rufino — a dor de cabeca de Lampião. Como homens do sertão, traziam a geografia do terreno na ponta dos dedos. Nem o próprio Lampião seria capaz de superá-los. Entre os Contratados a experiência do Sargento Provisório escolhia o

melhor dêles para rastrejá-los. Foi uma figura imensa a desse homem bronco e humilde, guiando a tropa sobre os rastros dos bandidos. Os seus sentidos adivinhavam os sinais, os vestígios deixados nas veredas, no itinerário do inimigo. Tudo para ele tem um sentido, um significado que o leva ao rumo certo. Um cão perde para ele no faro, na agudeza, na penetração dos detalhes. Esse novo sistema seguido pelas forças começou a produzir efeitos. O soldado já ambientado com a caatinga, não era mais aquele soldado de culote engomado, de perneira Parati da rua Chile. Era agora o soldado de alpercatas "ferradas" e de "jabiraca" no pescoço.

Os combates sangrentos, os tiroteios freqüentes nos coibos, as mesmas emboscadas, a mesma estratégia deram em desnortear os planos do capitão Virgulino. O rei das caatingas ficou menos confiante, mais cauteloso, menos visto, mais astuto e, se possível, mais perverso nas suas investidas. Queria vencer pelo temor e pela selvageria.

Até aqui, Sergipe, na luta é apenas espectador. Acreditava que a estreiteza da sua área territorial fosse um argumento que afastasse Lampião do seu interior. Essa crença não demoraria a ruir. Lampião visitaria Sergipe e nela moraria — assim estava escrito pela mão da fatalidade.

A sombra da morte desabou sobre o sertanejo sergipano quando os pés de Lampião deixaram os rastros no barro das fazendas e nas arcas das caatingas do pequeno Estado.

A gente do campo e dos roçados, os grandes fazendeiros e os pequenos agricultores, o homem humilde, o vaqueiro, o trabalhador do coto, o desgraçado da estrada, a sub-humanidade que se arrasta, rangida pela fome, ao longo dos caminhos, iria sucumbir sentindo na própria carne os efeitos maléficos da caravana sinistra de Virgulino Ferreira.

Lampião era hóspede de Sergipe e com ele vinha a morte enbinhada no seu ponhal e oculta no cano do seu fuzil. E como uma desgraça nunca vem só, formaram-se as volantes para combate-lo. Entre as duas forças que se combatiam, o sertanejo, assediado de todos os lados, era jogado de uma parte para outra, no valívia da morte e do sofrimento. Ameaçado pelos bandidos, ou era coitado ou morria. Perseguido e açoitado pelas volantes, ou lhes dava conta dos bandidos, ou tombava ensanguentado pela flagelação do chicote e dos castigos brutais.

Sohéjo das súcas e da fome, escravos da exploração dos coronéis, o sertanejo já não tinha mais carne para a voracidade da sorte que o brutalizava todos os dias. Mal refeito da estiagem de 1928, alentava-o a esperança de um inverno salvador em 1929.

Começaram a cair as primeiras chuvas. A terra sacudia dos campos torturados os farrapos da seca. Os esqueletos das árvores cobriam-se do verde tenro das primeiras folhas e os rios cantavam na correnteza das cheias barrentas. Nos roçados os homens plantavam as primeiras sementes. O serão todo arregimentava si

pocas forças que lhe restavam para arrancar da terra o pão e a furtura.

Mas com a alegria das churras surgiu no cenário tão cheio de esperanças a trágica tempestade da morte, viva e palpável, no grupo de Lampião. As célebres surras de "pinhão", os espancamentos, os insultos à honra do pobre sertanejo, a falta de respeito à pessoa humana, foram o princípio de uma história tecida de injustiças e erros inomináveis. O caatingueiro pagava um saldo pesado demais.

A presença de Lampião na fronteira Bahia-Sergipe estava produzindo os primeiros frutos. Frutos de sangue e lágrimas naqueles começos latídos do ano de 1929. Próximo estava o dia em que o rei do cangaço violentaria a paz e a tranquilidade do sertão sergipano.

Na manhã de 1º de março, depois de um almoço festivo e farto, puxado a perna gorda e a bebidas deliciosas, em casa do delegado de Beberibeiro, no Estado da Bahia, trocada as montadas, bem nutrido e forte, Lampião partiu, rumo a Sergipe. Ao escurecer do mesmo dia entrava na entlo vila sergipana de Carira, comandando apenas seis homens.

Ao sentir que a população lhe batia no rosto as portas dos seus lares, espavorida e medrosa, disse para ser ouvido por todos:

— Não tenha medo, minha gente. Não é nada não. É Lampião qui vai intrano, goraso, amado e querendo bem. Sem raiva, é bom como doce de coca. Assanhado, é salmantas.

Destacavam, nessa ocasião, em Carira, seis soldados, incluindo-se o sargento Adalberto, comandante da pequena força policial, número, precisamente, igual ao dos invasores da vila. Como que devorados pelo silêncio ou engolidos pela anséia, os soldados desapareceram. Os mantenedores da ordem pública eclipsaram-se na prudência da fuga. Só quando veio a notícia de que Lampião garantiu nada fazer contra os amedrontados habitantes de Carira, foi que as fardas da lei voltaram ao quartel.

Lampião declarou, divertido e eufórico:

— O qui eu quero é dança e me diverti.

E dançou durante toda a noite, a cachaçada rolando, o bom humor ecoando na gargalhada da cabroeira quase ebria.

Não houve um tiro, uma pushalada, um arranhão em ninguém. Todos foram respeitados nas suas pessoas e nos seus baveres.

O sol já começava a fazer a manhã do dia seguinte quando Lampião, à testa do grupo, deixou Carira, ao som forte e descontado desta canção insolente:

A Bahia tá de luto  
Pernambuco de sentimento  
Sergipe de porta aberta  
Lampião sambando dentro

Alagoas tá descansando  
Bahia caiu na mira  
As volantes de Sergipe  
Tem armas mas não atira

Uma nuvem vermelha de poeira levantou-se na estrada entre o grupo e a vila, desaparecendo nas dobras da caatinga, sua grande aliada.

A presença de Lampião em Sergipe, tomado de surpresa uma pequena vila, não teve em Aracaju maior significação. Não chegou a ser um acontecimento, nem provocou sequer o alarme de um boato agitador. Correu como corria uma notícia qualquer, como um fato sem expressão. Oito dias depois era uma novidade perdida no rodar contínuo dos acontecimentos.

Para Lampião, como caixeteiro viajante do crime, o sinal verde estava sempre aberto às suas correrias livres nas estradas sergipanas.

Dois meses depois, no dia 21 de abril, amanheceu ele na cidade de Ribeirópolis, como um turista qualquer em passeio pelo interior. Três praças da polícia estadual eram a ordem pública da cidade: o sargento José Pimenta e os soldados Caruza e Zé Bala. Foram apanhados no ôcio em que vivem os soldados quando destacados no interior. O sargento estava no fundo do quartel quando entra o soldado Zé Bala engasgado de medo, mastigando um recado:

— Sargento, tomo desgraçado! Lampião tá ai lora com a cabroeira toda e diche qui qué falá com o sínhô.

A emoção da notícia deixa o sargento sem fala e, como um condenado à fôrca, move-se ao encontro de Lampião.

Recebe-o o Diabo Louro, boçal e autoritário, que vai logo indagando:

— Quantos macacos você tem aqui?

— Três — explica o sargento. — Es e mais dois

— E cada o ôto — quis saber Corisco.

— Tá em casa — afirma o sargento.

— Intonce mande chamaí élé — ordena Corisco.

O sargento determina ao soldado que o acompanhe para que vá chamar o colega.

— Não. Isso não sai mais daqui — sentencia Corisco.

Aparece nesse instante a figura sinistra de Lampião e o diálogo é interrompido. O chefe da milha de celerados volta à Estação Telefônica onde testara, sem conseguir, falar com o coronel Otoniel Dórea, chefe político da cidade de Itabaiana. Ao deixar a estação techou-a e trouxe consigo a chave.

Era o isolamento de Ribeirópolis, o bloquio, a incomunicabilidade que garantia a relativa segurança do bando-leiro e seus assedias.

Decisões outras foram tomadas em relação ao armamento e à munição dos soldados.

A população ficava assim entregue à vontade e aos desejos da cabroeira de Lampião.

O sargento Pimenta foi chamado à parte pelo Capitão que lhe fez algumas perguntas, resultando dessa conferência o conhecimento das pessoas que tinham dinheiro, cuja arrecadação subiu a quase trinta contos.

Depois de servido um café matinal, com o que as padarias possuíam de melhor, e fartamente alimentados, a ignorância vaidosa do cangaceiro começou a fazer exigência. Mandou chamar um fotógrafo para tirar o seu retrato, em muitas posições, onde o seu rosto vulgar ou o seu corpo ágil, aparecesse como uma recordação rara da sua passagem por Ribeirópolis! O sargento Pimenta era figura obrigatória na mesa e nos fotos.

— Quero o retrato meu e dos meus "meninos" bem tirado — declarava Lampião, cheio de arrogância grossa.

Na dureza de aço daquele homem a brecha por onde se podia penetrar era a sua vaidade. A mania de tirar retratos, de exibi-los, de chamar a atenção era o seu fraco. Tinha rostos como éste:

— Consigo carrego três coisas: muito dinheiro, muita coragem e muita bala.

No seu estrábico modo de ver, a vida não tinha problemas que não se resolvessem com essas três coisas.

Batidas as fotografias, Lampião vai mais uma vez à Estação Telefônica. Agora é mais feliz: comunica-se com o coronel Onofre Dórea e o diálogo nas duas pontas do fio é rápido e meio jocoso.

— E Dorinha qui tá falando? Aqui é Lampião. Como é, Dorinha, eu queria ir a Tabajara, como é?

— É arriscado, capitão.

— Qui nada, colega, não vai té nada não.

— Você é quem sabe, Capitão. Acho um pouco perigoso. Aqui temos quarenta homens em armas.

— Apois eu vou, Dorinha, pra librentá Lampião é príncipe qui o bone tenha nascido óta veis e tenha mais de dois...

E um riso seco vibrou do fone aos ouvidos do coronel.

— Não arrepare de eu tá lhe chamando de colega não, coronel, é qui você é cuma eu mesmo, só tem um ócio.

Outro riso velhaco e estridente alfinetou os timpanos do coronel. E arrematando o diálogo Lampião foi positivo:

— Adeus, Dorinha! Até Tabajara.

Battu o fone e deixou o chefe político da cidade serrana num grande suspense.

Para a cidade de Frei Paulo soprou o mesmo aviso, dizendo que o esperassem. Sentia vontade em fazer-se anunciar como visitante às cidades mais próximas.

Era ali pelo meio-dia quando, ao despedir-se de Ribeirópolis, quis antes deixar uma lembrança na memória do povo. E reuniendo a garotada curiosa que o acompanhava pelas ruas, jogou moedas cheias de moedas de prata e níquel para que esta as apanhasse. Assistiu à balbúrdia e a algazarra dos pequenos com uma alegria quase infantil. Quando o tumulto da criançada estava no auge,

aparece um desses tipos de rua, comuns em todas as cidades: o velho João Punga. E entra a disputar com os garotos a posse de algumas moedas. Um dos cangaceiros vibra-lhe três trenções chicotadas. Um urro imenso enche a rua e o velho se contorce em dores, todo mijado.

Durante as horas que Lampião demorou em Ribeirópolis, de quando em quando perguntava:

— Quem é aqui qui conhece Zé de Geraldo?

Esta pergunta era repetida insistentemente, mas ficava sempre com uma resposta vaga e incerta.

A hora da partida, antes de montarem em seus cavalos, Lampião chama José Pimenta e o soldado Zé Bala. Ao sargento deu um forte abenço e ao soldado covidou para que o acompanhasse. O soldado não recusou, entretanto alegou que daquela vez, não: mas que de outra, iria. Zé Bala era Pernambucano e, além disso era também conhecido e amigo de um dos cangaceiros.

De Ribeirópolis rumou para Frei Paulo. Ao passar pela Fazenda "Bate-Querer" Lampião deu de cara com um matuto e folhe perguntando:

— Você conhece Zé de Geraldo?

— Conheço, sim senhor.

— Apois torme essa carta e vá levá a ele. Tá uvina, seu cabra de peia?

— Tô sim senhor! — respondeu o homem.

O matuto com a carta largou-se de estrada a fora. Só a frieza de um serranejo envelhecido nas asperezas do meio em que viveu teria a calma que teve José de Geraldo ao receber a carta das mãos de Lampião, a ele mesmo endereçada. Sim, porque aquele matuto de chapéuzinho velho de couro e roupa remendada, não era outro senão o mesmo José de Geraldo que tanto interessava a Lampião.

Em Sergipe, Lampião, com entrada em duas cidades, sem resistência e sem ser molestado, continuaria a ser presente em muitas outras. Mas a terra de cuja resignação estava abusando, achar-se-ia no futuro, para tragi-lo e pôr fim à sua carreira criminosa. Verdade que não seriam as armas sergipanas que o eliminariam, mas seria na terra sergipana que a sua cabeça e o seu corpo se dividiriam em dois troféus trágicos e — por que não dize-lo? — em duas lembranças de uma selvageria inconcebível.

## VIII

O boato tem sobre as multidões um efeito psicológico imenso. Explode como dinamite e levanta as massas humanas para as agitações momentâneas que provocam inquietações, revolta, covardia ou heroísmo.

O boato que cortou Aracaju ao meio, com a notícia de que Lampião estava apenas a sessenta quilômetros dos seus arredores, empurrou o povo às ruas, em protestos e ameaças.

Um bandoleiro, pelo fato de ser valente, não podia ter a pretensão de intimidar uma Capital, culta, civilizada e heróica. Nenhum insulto doeu mais nas tradições da cidade e na dignidade de seu povo. O telégrafo trazia das zonas invadidas pelo bandido comunicados estarrecedores. O governo desceu de seu indiferentismo e ordens fulminantes e energicas movimentaram o quartel da força pública. Houve ordem de prontidão, as cornetas chamaram os soldados, companhias se armaram, caminhões trepidaram pelas ruas e roncaram nas estradas.

Arranhado nos seus brios, Sergipe corria para as caatingas a engrossar as volantes dos outros Estados, para esmagar o bandidismo do Nordeste.

Queriam corrigir pelas armas um erro que antes não o fôrça pela educação, pela justiça e pela assistência social. Lembraram-se dos bandidos para assassiná-los, quando antes deviam ter-se lembrado de salvá-los.

Enquanto isso Lampião invadia os municípios, matando, roubando, dançando e cantando nos vilarejos. As patas dos seus cavalos cavavam no chão duro das caatingas sergipanas sulcos que eram a história humilhante do protecionismo ao crime pelos ricos fazendeiros, pelos políticos e pelos poderosos.

Três volantes encontravam-se no interior: uma em Itabaiana, outra em Frei Paulo e a última no povoado Gameleira.

Lampião, ao contrário do que afirmara em Ribeirópolis, não marchou sobre Frei Paulo. Despistava para confundir, velha tática de que se valia, constantemente.

Foi diferente o seu itinerário: torceu o caminho indo sorr em Alagadiço, onde descansou até à tarde. Daí rumou pela estrada de Carira, passando na Fazenda Lagoa Comprida, do coronel Napoleão Emílio, ai chegando ao anoitecer.

Bêbedos quase todos, os cangaceiros caíram no alpendre da casa grande da fazenda, para dormirem amontoados uns sobre os outros, como bichos. Era a hora exata para exterminá-los. Isto compreenderia o então sargento Manoel Ramos, hoje major inativo da Polícia, quando na cidade de Frei Paulo pedira ao comandante de sua volante que lhe desse dez homens e ele cercaria a fazenda Lagoa Comprida e metralharia a cabocreira ebria de Lampião. Mas o comandante se negou a atendê-lo, explicando-lhe que estava à espera das outras volantes e que aquelas horas estava sendo feito o pagamento das etapas aos soldados! Pagar o sólido à tropa e está à espera das outras forças era, para este comandante, mais interessante do que cercar os cangaceiros bêbedos de Virgulino Ferreira!

Amanheceu o dia seguinte sem que chegassem as volantes esperadas. Enquanto isso, rebentos da bacanal anterior, Lampião e os seus capangas tomavam o leite matinal e gostoso à porteira do curral da fazenda Lagoa Comprida e exigiam do coronel Napoleão Emílio três contos de reis. O coronel se defendeu do golpe dando-lhe apenas um conto, argumentando com a crise que o asfixia, com os entraves financeiros que o embargam. Lampião cede às suas lamentações e se apressa em partir, dando antes ração de milho aos animais em que montavam, ele e seu grupo. Este prejuízo irritou mais o coronel Napoleão do que a perda do dinheiro, pois o milho fora selecionado para o plantio do seu roçado.

Fora da Fazenda Lagoa Comprida Lampião não se esconde nem se distancia da zona cruzada pelas volantes. Anda pelas planícies que marginam as rodagens, ouvindo o buzinar dos cami-

nhões entupidos de soldados; sabe o número de homens que completam cada volante; o nome, a cor e altura dos seus comandantes.

As forças de Sergipe, ou não estavam treinadas para o combate nas caatingas, ou esperaram que Lampião surgisse nas rodagens e, cavaleirescamente, as convidasse para brigar.

A esquisita estratégia dos seus comandantes, sediando em algumas cidades e correndo em veículos pelas rodagens à cata de Virgulino Ferreira, dá dor de cabeça para uma explicação lógica e convincente.

Polidamente, Lampião se subtrai da área transitada pelas volantes sergipanas e, às oito horas, de um dia luminoso e bonito, entra na vila de Pinhão, núcleo humano esquecido pela civilização na monotonia da sua vida parada entre a pobreza e a incultura. A cabroeira domina com o pânico da sua presença aquela arruado pobre e distante. Ainda desta feita ele não desperda nem assassina. Rosba sómente. Os habitantes de Pinhão, de comêço, tremem de medo, para, aos poucos, se conformarem com o irremediável. A malta de bandidos porta-se mais ou menos bem, sem praticar desordens sem atentar contra a vida de ninguém. Confundem-se os homens da rua com os bandidos, conversam, riem e, por fim, se entendem e se aproximam. Rodeiam os cangaceiros os descupados, os curiosos. A população toda da vila quer ver o rei do rifle, o maior criminoso do sertão.

Havia entre a gente de Pinhão uma profissora, mais morena do que negra, tipo bem definido da raça em evolução, belhas acenadas no conjunto do seu corpo enxuto, na beleza do seu rosto bonito. Para ela, como era natural, convergiram os olhos da cabroeira fascinada, porém, manda a justiça que se diga, nenhum a desrespeitos, maltratos ou ameaças com atos violentos contra a sua virgindade. Só um incidente quase se criou, quando Volta Sêca, descobrindo que Maria Regina era professora, incitou a calvíça do seu chefe, ao avisar-lhe:

— Capitão, ela tem dinheiro! Ela é impregnada do governo!

Lampião não deu ouvidos, à advertência do "Benjamim" sanguíneo do seu grupo. E quando se dirigiu a Maria Regina foi para estranhar por que aquela hora as crianças ainda não estavam na escola. Maria Regina lhe dá a explicação: os pais só enviariam

os filhos às aulas às nove horas, devido, talvez, às ocupações domésticas.

Os sentimentos do bandido confundem, às vezes, o observador pela contradição do seu comportamento com a própria vida que abraçou. Mata com frieza, com naturalidade, como se matar fosse um ato humano sem qualquer importância e não se conforma com a ida tardia das crianças à escola!

Ao mesmo tempo que Lampião conversava com a professora Maria Regina, os cabras arrastavam para a rua principal da vila o cofre do coronel Antônio Fraga, chefe político local. A luta dos homens para arrombá-lo era mais ridícula do que dramática. No aço do velho cofre martelavam toda sorte de instrumento capaz de furar, do machado à picareta; suados e já enraivecidos batiam, com fúria diabólica, em todos os lados daquele montão de ferro, inabalável e tranquilo na sua resistência. De repente, o silvo cortante de um apito fende o ambiente e os cabras abandonam aquele serviço e correm para perto do capítolo Virgulino. As suas ordens são breves e energicas:

- Tomem posição qui os macacos vem aí!
  - E virando-se para Maria Regina:
  - Feche a porta qui a brincadeira vai começá.
- O tiroteio foi rápido, violento, intenso e cerrado.

O tenente João Meneses, da polícia baiana, com seu volante, vinha no rastro do grupo com muitos dias de marcha batida e acelerada, vindo alcançá-los em Pinhão e a luta aheiu-se dura e terrível.

A tropa baiana, rompendo os limites do Estado de Sergipe, sitiara o grupo na vila de Pinhão enquanto as volantes sergipanas aquarteladas em Frei Paulo, Gameleira e Itabaiana, tão perto da vila invadida pelos bandidos, jamais conseguiram localizá-los!

Quem narra a verdade não pode mentir nem deturpar os fatos. Por isso a história é cruel. Ninguém tem a vilania ou a audácia de negar bravura à polícia de Sergipe. Daí o mistério e o enigma que envolvem o seu desencontro, em uma área geográfica tão reduzida, entre elas e Lampião.

O que ainda mais embarraca o assunto era o cuidado do Rei do Cangaço em perguntar, sempre quando entrava em tiroteio, com quem estava brigando.

Foram testemunhas os habitantes de Pinhão da ausência das volantes sergipanas, durante a encarniçada luta do tenente Menezes com os bandidos. Emigadas nas canções das estradas com seus caminhões roubadores e lerdos, meia hora depois é que chegam a Pinhão, dando vivas à polícia baiana!!!

O grupo foge de Pinhão com o tenente Menezes no seu encalço, alcançando-o, nesse mesmo dia, nas raízes da Serra do Caroá, onde um segundo tiroteio se desenvolveu em pleno coração da caatinga. Foi ai que Lampião apavorado com o tenente baiano, gritou:

— Menezes, macaco baiano! Você ôje tá é cù cachorra! Mais se você nunca viu homem na sua peua, vê ôje!

Mas apesar das suas bravatas, Lampião bateu em retirada, ao entardecer, e escalando a crista da serra, rumou para Feira do Pau, já no Estado da Bahia, para só regressar a Sergipe no fim do ano.

Como lembrança do encontro com o tenente Menezes ficaram algumas manchas de sangue de um ferimento no traseiro de Lampião.

Houve um detalhe que seria revoltante se não fosse ridículo no seu embuste: um dos comandantes das volantes sergipanas telegrafara ao governo do seu Estado, comunicando-lhe que Lampião estava cercado e pedia refúgio!

É incrível, mas é verdade.

Ditador absoluto das caatingas baianas, o artista do crime no nordeste do Brasil, desfrutava de imunidade, escudado nas forças políticas da região, com passe livre em todas as fronteiras dos municípios. Adriçou a bandeira do cangaço na fazenda "Ponta da Vaca", encravada no sertão da Bahia e a sombra do coiteiro Procópio desdobrava-se sobre o seu esconderijo, ocultando-o de qualquer combate que se armasse para abatê-lo.

Cintado pelas loujuras, com a cobertura de amizades influentes na mecânica política e administrativa do grande Estado, Lampião engordava nos recantos bucólicos e serenos da vastidão sertaneja, sem receios de buscas perigosas ou de perseguições fatais.

Mas o micrório do crime roía-lhe a medula dos ossos. A inação lhe flagelava os nervos fortes. O ritmo normal da vida o deixava irritado e intratável. Matar, era a sorte que lhe marcou o berço, o imperativo de uma força oculta que o empurrava para a trágica emoção das violências.

O seu nomadismo assassino o obriga a deixar a fazenda "Ponta da Vaca", em busca dos choques violentos tão do seu feitio e da sua vocação de iacínora.

No sertão baiano a polícia espalha-se no seu escalço, disposta a não mais tolerar a sua presença.

O capitão do cangaço atira-se para Sergipe, onde se homiziava os feudos intocados dos mandões endinheirados, tendo acolhida entre os que já o haviam hospedado nos começos de 1929. Não demora a se fazer presente nos seus ataques e nas suas arranças.

Guiado por um tropeiro, toma de assalto a cidade de Nossa Senhora das Dores. Assenhora-se do telégrafo, evitando assim

qualquer comunicação com Capela ou outras cidades. Intima o prefeito e o delegado locais a que lhe dêem dinheiro. Tudo sem violências, sem morte, sem espancamentos. Procede como um visitante a quem se deve pagar bem pelo prazer de hospedá-lo. A cidade de tradições tão bravas rende-se às exigências, extorsões do assaltante impiedoso. E impõe que lhes entreguem os três únicos veículos da cidade: uma camioneta e dois automóveis; e indaga que distância separa Nossa Senhora das Dores de Capela.

Revestidos no macio assento dos carros, ele e os seus companheiros blasfemam para ser ouvidos:

— Hoje vó assisti cinema na Capela. — E assistiram mesmo.

Por onde andavam os soldados da polícia sergipana? Pergunta fácil, mas de resposta embaralhada, de explicação difícil, que poucos têm a coragem de dar.

Os destacamentos das duas cidades cancelaram-se dos seus quartéis, da trincheira de honra onde deviam estar para vencer ou morrer com bravura e lutar com dignidade.

A caravana dos três veículos, carregando os dez bandidos, velou para Capela, sendo motorista do carro em que viajava Lampião o comerciante Otacílio, homem a quem foi entregue a responsabilidade de conduzi-lo a Capela.

A entrada da cidade Lampião pára, para tomada de posição, concebida e imaginada pela prática de se precaver contra qualquer traição ou atentado contra sua pessoa. Estendida a linha estratégica de defesa, dá ordens a Otacílio, no seu linguajar torto e despião da menor sombra de instrução:

— Vá dizer ao majô Correinha que eu tó aqui chaminé éle proque quero intrá in Capela in paix. Se éle num quisé vim, diga qui em entro cum bala.

Recebido o recado do maior do cangaço nordestino, o Sr. Antônio Correia discute com amigos a grosseira intimidação e resolvem, por unanimidade, que Lampião pode ingressar na cidade em paz, sem receio da menor reação e, para cumejo do ridículo, como uma glorificação à covardia fazem-lhe a entrega da chave da cidade!

Há fatos na vida de um povo que desconcertam e doem no observador. Capela é conhecida como reduto de bravos, de ho-

mens que jamais se curvaram diante da arrogância de ninguém, como mais tarde deram provas. Capela tem história na história de Sergipe — uma história de feitos brilhantes, salpicados de sangue quando as medidas extremas pedem o sacrifício do seu povo. Dentro da lógica dos acontecimentos que tecem as crônicas heróicas de Capela, a livre entrada de Virgulino Ferreira em suas ruas, só pode ser explicada pela fraqueza dos seus dirigentes.

Com a empáfia de um conquistador, Lampião passeia na cidade, ferindo a sensibilidade da sua gente com o aparato bélico do cangaço. As vinte horas chega ao cinema lotado de espectadores que ainda ignoraram a sua presença na cidade. A voz do bandido engrossa numa ordem que assombra a assistência:

— E Lampião qui tá aqui, minha gente! E num quero arteiração! Quem corrê, morre! Mesti, toque a musga qui quero vé a fita.

As luzes se apagaram e um silêncio de medo oprimiu o ambiente escuro. Os músicos, trêmulos, sopraram os seus instrumentos, e a valsa "Abismo de Rosas" foi distorcida em ritmo de tudo, menos em ritmo de valsa... Para a felicidade dos músicos, os ouvidos de Lampião, habituados à música sinistra dos tiroteios e aos acordes estropiados das sanfona, nada perceberam de anormal.

Irônica coincidência, mordaz semelhança entre os exteriores do grupo e a fita que corria na tela: era um filme de "cowboy", no legítimo estilo americano, escondido de latas e de tiros. Assassinos profissionais em carne e osso assistiam ao enredo da película em que a ilusão era um retrato fiel da sua vida, estragada pelos desatinos sanguinários.

Fimda a projeção, o capitão Virgulino Ferreira quis saber a hora da chegada do trem. Naquele 25 de novembro de 1929, o suburban chegava à estação em horário certo, e trazia, entre os seus passageiros, um soldado. Os cabos o rodearam, de chofre. Lampião folheou perguntando ameaçador:

— Macaco, você é baiano ou sergipano? Se é baiano vai morrer agora mesmo!

— Só sergipano, seu capitão. Quê vé preguei ai no pessoal — respondeu o pobre soldado, com gosto de morte na boca.

Lampião pediu a duas ou três pessoas a confirmação das palavras do soldado, tomou-lhe o fuzil, examinou-o e restituí-lhe, aconselhando-o:

— Rapaz, você cunha isso rigula tá cunha cacete na mão.

Sem mais ligar o soldado para nada, voltou à cidade, acompanhado por uma onda de curiosos. O grupo soltou-se pelas ruas, pelos boteis, pelos bares, pelos bilhares, pelo comércio.

Na casa do comerciante Jackson Alves, Lampião comprou e pagou, uma capa de borracha e um parabélem mantendo com aquele comerciante uma amistosa conversa.

Dado momento o Capitão Virgulino, que tudo via, que tudo observava, deparou-se com alguns livros que se encontravam sobre uma mesa, lança mão em um deles folheia-o, volta-se para Jackson e lhe pede que o dê de presente, no que é atendido.

Tratava-se de um exemplar da "Vida de Jesus" da consagrada escritora Ellen G. White e não do escritor Giovanni Papini, como erradamente se tem escrito.

Não satisfeito só com a oferta, exige ainda uma dedicatória, no que também é atendido.

A dedicatória que Jackson faz a Lampião foi vazada nos seguintes termos: "Ao intrépido forasteiro Capitão Virgulino Ferreira da Silva "Lampião" com um abraço de Jackson Alves de Carvalho. Capela, 25 de Novembro de 1929".

É de crer, que tal dedicatória fosse mais uma imposição do Capitão Virgulino, do que mesmo um ato voluntário de Jackson.

O título do livro oferecido era uma blasfêmia imperdoável pelo contraste entre a vida divina do Mártil do Calvário e a do criminoso mais selvagem do Brasil. Nunca o destino foi mais canibal na sua sarcasm.

Enquanto isso a cabroeira entupia a zona do meretrício, desbochava-se na orgia fácil e se deliciava nos braços das mulheres perdidas. O capitão Virgulino, ainda com o livro nas mãos, escolheu a prostituta Enedina para a sua gulodice sexual, pagando-lhe pelo trabalho que lhe prestou o seu corpo, a quantia de setenta mil réis e a promessa de um vestido.

O dinheiro do crime pagando salário à prostituição.

E — espantoso contrassenso — o fato de ser algumas horas amante de Lampião elevar Enedina no conceito da zona do meretrício. Ela, uma rameira em decadência, costeou a ser disputada entre os homens mais importantes de Capela.

Já os galos cantavam dentro da meia noite quando Lampião, num gesto de suprêmo insulto às autoridades policiais de Sergipe, tentou falar com o Chefe de Polícia pelo telefone, sem contudo conseguí-lo, devido ao adiantado da hora.

Vale ressaltar aqui a figura de um homem que enfeixara, no seu comportamento o sentido enorme do que é a coragem diante do perigo. Zózimo Lima, chefe da Estação Telegráfica, é preso pelo bandido e, como refém, é coagido a acompanhá-lo por todas as ruas da cidade e cruzá-lhe até onde funcionava o meretrício.

O jornalista e escritor sergipano foi digno do seu povo, sem se trair na frieza com que recebeu e aceitos o irremediável. Em nenhum momento se deixou desmoralizar pelo medo. Sabia-se um condenado à morte caso as forças da polícia atacassem os bandidos, mas soube conduzir-se sem a humilhação dos covardes.

Antes de Lampião tomar o Telégrafo, Zózimo Lima avisara ao seu colega de Japaratuba, da invasão dos cangaceiros a Capela. Depois de preso e responsabilizado por qualquer comunicação que denunciasse a presença do bandoleiro na cidade assaltada, Zózimo rogava a todos o céu que obstasse ou retardasse a chegada da polícia. Foi ouvido porque o então Governador de Sergipe se esqueceu dos capeleenses numa das horas mais dramáticas. A esse esquecimento deve Zózimo Lima a felicidade de não haver sido fuzilado.

As duas horas da madrugada, em uma das paredes sujas de um bilhar, escreve Lampião essa baboseira, num requinte de verdade:

"Capela, 25-11-29

Salvi

Eu espm. Virgulino Ferreira

Lampião

Deixho Esta Lça para o officiá qui  
parçá Em minha priciguicão,  
Apois tenho gosta, que voceis me  
pricigam. Descurpe as letra qui  
Soy um bandido como Vocis  
me chama pois eu non Meroço,  
Bandido Só voceis qui andam  
robando e deflorando as famíla  
aleia porem eu não tenho este  
costume todos me descurpe a  
gente a qntas me odia"

Na mesma paréde, um pouco mais abaixo, traçou um quarto e escreveu:

"Aceite Lça do meu irmão Ezequiel  
Virgo "Ponto Fino" e de meu cunhado  
Vírgino, Virgo "Moderno"

Era quase dia quando deixou a Capela. A princesa dos tabuleiros foi roubada em cinco contos de réis, obesa muito menor do que os rastros das alpercatas de Lampião nas suas ruas.

Entretanto, onze meses depois, ou seja no dia 26 de outubro de 1930, volta Lampião a Capela. Desta vez, tragendo como reféns o Coronel Félix da Mota Cabral, José Cabral Filho, José Xavier Andrade, Jucundino Calazans e Manoel de Melo Cabral Filho.

Contudo, os capelenses não se deixaram acovardar, mesmo com perigo para os reféns. E, quando Lampião já nos subúrbios da cidade, irrompe um tiroteio forte e dizimador.

Bem intrincheirados e mal municiados, Josias Mota, Adroaldo Campos, Galileu Lima, Ezequiel, Aciole Menezes, Xavier (Padreiro), Nálo Dorea, Floriano Rocha, Osório Ribeiro, Anrélio Alves, e muitos outros, resolveram defender Capela, correndo para a morte ou para a vitória, com a coragem dos desesperados.

Duas horas de cerrado fogo, a confusão da luta proporciona a fuga dos reféns.

Lampião tem um dos seus homens ferido. Avalia a circunstância da luta, trila o apito dando o sinal de retirada.

Houve quem afirmasse depois, que se Lampião houvesse sustentado o fogo por mais dez minutos, teria entrado na cidade, não por falta de coragem dos que a defendiam, mas por falta de munição, até porque, dentre muitos dos que se batiam em defesa da sua cidade, só lhes restavam, apenas, quatro ou cinco cartuchos.

E foi assim que no segundo assalto que Lampião tentou sobre Capela, a história sonaria de ramo e os acontecimentos teriam cores diferentes.

O seu povo libertou-se da pusilanimidade oficial e, ainda ferido nos seus brios, preparou-se para dar uma lição amarga ao cégo trabucozeiro. E levantou-se de armas nos micos para ensinar dignidade e bravura a Sergipe e ao Nordeste.

Capela e Mossoró — dois redutos inexpugnáveis que o heroísmo da sua gente construiu com o sacrifício. Em Capela a reação foi tão intensa e perigosa que Lampião, dias depois, afirmava:

— Em Capela, até os sãos da igreja atiraram.

O tiroteio dos santos a que ele aliada viajava do rifle de Dudú Campos intrincheirado na terra da Igreja, despejando balas nos agressores repelidos.

Capela redimiria e cresceu mais na coragem do seu povo.

No dia 27, visita Aquidabá. Em companhia do Juiz de Direito e do Prefeito, corre os pontos mais pitorescos da cidade. Come bem, rouba algum dinheiro, para não perder o hábito da pilhagem, fiscaliza com um olho só as possibilidades de ser atacado, e, achando tudo bem, assenta-se pelos caminhos que o levam a Alagadiço.

O turista do vangôço repousa algumas horas das suas atividades andijas para, ao amanhecer do dia 27, pela segunda vez, visitar a Vila de Carita. Desta vez policiavam a Vila o sargento Antônio José e os soldados José dos Santos, Aptônio e Valdemar. Semiram-se esses homens numa fuga rápida e siliosa, não se

sabendo até hoje, onde estavam nem para onde foram. Lampião nem siker os viu ou soube da sua passagem em parte alguma. Só na tarde do dia seguinte apareceram a perguntar pelo nome e pelo número dos cangaceiros.

Então, Lampião abandonou o solo sergipano sem ser molestado por ninguém.

Enfureceu-se, portanto, quando mais tarde soube que os voilantes de Sergipe arrancavam em sua perseguição.

Um ódio selvagem à terra que até então não o maltratara e o recebesse sem reação, transformou-o num inimigo de morte contra tudo e contra todos.

É veio a vingança cega e destruidora.

Em Setembro de 1930, volta a Sergipe trazendo a morte e o sangue, o trucidamento e os incêndios para o nosso pequeno Estado.

A sua perversidade ultrapassa o requinte para chegar ao primitivismo de uma estupidez inenarrável. Os sertanejos caem mortos nas estradas e nos povoados, varados de balas, retalhados como rãs em açougue. O sangue da serra assolece as fazendas devoradas pelo fogo, depredadas com um sadismo além dos limites da concepção humana.

Mulheres estupradas, seviadas, violentadas, sacrificadas à fúria dos monstros do cangaço, criaturas esquartejadas, corpos aos pedaços, expostos ao sol e ao tempo, banhos humanos servindo de lubrificante aos fuzis dos demônios assassinos, homens mutilados, castrados por todos os modos e meios mais revoltantes, andam hoje por ai sem nenhum sentido na vida. Sombras que andam no mundo sem que o mundo lhes interesse.

Cada sertanejo ficava com um sinal da crueldade do bandido. Ficava marcado, como dizia Ele.

Essa onda de sangue que enlameou o sertão, essa orgia inominável de carne humana exposta nas estradas e nos fundos dos coronéis, agora mais acovardados, servia apenas de motivo de fanfarronadas, quando mais tarde, em Alagoas, Ele cantava na euforia do álcool, êstes versos torpes e ensopados de um cinismo revoltante:

"No lugar aonde eu chegô  
Processo, prenço e crimino  
Batizo, caso e confessao  
Eu ferro, eu capo, e assino"

Vim toda a dramaticidade desse tempo e os fatos aqui narrados nada têm de exagero ou vôos de imaginação.

O resto dos homens e das famílias que sobreviveram a essa catástrofe, andam vivos por ai, testemunhas dessa época de desespero.

E o governo, que atitude tomava nessa tragédia?...

Em Outubro a revolução de 1930, já era revolução e não havia tempo para o governo defender a vida, a honra e as propriedades dos sertanejos.

Em 28 de outubro de 1930 as armas revolucionárias ensaiavam-se e a comoção nacional que sufocou a alma do povo parou para equilibrar-se diante da ratura da ordem pública, estonteada pela avalanche que varreu o Brasil de norte a sul. A nação, batida de todos os lados pela anarquia, instabilidade e confusão, tão comuns nos períodos pós-revolucionários, procurava-se a si mesma, trabalhava-se, árduamente, para reencontrar-se.

A figura vaga de Lampião, sobre as cinzas fumegantes do movimento armado de 30, era o mínimo de um detalhe, em fileiro de sombra, no panorama convulso da hora histórica que o Brasil estava vivendo. Não faltaram os boatos que o fizeram capitão das polícias nordestinas e que ele, como revolucionário, marchava na coluna dos rebeldes para a derrochada do regime que, teve na bravura democrática de Washington Luiz, o seu último reduto.

Com a convocação de todas as forças policiais dos Estados para os centros chaves da revolução, o impune capitão do canhão teve livre todo o norte brasileiro onde a lei do seu fuzil e do seu punhal podia descaruar homens e semejar incêndios.

No dia 28 de outubro de 1930 partiu Lampião da vila de Pinhão rumo a Simão Dias. As suas alpercatas e os cascos dos seus cavalos nsordiam o chão indócil daqueles municípios. Simão Dias era o ponto visado no seu roteiro sangrento.

Chegados ao povoado Tabocas, Lampião deixa parte dos seus comparsas sob o comando de Corisco e rumo para a residência do coronel Fausto Dodi. Saqueia o que vai encontrando e arranca, com carse e tulo, as joias das orelhas, dos dedos e do pescoço das mulheres. Do amedrontado coronel toma os últimos patrocínios

de prata — "pass-nas-costas" — cujo peso, examinando e calculando, disse:

— Isso é qui é dinheiro! É mal impregnado só tão pesado!

Vem agora a marca do ridículo que deu ao agricultor Messias Soneto um triste e cômico relêvo a este episódio.

Em meio à confusão que aturdia a casa do coronel, Messias procura salvar-se de qualquer jeito. E à mingua de melhor esconderijo, mete-se debaixo de um velho sofá, agasalhando-se ali e lá se escondendo, ele e uma galinha choça, barulhenta e irritada, dando-lhe bicadas certeiras nas carnes trêmulas do traseiro.

Estranho só que se passava na casa dos seus, um filho do coronel Fausto, se acerca despreocupadamente, tendo recebido a tiros, sob as ameaças do bandido Ferrugem, que o intimidava gritando:

— Num corra, fi da peste, se não morre!

Entretanto, sem atender à ordem do cangaceiro, consegue dobrar o canto próximo de uma cerca, quando cai com todo o corpo, dando a impressão de haver sido ferido ou morto. Dois cabras correram para o lugar onde supunham morto o jovem fujão, mas nada encontraram a não ser o chapéu e as alpercatas.

Corisco, a bôca que sempre guarda um insulto para todos, humilha Ferrugem por haver errado os tiros, com uma saraivada de pilhérias e de ridículo.

Levada a efeito a rapinagem, naquela velha gíria de Lampião, ele deixa um pouco para a nuca o seu chapéu rodeado de medalhas, com a ponta do lenço que lhe cai do pescoço nos peitos, limpa os vidros dos óculos embaciados, tira alguns dos muitos anéis que carrega, para facilitar o manuseio dos dedos zejos e declara ao coronel:

— Vô fazê duas carta: uma pra harenesa de Santa Rosa e ôia pra o dozô João do Baixão. — E entregando-lhe as cartas o advertiu num tom de voz pontudo de ferocidade:

— Me vâ levá essas duas carta na rua qui eu fico aqui esperano a resposta. Se alembrê qui a sua faca tá na minha mão.

Seu fio vai ficá preso e só sorte é de quando você trazé o dinheiro.  
Se não trazé é de morte.

Nas cartas a cada destinatário Lampião impunha o saque de trez contos de réis.

O coronel Fausto, em desespero, selou o seu cavalo Baú, tão bonito que até Lampião o admirou, correu para Simão Dias, a cumprir as ordens de Virgulino Ferreira e salvar, acima de tudo, a vida do seu filho prisioneiro.

Na ausência do coronel Fausto, Lampião volta ao lagarejo Tabocas para reencontrar-se com os seus comandados que, solhos, depredavam, bebiam e derramavam o terror das suas costumeiras desordens. Pousilham as arruaças fatos que põem à mostra os instintos de brutalidade daqueles homens sem lei e sem Deus.

Antônio Bebêu, uma criatura simples do lagarejo, é forçado a beber, de um só trago, um litro de conhaque "Guerreiro", sob tremenda surra de chicote de couro cru.

Poucos passos além do botevo em que se embriagavam, dormava a casinha da escola pública.

Um sicário pergunta a uma mestiça moça, amedrontada e nervosa, sentada à entrada da escola:

— Cadê a professora daqui?

— A professora sou eu — responde a mocinha com o medo fazendo tremer-lhe o corpo.

— Ah! É você a professora, simbá éguas? Entonce venha cá qui quero li amostrá como se dá bôlo nos fio sicô. — E batu-lhe tanto, deu-lhe tantos bôlos, que a infeliz professora se mijou tôda!

Porém, o ato mais bôcal foi o a que a gente de Tabocas assistiu, sem poder intervir para evitá-lo. Um velho de setenta anos e uma criança de doze — avô e neto — são detidos pela malta. Juntos, em meio à algarazza dos marginais, entregam a cada um, um chicote, com ordem de se apilicarem, para ver, diziam êles, qual dos dois era melhor no manejo da chibata. De chicote nas mãos o velho e a criança ficaram sem ação, sem quererem começar a prova desigual e inacreditável. Foi o que bastou para que lhes fossem arrebatadas as chibatas e surrados atrocemente, como que lhes ensinando como deviam proceder. Nova-mente armados para se surrarem — avô e neto — iniciaram o

doloroso espetáculo e se hateram com tanta fúria, se agitaram tão brutalmente, que os seus verdugos se dividiram em dois grupos de inimigos; os do velho e os do menino.

Ao chegar ao clímax da sua ertupidez a cena tem um "suspeito" rápido: Lampião, de volta da casa do coronel Fausto Dodi, irrumpe em Tabocas, com os arreios da sua montada em pedaços. A presença do famigerado bandoleiro cortou, meio a meio, a série de absurdos peccados pelos seus capangas, não se dando mais a mínima atenção ao velho e à criança. Vingulino, insolente como sempre, pergunta se há alguém que possua uma sovela, linha e agulha para fazer os reparos da sua sela. Não era uma pergunta — era mais uma ordem em termos impositivos, uma determinação que não era dirigida a uma pessoa, mas a todas as pessoas que o escutavam.

— Existe um rapaz — explica alguém — que sabe fazer isso. É Zé Rosa.

— Apóis-me traga esse Zé Rosa aquí e já, — foram as palavras de Lampião.

Dois cabras foram buscá-lo e, minutos depois, lá vem Zé Rosa, fardado de tal sorte semelhante aos cangaceiros, que em nada se distinguiam deles na vistosidade das vestimentas. Rapagão de fisico forte e viril, musculatura rija, rosto queimado pelo fogo que desce do sol e sobe da terra, aquele moço de 22 anos afirmava a força da raça em sua juventude. Um produto mestizo perfeito. Um mulato que se criou ao ar livre das caatingas e que carregava no corpo jovem o humus da terra, a seiva das árvores e o sangue impetuoso do velho sertão das lendas ingênuas e da coragem indomita. Alma que olhava para a vida pelo sorriso de uma boca alegre e franca e que via o mundo através de um otimismo natural e puro. Tipo do sertanejo moço, senhor de uma saúde imensa, conversador, comunicativo, temperamento transparente na confiança das atitudes e irresistível na espontaneidade das palavras. Zé Rosa era um símbolo bem acabado da sua gente e da sua terra.

Diante de Lampião manteve-se sereno. Manteve-se homem. E foi logo falando, voz seca, impressionante, natural:

— Pronto, capitão, tô às suas ordens!

Frase curta, direta, sem os salumições dos pusilâminos.

— Quero que faça o conserto desse sela e depressa!

— Apois não. — E entregou-se, sem perda de tempo, ao reparo de que estavam a precisar as peças quebradas e capazes de ser aproveitadas.

Durante o trabalho Lampião não perdia um gesto de Zé Rosa, admirando-lhe a agilidade e, sobretudo, a sua respa de meia-saia azul, o seu blusão fechado até ao pescoço, bolso com tampas do mesmo pano, grandes, enfeitados de frisos brancos; fação de 22 polegadas, marca "Jacaré", bainha nova quase roçando-lhe os calcanhares, envernizada, lustrosa, com desenhos feitos a ferro em brasa, num labirinto de curvas e de linhas caídas em sentido vertical, lembrando pequenos ramos toscamente desenhados. Não tardou em sair conversa e conversa corrente como uma conversa qualquer. Lampião simpatizara com o caboclo.

— Zé Rosa! Tem munto macaco im Simondia? — quis saber Virgulino.

— Xhor não, capitão, foi tudo pra Aracajá.

— Óchente! E qui foi isso assim?

— Sel não. Acho qui é negoco de revolução.

— É mesmo. É a revolução que arrebentô lá no su! Zé! Será face eu intrá im Simondia?

— Acho qui não, capitão.

— E você nem esse disse qui lá num tinha macaco? Será qui você qué dizê qui im Simondia...

— Não, capitão, o qui eu sube é qui a cidade tá cheia de cabras.

— De cabras? E quanto são, Zé Rosa?

— Dizê quantos, num sei não. Pra mim acho qui é bem uns cem.

Ouvindo Corisco o animado diálogo travado entre Zé Rosa e Virgulino, aparteou:

— E cem cabra é nada? Pra cem cabra abasta um bode...

Sem ligar a piada de Corisco, Lampião continua a conversa com Zé Rosa e, numa intimidade de quase amigos, os dois vão trocando idéias. Iá pelas tantas, o capitão espanta, com esta interrogação, ao simpático Zé Rosa:

— Zé, você de qui vêve?

— Eu, capitão, vó vivendo de matar um porquinho nos dia de Serra.

— E isso qui lucro deixa, Zé?

— Quando a Serra é boa deixa oito ou dez mim réis e quando num deixa nada, dí carne proz minino i começo.

Com a intenção clara de tentar a ambição de Zé Rosa, Lampião mete a mão na "fogosa" e trazendo-a cheia de notas de alto valor, procura aguçar o interesse do seu ouvinte:

— Vida boa é a nossa, Zé Rosa. A gente tem muito dinheiro, tem muié, tem podé, é timido e donde chega é abalado.

Mas Zé Rosa, homem bom, ordeiro, trabalhador e normal, de índole pacífica e limpa de ganância, repele o convite indireto e tentador do Rei do Cangaço, alegando ter mulher e filhos para criar.

Vendo frustrada a tentativa de aliciar Zé Rosa para o bando, Lampião, dando-lhe tapinhas nos ombros fortes, diz, como decepcionado:

— Caboclo! Você num sabe o qui vai perdê! Só le agaranto uma coisa: é qui quem se arumpanha cumigo num morte nem de queda de réde nem de barriga inchada.

Ato contínuo vibra o apito reunindo os cangaceiros. E insistindo em tirar de Zé Rosa uma última informação, interroga:

— Será qui im Simondia as casa tem muito pratibanda?

— Tem e demais, capitão. Numa tem uma rua qui num tenha dez ou doze casa dêsse jeito.

Despediu-se e — coisa inédita no comportamento do bandido — agradeceu a Zé Rosa o serviço e as informações, e numa correria desenfreada parte com a sua malta, tendo em mente a tomada de Simão Dias.

Numa elevação forrada de pedras brancas Lampião faz alto. Com o seu grupo e de pé nos estribos da sela, mede a cidade, avaliando-lhe a topografia, para concluir se era ou não prevável a sua invasão imediata e fulminante. Um dilema, entretanto, retarda-lhe a decisão, sem saber se espera pelo coronel Fausto Dodô com a resposta das cartas, ou se dá aos seus assessores o sinal para cercar Simão Dias. Ao seu lado, acanhado, julgando-se um

homem morto, está o filho do coronel Dodô, que ele conduz como reiém. Um rapazinho imberbe, de menor idade, era a garantia no golpe de extorsão que o maior saqueador dos sertões queria desfechar, por intermédio do coronel Dodô, na baronesa de Santa Rosa e no dr. João do Baixio.

A posição em que estacionava a quadriilha, nas limitações de Simão Dias, ficava, justamente, no dorso da estrada mais transitada. Alguém haveria de aparecer a qualquer momento e este alguém foi um roceiro, de nome ignorado, com uma enxada às costas, pendendo-lhe do cabo, balançando, uma cabeça.

— Rapaz — chamaram vários bandidos — isso qui temo vrino é tiro ou fogueté?

Com a voz emudecida pelo temor, sufocada pela descarga nervosa que lhe congelou na garganta qualquer som ou rumor, à beira de uma crise prestes a explodir num acesso histérico, o desgraçado roceiro nada pôde responder. Em poucos segundos estava se debatendo numa roda de bandidos que o martirizavam com um bombardeio de perguntas. Modo e calado o homem não era homem, mas um montão de carne e ossos sem um movimento, parado, como de pedra. Pendendo a paciência, um sicário do bando exclama:

— Será qui este poste é surdo?

De súbito um mau cheiro vicia e envenena o ar. O roceiro se havia sujado todo, fedendo como se estivesse podre. Um dos cangaceiros bateu-lhe com o coice do fuzil na cabeça, empurrando-o e humilhando-o ainda mais:

— Caminha pra lá, poste fedorenta! Fio duma égua! Cagiao!

Semblante esfijecido pelas linhas profundas de uma frieza de enigma, Lampião não ria nem falava. Insondável, distante, insensível. Olhava a cidade que uma tarde magnífica amorenava de sol em declínio, queimando os homens e a terra.

A caminho para a cidade o coronel Fausto Dodô levava o desespere e a dúvida, se conseguiria ou não o dinheiro que salvaria a sua família, o seu lar e a sua propriedade. A limina do penhal de Lampião não tardaria a sair da bainha para, com certeza, sangrar o seu filho e talvez toda a sua família.

Os nervos do povo de Simão Dias estavam distendidos, esticados como bordões de aço prêzes a se romper. Os boatos assustavam a cidade, fazendo-a debater-se numa onda de terror, desse terror coletivo que cria fantasmas em cada sombra e em cada esquina. Tarde quente, tarde que tinha exalações de caldeira como se a terra respirasse febre.

Nos fins da rua Santa Cruz, na bodega de sinhá Cândida, um grupo de curiosos, à cata de notícias, sondava, de mãos na viseira, a estrada que dava entrada à cidade. Entre eles também estava eu, deprimido pelo mesmo nervosismo.

Inesperadamente, descobri-se no topo da ladeira do Caçá um sujeito andando apressado. Na imprecisão das distâncias, a exaustão da vista deformava as pessoas e as coisas, dando-lhes cores diferentes, multiplicando os diminuindo-lhes as proporções. No nosso campo de visão aquele indivíduo tomava formas as mais variadas, porém quando mais perto e isolado, definiu-se na pessoa e no tipo do vaqueiro Júlio, agregado ao coronel Jodo Pinto, proprietário da fazenda Lagoa da Mata e mandão da política municipal.

Ao chegar ele à porta da venda de sinhá Cândida, olhou, necessariamente, para trás e, sem escutar a ninguém, foi dizendo:

— Sá Cândida, bote ai um pedaço de cachaça.

— Um ou dois, seu Júlio? — Quis saber a velha, já com a garrafa e o copo nas mãos.

— Bote um quarto, sá dona, qui a premêra paocada é qui mata a cobra.

Beben, cuspiu, acendeu um resto de cigarro de palha, guardado atrás da orelha, e como que medindo a coragem de cada um de nós, zombou, exclamando:

— Quando eu penso qui a cidade tá preparada pra arreceber os bôme a bala, vejo é um magote de titela de fêma arrastando chinchela qui nem rapariga!

Mais uma vez cuspiu seu cuspo de aguardente e se foi rum acima, espalhando a notícia de que Lampião estava no lugarejo Tabocas. A uns dizia que não sobrava ninguém vivo onde ele estava; a outros, que em Tabocas pouca gente havia escapado e que o "bôme", como chamava a Lampião, matava, indistintamente, o que lhe passava pela frente.

Essa a triste mensagem que a burguesa e pacata cidade de Simão Dias recebia naquela fazidosa tarde de sexta-feira. Tais notícias deixavam na sua passagem tristezas de adoecer e horrores de dia de julho.

Os valentes que nos velórios espantavam os vivos com os rasgos das suas façanhas de valentia, pouco a pouco, iam desaparecendo. Os, notoriamente, covardes tremiam debaixo das camas e os homens fortes, capazes de defender a honra da sua cidade e das suas famílias, além de não disporem de armas suficientes, não tinham quem os comandasse na luta desigual que, possivelmente, estouraria nas ruas abertas da sua terra.

Cabe aos bravos irmãos Dória um lugar de indiscutida relevância na corrente tumultuada dos acontecimentos, pela calma com que arregimentaram o povo para, mesmo com armas antigas e inadequadas, oferecer resistência à avalanche de sangue que se aproximava de Simão Dias.

Naquele ponso as famílias tangidas pelo pavor, quase enlonquecidas pelo medo, corriam em disparada. Umas internavam-se nos matos. Outras irrompiam dos matos para as ruas. Era uma multidão sacudida pelo terror, com a consciência do perigo, mas sem a consciência da bárbaria em que se debatia e se expunha.

Tôdas as atenções se enfeixavam para a parte norte da cidade por onde, supostamente, Lampião entraria.

Para mais alvoroçar os ânimos, nesse instante surge ao longe, na curva da estrada iluminada por um sol vermelho de uma tarde

ce verão, um cavaleiro, como caído do horizonte para os olhos de todos. A tensão cresce nos peitos opressos. O medo açoita até aos mais fortes. O rasgar veloz da passagem das balas para as agulhas, as miras que se levantam à procura de alvos, tudo para um segundo, à espera do cavaleiro solitário. Do seio da multidão um grito, de repente, adverte: "Não atirem! Aquiél é o coronel Fausto!" Já se podia ver, claramente, o perfil bonito de "Baié", o seu ruço-ruulado, róbica alta no pescoço estendido, farejando o chão, preto de suor, ventas acexas, orelhas em pé, como apontando o rumo da caminhada que iria ser coberta pelos seus cascos fortes de animal de estima. No seu lombo luxúrio não vinha aquié o cavaleiro imponente, bem estribado, de pernas retesadas e corpo espigado para trás. Não. A carga que "Baié" conduzia no dorso rebarbante era uma carga comum, um homem desarticulado, mole, os membros bambos. Não era o coronel Fausto, vertical e feso, era outro Fausto, de corpo desconjuntado, jogado para todos os lados pela marcha do melhor cavalo diaqueias redondezas. E se "Baié" entrou nas ruas de Simão Dias naquele passo elegante, foi porque era bom e sabia andar tanto em "meio" como em "picado com legitimo".

Diante do chalé do coronel Felisberto Prata "Baié" parou, e o velho Fausto Dodô, sem falar com ninguém, ainda montado, faz a entrega das cartas de Lampião ao seu amigo. Felisberto Prata as leu, primeiro para si, depois para os presentes que os enviam escurridos, pois, todos sabiam que os destinatários das cartas estavam em Aracaju.

A situação do coronel Fausto Dodô agravava-se mais e chegava a ser quase desesperadora.

Ausentes a baronesa de Santa Rosa e o dr. João do Baixo, coube ao coronel Felisberto, pai do romancista Raulino Prata, a tarefa de angariar entre os mais, financeiramente, independentes de Simão Dias, a quantia estipulada pela vontade de Virgílio Ferreira.

Foi comovente a solidariedade do coronel Felisberto Prata ao seu colega Fausto Dodô, colega de patente, patente sem o azul e o amarelo das estrelas, sem o vermelho branco dos laços húngaros.

nos, patente não ganha nas batalhas dos decretos-leis, mas dada pelo povo e, por isso, ninguém lhas tomaria.

Coisa de dois quilômetros, esperando o coronel Fausto, estava o capitão Virgulino Ferreira, outra patente que não vale ser descrita, por haver sido, ridículamente, decretada pelo chefe da cúpula bandoleira, dirigida e comandada por um cangaceiro turvarado que na cidade cearense do Juazeiro explorava a superação de um povo simples.

O coronel Felisberto Prata conhecera que em suas mãos estava a salvação dos familiares daquele velho camarada de muitos anos, a ele chegado por uma longa amizade. Desfaz-se em atividades, solicitando a todos, e a todos explicando e convencendo da necessidade de angariar o dinheiro para alistar Fausto Dodô da desgraça de perder a família, condenada à morte por Lampião. Concorreu logo com um coto de réis e a sua palavra batteu em todos os corações conciliando-os para o resgate dos entes queridos de um lar para onde apontavam os fuzis mortíferos dos quadrilheiros.

Mas da beira de uma calçada, um tipo azedo e neurastenizado, se insurge contra a ação generosa de Felisberto Prata, e, aos berros pelo meio das ruas, como um possesso, protesta, chamando a atenção de todos. Esse indivíduo era um tal Rufino Amorim, ex-soldado da polícia baiana, ex-sabre do coronel Chico Porfirio, de Propriá. Com demandos de louco, grita para o povo:

— Isso aqui é uma terra de Mariss! Isso aqui num tem homem! Cadê os valentões daqui? Cuma é qui uma cidade cum tanta gente vai deixá qui um nuleque daquele mande baséa dinhêro e vocês cuma uns covarde ainda vão mandá? Apois ó! Eu da minha parte num dou um cunhão! Ele se quisê qui venha vê!

— Muito bem, seu Rufino! Muito bem, seu Rufino! filé se quisê qui venha vê! — gritava a turba enlouecida, alheia ao sofrimento do coronel Fausto, vítima da desgraça de ter fama de rico.

Essa inesperada reação arrastou toda a cidade ao extremo, ao desespero, à desordem, à confusão.

Da porta do cinema local, de onde se via, perfeitamente, a branura das pedras que forravam a ladeira onde estava Lampião,

um grupo de homens armados discutia entre si quanto à identidade de vultos que se desenhavam à distância, ora como homens, ora como animais. Em meio aos presentes achava-se um indivíduo conhecido como Orônio, criminoso de mais de uma morte e conhecido também como valente, apesar de capenga que era. Violento e irrefletido, descarregou toda a munição do seu rifle em direção aos vultos, entre berros de um histerismo descontrolado:

— Ou bai, ou boiada, ou basílio, lá vai bala!

Foi a faísca no estopim que fez estourar um desordenado tiroteio. tiros de bacamarte, de pistolas, de garrochas, de espingardas, tiros de tudo que podia atirar.

Um sol redondo e vermelho como um chapéu de couro novocansado e sem raios, quase parado no fim do horizonte, iluminava a terra branca da igrejinha de Nossa Senhora Santana. Horas depois a noite descambava dos montes e se estirava sobre a terra exausta, mergulhando tudo na paz mística das suas sombras.

Os homens se entrincheiraram nas platibandas das casas, uma solidão crispada de medo tomou conta da cidade.

A paciência tirânica de Lampião rompeu-se, exatamente, na hora marcada em que Fausto Dodô deveria chegar com o dinheiro extorquido à baronesa de Santa Rosa e ao dr. João do Baúlo. A desobediência à sua vaidade irritou-o, perigosamente. Desenganado da esperança de ficar mais rico, com mais um rosto, encabeçou a cabocleria para a retirada e mergulhou no esquisito de uma vereda perdida na queda da terra, ao lado esquerdo da serra da Cruz, visando atacar o engenho Olhos d'Água, herança feudal, vinda dos troncos quase centenários da família Manganga para a posse do coronel Martinho Ferreira.

Este velho sertanejo era duro como o carrasco onde nasceu, cresceu e lutou, onde numa desserrada hora trocou os cardos das castanhas pelos baixios dos canaviais sem cana do banguê de Olhos d'Água, engenho velho e falso que há muito não moia e que se havia "pejado" para sempre.

Lampião, na sua retirada, levou priso Joáezinho, o filho caçula do coronel Fausto, cuja vida oscilava nas duas pontas deste dilema fatal: ou o dinheiro na manhã do sábado, ou a morte pela sangria na ponta do punhal de Volta Sêca.

Na noite pesada que se deitava sobre o velho engenho Olhos d'Água, Lampião, saíndo do seu ventre negro, estacionou com os seus sicários em frente ao grupo de casebres abandonados, escombros trágicos da antiga senzala em que os escravos do coronel Nhônho Zacarias, presos aos troncos, tinham as carnes cortadas pelo chicote do feitor.

Agachados na postura de monstregos, os casebres abriam as bicas das suas portas por onde, tantas vezes, saiam em ruídos

magoada e fúnebre, êstes versos de revolta sorda e de vingança impotente:

Samba négo qui o tempo é seu,  
Samba négo qui o tempo é seu,  
Samba négo branco num vem cai.  
Si ele vim, cacete é de levá.  
Samba négo qui o tempo é seu,  
Samba négo qui o tempo é seu.

E umas tantas braças adiante, dormindo, o perfil da casa grande, construída dentro das linhas severas do estilo colonial, assobradada, com as suas sete janelas olhando para o norte. As trevas fechadas da noite proibiam a Virgulino Ferreira tirar uma visada justa do cenário em que se encontrava. O insinuto de cião humano do sertão lhe dizia que estava dentro e perto de um engenho e que todo o senhor de engenho é rico.

Movimentos: as peças do seu grupo e, em poucos instantes, a casa grande estava debaixo de céu. As passadas das bocas dos fuzis doem no silêncio profundo da noite.

Coronel Martinho Ferreira e sua família foram colhidos pela surpresa do ataque. Em palavras agressivas e brutais Virgulino Ferreira o intimava e coage a que lhe dê dois contos de réis, importância que avalia insignificante para a presumida riqueza da sua nova vítima.

— E ói qui tou lá pedindo pouco! Teu seno muito bom com você!

Com aquela coragem fria dos homens destemidos a quem o medo da morte não acovarda, o velho Martinho Ferreira, cartado nas lides crueldas dos jagunços dos Guerras e dos Mendes de Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, foi pronto e franco na resposta:

— Lampião, eu não tenho dinheiro aqui. Se tivesse, lhe dava. Amanhã mandarei lhe levar o dinheiro por meu filho, donde você estiver.

— Corisco não se contém com a resposta do coronel e lhe responde com insolência:

— Ah! É assim que você trata a maiô oturidade do artigo? Vêio safado! Barba de sabão! Ou você tá pensando qui sóis vai querer dith im sinhô de engenho quebrado?

Era a primeira vez que o coronel Martinho Ferreira assistia a alguém duvidar da sua palavra, duvidar dele, de quem um fio da sua barba branca valia mais do que aquakquer documento assinado em cartório, com sôb, testemunhas e firmas reconhecidas.

Ele, Martinho Ferreira, certanejo para quem a honra era tão sagrada como a vida, varão de "contra-peso e media", homem de fato, lei e verdade, via seu lar achincalhado, a família ultrajada, dona Marcolina, sua espôsa, surrada pelos cabras, para que descubrisse o lugar onde podesse estar escondido o dinheiro! E tudo sem lhe ser dado esboçar um gesto de reação, ou uma represália à desonra recebida!

Os seus filhos, com exceção de Mário, que conseguiu fugir, tiveram as mãos arrebentadas de belos pela tão falada "laço e nó", nome dado à palmatória feita do âmago vermelho da baratinha, que o negro Zé Baião tornou em instrumento de agonia para as criaturas indefesas.

As mãos das suas filhas ficaram em carne pisada de sangue, só pelo fato de nsarem o cabelo cortado, ouvindo ainda de Lamplido estas palavras de um contra-senso moral monstruoso:

— Tô fazendo isso pra dí indecação a voceis, qui seu paizinha lhe deu. Malé qui corta o cabelo é malé ruim!

Como remate na baixesa daquele cenário, despiram dona Marcolina e com pedaços de cana a esbordearam com sadismo de loucos. As flagelações não lhe doliam tanto como a conspurcação do seu pudor de matrona pura, pela insânia dos celerados.

Dante da dor e das lágrimas das filhas, chorando pelos sofrimentos por que estava passando a sua mãe, a cabroeira animalizada, as advertiu:

— Deixe de chôro bêsta! Deixe pra chorá adispós qui a rôde sai!

Frase curta e cruel que levava o sentido de uma condenação à morte, provavelmente, pesando sobre a cabeça do chefe da família.

O coronel do engenho Olhos d'Água, tolhido pelas bócas dos fuzis, petrificado pela desonra, tinha os sentidos embotados na insensibilidade dos mortos. Os irracionais teriam nojo daquela passagem islame, e a indignidade ocultaria o rosto para não pre-senciarla.

Findo o saque na casa, entrada a façanha canibalesca, os bandidos inteiraram ao seu chefe do "dever" cumprido, na missão de depredar, de destruir todo o lar do coronel e da sevicia e profanação nas pessoas da sua família.

O tiranozinho insatisfeto mentaliza ainda fazer mais longa a situação de vencido humilhado que submetera a velhice desamparada do coronel Martinho Ferreira. E esticando o dedo, como um pedaço de osso envenenado, para o barro em que viajava, prêto, o filho de Fausto Dodô, ordenalhe, numa voz tonitruante:

— Monte na garupa daquele saladinho e vamo. Si intê amanhã o pai dèle e seu fio num me trazê o dinheiro, vocêis me paga!

No rosto da esposa, nua e acabrunhada, de Martinho Ferreira, solta estas palavras de sarjeta:

— E você, sinhá burra viúva, também vai!

Escancaram a pobre senhora na serra do cavalo de um dos bandidos e desembocaram, em corrida louca, rumo ao Estado da Bahia.

Na cancela que dava saída do engenho descobriram que a infeliz senhora estava "incomodada" e a desmontaram da garupa do cavalo, jogando-a ao chão como um volume qualquer.

E lá se foi a caravana que insultava até a escuridão da noite e que para o coronel Martinho foi a sala de espera do inferno e para a sua família um pesadelo de condenados à morte.

Num pequeno sítio encravado à beira da estrada alteava-se uma casinha em cujo terreiro fizeram alto os fantomas do crime, na sua marcha de morte, na sua caminhada de sangue. Era uma pequena cultura de café, uma página de verdura viçosa na terra secunda daqueles arredores.

Pancadas ensurdecedoras sacodem a noite e berros arrepiantes escalam na paz da noite sonolenta. O estremunhado dono da casa abre a porta com a alma tremendo de medo e os olhos amarrados de sono. Lampião exige, sem outras palavras, quatro contos

de réis ! O matuto, esmagado sob a exorbitância da quantia estipulada, sente-se vario por dentro, confessando que não dispunha de nenhum dinheiro, que era um desgraçado agricultor vivendo do que lhe entregava a terra em safras pequenas, em produção que gastava no sustento dos seus.

As suplicas do desesperado lavrador soaram sem encontrar acústica nos ouvidos surdos, no ciúme revoltante do bandido. Lampião olha-o com escárnio e através da luza mortiça de um candeceiro que o sertanejo segura às milhas moles, desconcerta-o com esta declaração:

— Você tá pensando eu eu num sei qui você vendeu uma partida de café pra oito contos de réis?

A declaração de Lampião arrasa o pequeno agricultor. Pausa, de sopetão, na mentira que ele criara para se defender.

Há homens a quem o dinheiro dá, com a fôlega da avarice, resistências absurdas. Entre perder a vida soltar o dinheiro de entre os dedos, preferem sentir nos lábios o sabor da morte a ficar com a vida sem o sabor do dinheiro. E foi assim que aquele homem avarento respondeu a Lampião com outra mentira:

— É verdade, capitão, eu vendi uma partida de café pra oito contos de réis, mas porêma foi fiado.

Virgulino Ferreira, que tinha decorada a alma do sertão, com as suas manhas e os seus heroísmos, sabia que tinha diante de si um sujeito astucioso, velhaco e duro, que não cedia, facilmente. Tirou os óculos, desembacou os vidros, e com a ponta da pupila do olho bom varando meio a meio o temeroso sertanejo, disse, calmamente, sem alteração nos traços do rosto escurecido:

— Pula sua cara tou veno qui você tá é mintino. Péra ai qui você vai já vê uma coisa ! — E virando-se para a cabocreira, grita:

— Ferrugem ! Comiense o homem !

O bandido Ferrugem deixou nome leito nas crueldades praticadas pelo grupo. Frio, matava cantando, feria e descarnava as suas vítimas com o prazer do artista que termina a sua obra.

Não foi com pequena alegria que Ferrugem recebeu a ordem do seu chefe. Salta da sua montaria, já de puzhal nu na mão, e corre para supliciar o desventurado matuto. Agarra-o pelos cabelos e vai enfiando, aos poucos, a ponta cortante do seu enorme

pauhal entre o couro e osso da testa, a lâmina abrindo uma escusa que começara numa fonte e terminava na outra, o osso a mostrar a sua branqueira chocante, a pele caindo sobre os olhos — caricatura de uma caveira que se desenhava, molhada de sangue.

Isso Ferrugem fazia fitando bem de perto a sua vítima, olhos injetados, brilhantes de gôzo, lábios trêmulos a lhe perguntarem:

— Cuma é, seu fi da peste, diz eu num dix onde tá o dinhéiro?

O sertanejo, já todo ensanguentado, vista turva, uma ruína humana prestes a cair aos pedaços, grita pedindo misericórdia a Lampião.

— Seu capitão! Pelo amor de Deus! Num deixe Ele me matá! Eu num já dix que num tenho dinhéiro! Eu vindi o café malo foi fido!

Lampião, como professor daquela aula de suplicios, faz um pequeno gesto e Ferrugem retorce o pauhal em sentido contrário, deixando à mostra um talho de cinco centímetros na fronte ensanguentada do roceiro. Um rágão como uma boca imensa, de lábios escarcurados, uma como máscara trágica em que a boca se tivesse mudado para a testa.

O homem visualiza a morte através do véu de sangue que lhe turva a vista, que lhe molha a camisa de madrasto branco, mas continua negando, insistindo em afirmar que não tem dinheiro. Ferrugem muda de tática; arranca-lhe a respa do corpo e o far montar numa égua em pélo, ossuda, passarinheira e árdega. Amarra-lhe os pés por debaixo da barriga do animal, improvisa uma brida com a corda do cabresto que a manjinha amarrada ao pé direito do alpendre da casa, e pondo-lhe nas mãos aquelas arreias de emergência, lhe previne:

— Tá veno, seu fi da peste! Isso é pra você deixar de ser bêista e num vendê café fido a ninguém!

São testemunhas silenciosas dessa encenação cruel o coronel Martinho Ferreira e Joaquim, o filho de Faneto Dodô. A cabocleira dispersa nem sequer dela tomava conhecimento. Aquilo era rotina e monotonia nas horas dos sortidos dias criminosos.

Lampião resolve partir e grita para o bando:

— Tomem a estrada e vamo-nos embora.

A noite abriu, novamente, as suas estranhas e tragicasas nos caminhos incertos.

Agora, os presos eram três e viajavam no centro da coluna, encotados como precaução para não perdê-los. Os cascos dos animais furavam o lombo das estradas no labirinto da mata ador-mecida. O frio da madrugada andava na neblina fina que molhava, de leve, a areia sólta das veredas.

A legião de demônios, uma vez mais, parou no terreiro de uma vendela e a porta se abriu sob a pancadaria das armas dasquelas béstias sóltas no sertão. Fumo, cachaça, bolachão e cocada, tudo Lampião comprou, pagando a mercadoria pelo preço que ele achou justo e exato. Mandou que os "meninos" se abastecessem e que dessem também aos presos. Nem um délio arreitou nada.

Ainda comendo, continuaram a jornada, já nos finais das matas de Simão Dias. Zona pouco habitada, facilidades as paradas nas casas desgarradas nos ermos e nos esquisitos.

Na residência do velho Joaquim Filipe, mais humano e cordato, pede Lampião, por empréstimo, alguns animais, prometendo devolvê-los no dia seguinte. Enquanto se efetuava a mudança dos arreios para os animais adquiridos, Raimundo Filipe, filho do dono da casa, pede a Lampião a liberdade dos presos. O rapaz é atendido, mas só em parte. É posto em liberdade apenas o negociante de café, cujo dinheiro, segundo a sua alegação, não havia recebido. Ao saber que estava livre, na égua que montava voador dentro da noite, como se fôra o homem mais feliz do mundo. Chegando à sua casa, corre ao monte de café em grãos, num canto da sala, dedos crispados e recurvos como garras, cava no lugar onde escondera o seu dinheiro e, ao sentirlo nas mãos, chora de prazer, beija-o com desespero, estrega-o no rosto sujo de sangue, no êxtase diabólico dos avarentos que vêem no dinheiro a deusa da sua alma astinhaizada.

A madrugada cheirosa das matas já se arrasta sobre a terra, rasgando claras de luz pelas voltas dos caminhos. Lampião apressa-se em alcançar o território baiano. A fadiga, o sono e as peripécias daquela arrancada do grupo, através dos últimos limites das serras sergipanas, oprimem as energias físicas dos facinoras até ao exgotamento.

Antes da retirada da casa de Joaquim Filipe, Corisco — o Diabo Louro — fustiga o seu cavalo e aproxima-se do preso Jólozinho para sondar o seu estado de ânimo e as suas esperanças de salvação. O rapaz é uma sombra física de desalento, um fatalista resignado ao seu destino. Diz a Corisco, sem ilusões sobre o irreparável da sua situação:

— Sou um condenado à morte. Ninguém vai me salvar. O capitão mandou meu pai buscar o dinheiro em Simão Dias. Mas como ele vai arranjar esse dinheiro se a baronesa está em Aracaju e o dr. João do Baixo também? Não vejo saída pra mim e seja o que Deus quiser.

Corisco o ouve calado e sem nada deixar escapar das suas intenções, atiçar-se do rapaz.

Está se processando no célebre bandoiro um fenômeno de compreensão humana e de piedade pelo pobre Jólozinho, ato raro e difícil no seu ânimo torvo, na sua alma forrada de ferro. Parece que nos grandes malfeitos a crueldade se afasta, de raro em raro, dos instintos primários, para voltar à normalidade.

Corisco se interessava pela sorte do rapaz a quem Lampião auxiliaria dentro de poucas horas. (?)

A herda esbarra no travessão que separa a Bahia de Sergipe. Quilômetros adiante demora o povoado de Lagoa Preta.

O sol da manhã tem fogo na luz intensa e a fome dá ao grupo sinais de desencorajamento e de quase inanição.

Três baraúnas majestosas cruzam em trempe as suas sombras envolventes, e no raso da caatinga sua deitam-se no chão buscando repouso. E aquelas titâs, broncos e bronzeados, feitos do granito dos penhascos e que seriam heróis se não fossem brutais, caíram sob as três baraúnas, enrodilhados nos corpos suados, para o descanso recuperador.

O crime, o ódio e a vingança reclamavam também uma parada no impeto selvagem do seu extravasamento.

Os presos eram como anámbulos daquele pesadelo, sem o direito sequer de escolher o lugar para morrer. Ali estava Jólozinho, o menino rapaz, com dezoito anos, vividos no descuido de um ambiente sem ambições. O coronel Martinho Ferreira, tronco

de baradá, sexagenário forte e duro como um símbolo da resistência de uma geração envelhecida no sofrimento.

Todos descansavam, menos Virgulino Ferreira, a ferro indo, mável dos sertões. Aparta-se do grupo e é acompanhado por Corisco. Discutem, gesticulam, resolvem, cochicham.

Ao voltar, Lampião bate no ombro de Jolozinho e, carregando e estripido, brada-lhe enfurecido, como quase arrependido do que ia dizer:

— Monte neste burro e suma-se de minha vista! Quero lá só pur as costas!

Diante da libertação inesperada, Jolozinho, como desumanizado pela emoção, fica parado, na posição insensível dos autômatos. Quando o sangue lhe correu de novo pelas veias, o rapaz se lhe em carreira desenfreada pela estrada potiguar. Na página da sua vida o destino apagara a sentença de morte.

O velho Martinho Ferreira, como esquecido, por Lampião, cochava a barda branca, torcia o bigode grosso, de pé, numa tranquilidade desafiadora. Lampião irrita-se ante a calma enervante daquele varão modelado na dureza dos heróis. E avançando para él, berra como louco:

— E você, seu chitirudo vêio, pruqui é quiti esperano? Pa-poquear na casa da peste, ganhe o caminho do inferno ante qui li metá uma bala na boca!

Todas as fibras do coronel Martinho estremeceram diante do insulto supremo à sua dignidade e, energeticamente, repeliu o bandido:

— Lampião! Me respeite! Me mate mas não me chame de corno! Olhe que sou um homem velho que merece ser respeitado nos seus cabelos brancos! Olhe que sou um homem casado!

A réplica valente do velho fazendeiro, em vez de despertar uma reação assassina nos componentes do grupo, aculou uns onda de ridículo, explodindo em palavras de uma sujeira abjeta. Corisco, espírito luminoso de um ódio que não perdoava a ninguém, feriu ainda mais aquela velhice vencida com o chárstico déste insulto:

— Tá vêo, capitão, ele tá pensando qui os corno num fio vêio!

Até Lampião ri da mordacidade mortal do ultraje.

E os ditos mais baixos varavam o ar, como insetos venenosos, zombando a sensibilidade já tão espezinhada do coronel. Era a covardia no que ele tinha de mais pusilânime! Era o ridículo pegajoso como um verme, sujando a vergonha do fazendeiro! De todos os lados cheviam acintas em frases mordentes:

— Ah! vêlinho macho! Tá veno, cumpade, é intê malimpre, gado éle morré cuidado! É home camô poucas muit!

Num dos intervalos dessa suralvada de débochas, Corisco se abeira do coronel Martinho Ferreira, e lhe dando tapinhas nos ombros caídos, o aconselha:

— É isso mesmn, meu vêlo. Vii-s'imbora ante qui a coisa piane!

Ainda não se sabe a que atribuir o interesse de Corisco pela soltura dos dois presos, porque o que é fato de dívidas é que ambos lhe devem a vida. De outro modo não se explicam os seus cochichos com Lampião, na conferência reservada que tiveram.

Martinho Ferreira recebeu as palavras de Corisco como o anúncio do que ainda poderia acontecer contra a sua vida. E no chôto miúdo dos seus passinhos de ancão, caminha de volta para a fazenda. Curvam-lhe o corpo murcho as dores físicas e morais, a fome e a fraqueza nos membros entorpecidos.

A uma hora da tarde, Jukozinho, cambaleando sobre a seia do barro que o carregava como a um fardo, chega a Simão Dias. Idiotizado, é um rapaz mudlo, fisionomia de alucinado, less, olhos fixos, uma sombra do que era. Nada diz e nada responde. Ainda tem no espírito as algemas do miúdo e o pavor dos tormentos que o deixaram como morto por muitos dias.

No engenho, a chegada de Martinho Ferreira reverberou como o clarido de uma aparição do outro mundo. Toda a família, que acendia velas a N. S. da Boa Morte, correu para ele. As lágrimas de dona Marcolina, sua espôsa, profanada na sua intimidade física e na pureza dos seus sentimentos cristãos, as mãos inchadas das filhas, ainda roejando sangue, fastigadas pelos castigos e pelos bicos da palmatória de Zé Baiano, toda a angústia daquele clima de desespero o envolveu para o resto da vida. O choque emocional que caiu sobre Martinho Ferreira adocerou-lhe a razão e — fato

deplorável -- levou os seus últimos dias passeando na calçada da sua residência, de onde só saia se suas amigas o retirassem.

Data destes acontecimentos a minha entrada, como contratado, pelas forças baianas, para perseguir Lampião. E, mais tarde, como soldado da polícia sergipana, continuar na mesma campanha contra o banditismo do Nordeste.

### XIII

A festa universal que canta, reza e enche a alma humana de alegrias e de esperanças descia, tranquila e mística, sobre o sentido certido pelo sofrimento. A noite de Natal que se anuncia pelo canto do galo e entra para dentro de nós como um anjo de paz e fraternidade estava sendo comemorada também entre nós, no inferno das caatingas. No coração de cada um havia uma saudade que nos vinha trazer recordações de casa, reminiscências longínquas de dias mais felizes e horas menos amargas. Estivemos na cidade de Aquiridabá. Cânticos rústicos e belos na sua simplicidade, danças em rodas humildes, bebidas correndo em copos para a comemoração da maior festa do mundo, acendia entusiasmo no peito forte dos homens a quem o governo arrouxou para abater Virgílio Ferreira da Silva.

A nossa tropa, às doze horas daquela noite, não se lembrava de Lampião nem das travessias torturadas de fome e sede por que havia passado nos dias intérminos e nas noites traíçoeiras de caatinga a dentro no sertão bravio e hostil. Divertia-se sómente. Abria as portas da alma e recebia a ternura que vem da noite de Natal, como em prêmio às agrietas da vida que lhe coube viver.

Mas mesmo aquéllos minutos de felicidade parariam brevemente. Um forte silvo de apito dilacerou-nos os ouvidos, e mais admirados que surpresos corremos ao seu chamado. O sargento Manoel Resende nos recebeu de cara feia e preocupada. Um pronto! foi gritado por todos, agitados e nervosos em torno do comandante.

— O que é que há, sargento? Alguma notícia de bandidos?  
— Eram as perguntas que sacudiam o ambiente e que esperavam do sargento uma resposta. E ela veio, sumária e implacável.

— Vamos viajar agora mesmo. A volante de Zé Rufino dei com os bandidos lá pra sua banda da "Marias Prétas". Vi dizer que foi com o grupo de Zé Sereno, que o tiroteio foi cerrado e que tem muita gente ferida. Quero ver como foi isso.

— Tá pra sinhô, sargentu! — exclamou o contratado Cândido Ramos.

— Tá pra mim por que, Cândido?

— Já s'esqueceu qui Zé Sereno disse qui tem uma conta vélia pra acertá cum o sinhô?

— Não esqueci não, Cândido. Pelo que vejo, o tempo de pagar é agora.

E olhando para todos, como se os contasse com os olhos, perguntou:

— Estão todos prontos?

— Todos! — Foi a afirmativa da tropa que pronta andava a qualquer momento, sem se alastar das armas e nem tirar as cartucheiras, mesmo nas horas de dormir.

A Idéia de partir me enlouqueceu e não foi sem um mudo protesto interior que me fui dirigindo para dentro da noite escura e silenciosa.

A festinha estava-me lavando as caixearias do corpo e da alma e foi quase sem sentir que me saí com essa recriminação:

— Mas, que diabo, hem sargentu! Vamos deixar uma festa tão animada só porque Zé Rufino e Zé Sereno estão brincando de trocar tiros?

Felizmente o sargento não ouviu as malhas palavras. Ele não discutia as ordens. O que eu não queria era deixar a festa.

Taciturna e coesa a volante, em fila indiana, estavam numa estrada pontilhada de espinhos, de pedras cortantes e areia sóbia. Aqui e acolá, um sorriso, uma pilharia, um gracejo ou uma praga. Dissimulada entre as trevas da noite a tropa, que contava com vinte e três homens, incluindo o sargento comandante, um cabo e o rastejador, marchava a passos macios, muda, caetelosa, olhos abertos, sentidos alerta, com destino a fazenda "Marias Prétas", guiada por Sanharó, um dos maiores rastejadores das chatingas.

Ao quebrar da barra, por estradas desertas, sonolentos matutinos voltavam aos seus lares, vindos das festas natalinas. Pés descalços, um cacetinho ao ombro, dependurado numa das pontas um lenço com doces e os sapatos de couro duro.

Coagidos pela volante êsses pobres homens tinham que dar notícias dos bandidos, soubessem ou não do seu paradeiro. E para arrancar-lhes, muitas vezes falsas, eram, estupidamente surrados pelo cipó caboclo, que o punho do malvado Sanharó manejava com maestria.

É um capítulo de barbaridades a história dêsses desgraçados que pagavam, indistintamente, pela traição dos coiteiros, assaltados pelos bandoieiros, para iludir e despistar as volantes.

Todos eram suspeitos e nenhuns merecia confiança porque, comumente, entre êles estava um vigia, um delator, um informante, alugado ou não, para inserir aos bandidos de todos os passos das forças que os perseguiam.

E como, na concepção estreita dos comandantes das volantes, cada solitário habitante da zona infestada pelo cangaço podia ser um coiteiro, as torturas, as surras de "pinhão", desabavam sobre todos, inocentes e culpados.

Como resultado dessas medidas extremas nasceu e cresceu no peito daquela gente um ódio de morte aos representantes da ordem pública nas caatingas.

Entre êles criou-se uma aliança, um contrato de solidariedade coletiva: vingar-se das tropas do governo. E se vingavam aliando-se aos bandidos, muitos por dinheiro, outros pelo medo de morrer se os delatassem e quase todos pela desonra das surras e dos espancamentos que os homens da lei, frustrados na sua missão, lhes aplicavam ferozmente.

Os infelizes que a nossa volante interrogava naquele momento, foram chicoteados para dizer o que sabiam e o que ignoravam.

A verdade é que, nada de positivo ou de proveitoso nos veio das confissões extorquidas pelo argumento físico das cacetadas.

Dia claro a nossa volante deixou o descoberto das estradas e embrenhou-se no mato, pelo ralo das caatingas, pelos altos e baixos do terreno seco e acidentado.

Eram 9 horas da manhã, quando Sanharó, subiu numa barraquinha, sondou o horizonte, olhos, demoradamente, para as distâncias, desceu e disse:

— Sargento! A "Marias Pretas", fica aqui a nossa esquerda, coisa de meia légua.

O comandante pensou um pouco e declarou:

— Não adianta mais ir as "Marias Pretas", quem morreu, morreu; quem escapou, escapou. O que interessa agora é encontrar a pista. Estão com coragem rapaziada?

A resposta foi uma só:

— Isso é pregunta que se faça meu sargento!

Cândido Ramos, tagarela como ninguém, ainda acrescentou:

— Ora se tamo, fá só Sanharó achar a pista e nós tomar os tempo díles. Se entrarem no inferno nós entra também.

Hora de almoço grande, o calor sufocava, a fome e a sede já se faziam sentir. Sanharó, que sempre viajava umas vinte varas à nossa frente, estava acordado, esperando que todos se aproximassem.

— Alguma coisa Sanharó? Indagou o sargento:

— Há e muita meu sargento. Os bandidos vão aqui perto. Se muito vão há menos de u'a légua. Vai até gente ferida. E mostrou dois pingos de sangue seco no chão.

— Nesse caso não se come nada agora. Quem quiser comer que vá comendo no bornal. O que é preciso é não dar descanso a elas, ordenou o sargento Manuel Rozendo.

Durante os meus seis anos de cartucheira e bornal, nunca levei tão a sério a campanha, como naquele dia. A cada passo e a cada momento a pista era mais viva e mais quente.

Sanharó parecia um cachorro bom de caça. De repente, parou e esclareceu:

— Sargento! Prepare os homens qui Zé Sereno vai aqui e não vai muito longe. Olá aqui avende um bandido cuspiu, vão se achando de sêde. E tem mais u'a coisa, vai muisé no grupo.

— E como você sabe qui vai muisé no grupo? Perguntou o contratado Braga.

— Vocês parecem qui são é cegos! Olá aqui aonde ela se abaixou e mijou!

— Pedro Braga, sempre debochado, cochichou-me ao ouvido:

— Tomara qui seja Rosinha heim mano! E ria fechando um olho.

— Por Nossa Senhora, Pedro! Isso é lá hora de se pensar em mulher!

Zé Serezo ao fugir do tiroteio com o sargento Zé Rufino, encontrava-se com o seu grupo desacordado, sedento, faminto, e com alguém ferido.

Cercá-lo, capturá-lo ou matá-lo, seria uma questão de instantes, se a sorte nos ajudasse.

Nessas alturas o sol queimava e uma nésga de caatinga estéril e crua alongava-se à nossa dianteira.

É quando Sanharó faz um sinal rápido com a mão, indício de perigo próximo.

O sargento ordena metá crava nos fuzis e a tropa, dedo no gatilho, espera a segunda ordem.

Uma onda de frio naquele fôrno insuportável corremos pelo corpo. Membros tensos, nervos tiniendo fazem de mim uma pálha elétrica pronta para a descarga.

Assalta-me uma vontade incontrolável de mijar. Talvez por ser aquela a minha primeira diligência. Depois, venço o medo pelo raciocínio claro do dever a cumprir. Volto a meu estado normal preparado para tudo.

Com o peito costurado ao chão chegamos ao lugar onde o rastejador estava deitado e nos recomendou silêncio. Nessas horas críticas obedece-se mais ao rastejador do que mesmo ao comandante.

Ao longe, num retalho de caatinga quase pelado, Sanharó mostrava ao sargento um vaqueiro "encambeando" uma vaca.

— Vamos até lá! Chegamos a ordem do sargento. Quero saber notícias seguras, informações certas. Quero saber se os bandidos são muitos e se vão muito longe.

De súbito, o vaqueiro nos avista. Corre para o cavalo selado, monta e dispara num galope vertiginoso, sumindo-se nas lonjuras da caatinga deserta.

— Juro, meu sargento, como aquele peste é um coiteiro e vai avisar aos bandidos qui nós vamos perto. E por isso, qui todo dia eu digo, coiteiro só vai mermo é no "pinhão".

Era o contratado Cândido Ramos, extravasando a sua inegável desconfiança em todos os habitantes daquela região.

— Se você estiver com a razão Cândido, este vaqueiro vai me pagar com juros. Afirmei Manuel Roriz.

Sanharó retomou a pista e parando um pouco adiante, avisou que o vaqueiro ia na mesma trilha dos bandidos. Aquelas horas, Zé Sereno já devia estar avisado. Aquele vaqueiro era, de fato, um refinado coiteiro. Mesmo assim arrancamos em marcha batida no encalço do grupo.

Com poucos instantes de caminhada, começaram a chegar aos nossos ouvidos, uns estalos exquisitos como se fossem tiros. Não foi difícil advinhar.

Zé Sereno havia atendo fogo na caatinga. Ao longe, rolos de fumaça moviam-se no espaço, as chamas como trapos vermelhos levantavam-se do chão e açoitavam pelo vento desenrolavam-se como um lençol de fogo, envolvendo tudo à nossa frente.

Um cheiro enervante de mandacaru e macambira queimada, impregnava o ar.

Como vencidos numa luta sem tiroteios, ficamos ali parados diante daquele trecho da caatinga carbonizada. Zé Sereno nos pagaria.

A lembrança dessa noite de Natal pregou-se à minha memória, sei que eu nunca pudesse esquecê-la. Noite silenciosa e feliz para os outros. Para nós, os soldados e contratados do sargento Manuel Roriz, uma noite de medo e pesadelo.

Sete longos meses esconderam o nome de Lampião no desconhecido! Desapareceu do noticiário como riscado do mundo dos vivos, como se nunca tivesse existido!

Técnico no labirinto do terreno que se cobre de entradas e saídas para todos os lados, com a geografia das fazendas decoradas nos seus mínimos detalhes, era um artista consumado em se camuflar, entre os acidentes e relíquias do solo.

Nessas fugas misteriosas havia uma intenção do bandido. Desconcertuar as forças do governo na confiança das populações que acompanhavam, com ansiedade, a luta da lei contra o crime.

Se os volantes perdessem o seu paradeiro, era o que parecia ser, um indicio flagrante da sua ineficiência. O efeito psicológico desse sumiço do bandido-mor sobre o povo, era atorduante e, sobre os volantes inculcava o desânimo e a quase convicção da sua imortalidade.

Combatir homens exige sempre a esperança de um dia vencê-los, mas correr atrás de fantasmas, desespera, amolece a fé e a coragem.

Lampião foi o mais incompreensível estrategista das brechas certanejas, em todos os tempos.

Por isso o silêncio que o retirava da circulação era mais prejudicial às tropas da polícia do que os combates, à claras, nas estradas e nas fazendas. A sua ausência causava neurastenia às volantes e no temperamento nervoso do sargento Manoel Rozendo, batia como chicotadas.

O bravo comandante ficava intratável, violento mesmo, quando Lampião transformava-se como uma sombra assente e incansável.

Um dia, enigm, depois de sete meses exasperantes, o diabu das caatingas deixa o coito e estoura como um vendaval, sóltio em correrias e assaltos.

Estivemos acampados na fazenda Araticum, quando a notícia varreu a zona com a velocidade do relâmpago! Lampião havia passado na serra Meiris do outro lado do São Francisco, no Estado das Alagoas, dando a entender que se encontrava entre a cidade de Pão de Açúcar e o povoado Belo-Monte.

Na sua passagem pelos Meiris, incendiara uma casa onde havia uma máquina de beneficiar algodão e matara noventa cabeças de gado, tudo de um só fazendeiro!

A nossa volante era a que estava mais próxima do grupo. Bastava atravessar o São Francisco e as pistas por ele deixada nos guiaria a um assalto que poderia alcançar êxito. O sargento Manoel Roriz reuniu seus homens e foi claro, decisivo:

— Antes do sol esquentar queremos estar do outro lado do rio e, se possível, em Belo-Monte.

Um canoeiro nos condizaria àquele lugarejo onde os bairros se contradiziam em informações duvidosas. Em meio à confusão dos comentários, o cabo Mignoli volta-se para o sargento e pergunta:

— Como é sargento! Vamos ficar aqui urrino istôra de semana de nove dia, ou vamos botá nos bandidos?

O sargento consulta o rastejador:

— Samborô! Você conhece a caatinga de Alagbas?

— Ora meu sargento! E pra se rastejar é preciso conhecer a caatinga? Eu só rastejado até no inferno.

— Então caia no mato e nos dê a pista, ordenei o comandante já meio impaciente.

Quando havíamos andado uma léguas bem puxada, por veredas sem fim, encontramos um caboclo. Pelo modo de trajar, notava-se ser um vaqueiro. Vinha a pé. Cercado pela volante, o sargento foi perguntando, sem rodeios:

— Como é rapaz, estou informado de que os bandidos andam por aqui e você não vai dizer que não sabe. Ou vai? Quer falar com o "pinkão" ou sem o "pinkão"?

— Seu sargento! Minti non serve e a verdade manda Deus que se diga. Eu andava atrais d'ua vaca e quando foi ali pur vórtex de meidaz — vomicô pode aqueridaz in Deus — qui foi sem eu querê. Quando eu dei fô, tinha istafado bem em riba d'les. Non tive tempo nem de corrê...

O sargento interrompeu:

— Os bandidos eram muitos, como estavam e para onde iam?

— Seu sargento pra one eles ia, eu non sei, tomôn non sei quantos era, mais pra mim, era pra mais de trinta. E tinha mais uma coisa, la treis mulé no grupo. Tinha uma qui tava intê prenha, coitada! Tá com a barriga na bôca, in dias de pari.

Um tanto bruto o sargento cortou a conversa do catingueiro, advertindo-o:

— Não estou lhe perguntando por mulher prênhia nem com a barriga na bôca ou nas costas, o que eu quero saber é onde estão os bandidos. Está ouvindo.

— Mais vomicô non dexa eu contá a história toda, fica só me atrapaiano. E cumo eu vinha dizêno, quando eu dei fô tinha distambocado bem em riba dos home.

— E isso você já disse. É melhor você deixar de tanto "contadonrenço" e dizer tudo de uma vez. Aconselhou Manuel Engendo, meio aborrecido.

Já furioso, o soldado Pedro Braga, um cabra da cara de ferreiro, deu uma coronhada de fuzil na cabeça do pobre homem e com uma voz ameaçadora e fanhosa, respondeu:

— Conte essa istoria dereita seu corno.

O miserável cobriu a cabeça com as mãos, foi lá, foi cá, curvou-se como quem ia cair e calou-se.

Sanharô foi em seu auxílio, ensaiando um gesto de amparo, aconselhando-o:

— Vamo rapais, arreie o "filipe" e conte a história do princípio.

O caboclo continuou:

— Apois é seu sordado. É mermo cumo eu vinha dizêno. O lugá onde nós tava era u'a catinga distampada e eu só tava cum mais medo e pruquê eu sabia qui a volante do sargento Odilon

Fulô tava na guariba, bem pertinho de nós. E eu tava vêno a ora de se acabá tudo.

— Lampião sabia que a volante era a de Odilon Flôr? Interrogou Manuel Rosendo:

— Sabia inho sim. Agora eu non sei é quem disse a ele.

— Como você sabe que Lampião sabia que a volante era a de Odilon Flôr?

— Pere ai qui vomisçê sabe já. A volante viinha nos tambo dêles, quando distambocou foi bem em riba do grupo. Ai meteu bala pra dentro, os cangaceiros arresponderam em riba das buxa. Foi ai quanno eu vi Lampião gritá:

— Odilon Fulô, ladrão de cavalo do Pajau, tu pensa qui eu non te cunheço? At fechô o tempo, era bala zuá qui só trovão de janeiro. Eu só via era os bandidos diai pro sordados no meio das bala:

— Quero vê quillaria. Diga a sua mãe qui mande a minha cibôra. E os sordados arrispondia cantano um versinho qui diaia assim:

"A mãe de Lampião  
É feia de natureza  
Quando bota pó e ruge  
Fica o suco da beleza"

e gritavam ainda:

— Ita ferrinho de cortâ mantiga! Tá mi cumigo minha néga? Segura o dedo bandido, qui carniça de cangaceiro perfo de naim é perfusão. Sustenta o fôgo cégo da gata setena, si não vò te arranca o ôto ôto de pushá. Qui Odilon Fulô é macho pra incardi.

Com ar de sombria, Braga interrompeu a história compilada do matuto, dizendo:

— Tá vêno sâgento! E o povo ainda diz qui quem briga de nome feio é muie ruim. Eles é qui são piô de que as muie dama do "Curri".

Manoel Rosendo estava farto de conversas e aborrecido virasse para o cabôculo e diz, em tom sério:

— Rapaz, você sabe dizer se no tiroteio morreu alguém?

— Nem sei, isso não, mas parece qui tem muita gente de dente pra riba. A coisa non foi dêsse mundo, não.

Então, vamos até lá, decidim o sargento:

— Eu mesmo non vou não seu sargento. Mi disculpe pero p'no de Deus, mas eu non vò não. Quem d'na escapa na ôta morre. Só posso ir só se fô priso.

— Bom, se você não quer ir sózio, vai priso. O gasto é seu.

O vaqueiro des fez semblante um jeito de chôro. Resignado e vencido fez dizendo:

— Entouce me acompanhe. È pur'aqui.

Logo adiante Sasharô mostrou a todos as catingueiras e mandacarús esfolados de balas, indícios de que o tiroteio havia sido bem próximo.

Com mais quilômetro de marcha, estávamos no local da luta. O cabôlo, com um mèdo tremendo nél todo, ia explicando:

— Ôi, seu sargento, es home atraiva daqui e os sordados lali. Só não conto m'ô proque quano o fogo arrebentô, eu pra não morré, sai danado vendendo azeite as canadas.

Examinâmos todo o terreno da luta, sem perder um só detalhe, investigando demoradamente. Nada de cadáveres em nenhum lugar, nada de feridos.

Já ao término da cuidadosa busca, descobrimos algumas manchas de sangue. Odílio Flôr havia levado a melhor, foi o que concluimos, ao dar-mos com sangue no chão escalavrado do tiroteio. Conheclamos de mais a bravura do sargento Odílio Flôr.

Na terra revolvida pelos pés dos bandidos arhei um pente de balas e o examinei, cuidadosamente. Dergarei um cartucho da lâmina e estava em minhas mãos um projétil ponteagudo, tendo impressão no fundo da cápsula, a data de 1929.

Feito o confronto entre as balas do meu caducô "95" e o cartucho encontrado, a diferença era chocante. A nossa munição quase imprestável, era do ano de 1913 e a de Lampião e seus caibras, era de 1929.

Só teríamos a resposta verdadeira dêsse contraste, se um dia a história perguntasse aos ricos fazendeiros acovardados e aos

políticos traidores, como aquela munição chegara às cartucheiras do Capitão Virgulino Ferreira. E éles tivessem a coragem de responder e confessarem os seus crimes.

É por essa e outras razões que muita gente tem medo de escrever a história e de dizer a verdade.

O inverno abria as portas do sertão para fartura das colheitas, para festa da verdura. Até os espinhos dos mandacarís se renovavam e os chique-chiques, macambiras e gravatás esgalhavam-se com novos rebentos.

O milagre do inverno transformara a pneira avermelhada do rincão combusto, numa florada viçosa.

Nos claros das fazendas cobertas pelos pastos, as rãs selizes, caudas levantadas como bandeiras de libertação, nos desabalados das correnças, enchiam de rumores de cascos a solidão dos campos.

As chuvas traziam do céu uma mensagem escrita em branco no envelope verde da caatinga.

Os larens sertanejos, fogueiras acexas, lenha madura crepitando no fogo, bebiam à porteira dos currais, o leite quente e à noite, na mesa grande das casas alpendradas, comiam a coelhada apetitosa ou o queijo alcirado de manteiga, ainda quente, cheirando, despertando o apetite para as fortes refeições.

O inverno trazia felicidade para a terra, dias antes, prostrada pela cascalha e pela sede. Cada ramo era um jarro de flores agrestes e cada pedaço de terra um tapete verde-escuro, jogados nos roçados cortados de regatos cantantes; de poças d'água onde o sol parava para se olhar e os galhos floridos se moviam ao balanço do vento.

Tudo isso era o sertão na grandezza da sua brutalidade poética.

No inverno Deus desce das alturas, de manda para o sertão.

Mas, no meio dessa paisagem de paz e ternura, debruçava-se a sombra agoureada de Lampião e no semblante dos sertanejos

as rugas do medo e das preocupações, tremiam-lhe no rosto encardido pelo sol e pelo sofrimento.

Ninguém por eles! Nem governo, nem coronéis políticos, nem os ricos fazendeiros. Ninguém a não ser eles mesmos com a sua coragem e com o seu amor à terra. Não podiam se defender dos bandidos porque não tinham condições para tanto. Ser inimigo das volantes era oferecer o corpo às torturas.

Como se tudo isso não bastasse, os governos forçaram o deslocamento do homem do centro para as vilas, povoados e cidades, medida que dia tudo dos elementos oficiais que, naquela época nefasta e sombria, desgovernavam os estados nordestinos.

Atestavam publicamente dois fatos: a desmoralização como autoridades, incapazes de defenderem a tranquilidade dos seus governados e o pouco caso que davam a campanha.

O sertanejo sergipano correu para as margens do São Francisco, onde as volantes, de encomenda, feriavam no represso remunerado pelo governo.

O êxodo era intenso e desolador.

Famílias inteiras viviam às margens do grande rio, levando uma vida promíscua e ociosa. Para não morrerem de fome alimentavam-se de milho torrado com mel cabaná.

Para defender a honra de suas desgraçadas filhas, ofereciam-nas em casamento aos soldados e contratados e, olhos elevados para o céu agradeciam a Deus quando algum deles a aceitavam.

Naquele submundo de miséria e fome ainda os atormentavam a dúvida e o pavor de que fossem tidos, pelas volantes, como coiteiros. Por isso, para pensar a sua inocência e o seu afastamento de qualquer relação com o grupo de Lampião, ofereciam os frutos de sua carne e do seu sangue como garantia de que nada os ligava aos cangaceiros.

Eu mesmo, autor dessa narrativa, casei-me com uma delas, quando a volante de que eu fazia parte, encontrava-se acautelada no povoado Mocambo de São Francisco, município da cidade de Porto da Folha.

O inverno escondeu os bandidos na lenjura das serras estreitadas e as volantes contentavam-se em ficar nas suas sédias, esperando que o tempo desse tempo ao tempo.

Aos cheiros marcaram um período de tréguas nas lutas e nas marchas, tanto das volantes como dos grupos de bandoleiros. Só não havia tréguas para os coiteiros.

Frequentava, ininterruptamente, todas as feiras, onde comprovavam encantamentos para os cangaceiros e lhes levavam as notícias.

Lampião sumiu-se do noticiário, deixou em branco os cartazes da caatinga. O inverno foi saíndo do sertão e no verão desse atribulado ano de 1932, certamente, o rei do cangaço não tardaria a se anunciar. E não tardou mesmo.

Os boatos nos chegaram das cidades de Pio de Águeda e Piranhas. Boatos ardorosos, e absurdos.

Lampião mandou que o coiteiro Joaquim Terêncio espalhasse nas feiras de Piranhas e Pio de Águeda, a mentira como truque estratégico, que ele havia sido incluído entre a oficilidade da Policia Mineira, no posto de Capitão.

O boato era berrante e inconcludente. Não obstante ser possível toda sorte de escândalos da parte dos grandes fazendeiros, para protegerem Lampião, esse, entretanto, repugnava ao bom senso de qualquer homem sério.

Ainda mal rebocas pelo alvorôço da suposta entrada de Lampião nas hostes da Policia Mineira, chegou-nos a notícia de que ele estivera na fazenda Jarapataia, de propriedade do coronel Antônio Carvalho.

O sargento Manuel Rosendo, que nunca deu crédito ao ridículo episódio de haver Lampião envergado a farda de capitão de uma das mais dignas policias do Brasil, levantou a tropa para ir "botar" nos bandoleiros, vez que era verdadeira a notícia da passagem do grupo pela fazenda Jarapataia.

Cobrimos o terreno numa marcha contínua pelo centro da caatinga, sem deixar recanto, fazenda, propriedade ou sítio que não fosse revolvido e vasculhado.

Depois de andarmos léguas e léguas, enfim o endiabrado Sanharó descobre rastros de alpecartas "ferradas", sinais de grupos em marcha. Podiam ser rastros de uma volante qualquer, ou também de cangaceiros, foi o que admitiu o nosso comandante.

— Quando eu não subi tira rasto de bandido de rasto do volante, não quero só mais rastejado, disse Sanharó orgulhoso e seguro de si.

As pegadas eram vivas e fundas no terreno molhado.

Ao pôr do sol encostamo-nos numa pequena fazenda no desolado daquela região suspeita. Os currais estavam com as porteiros abertas e a casa com as portas fechadas. Nem sinal o latido de um cão ou o ruído de uma asa.

Um soldado mete a boca do fuzil numa das portas, escancarando-a.

Dormir ali era uma necessidade imposta pela prudência e pelo cansaço da viagem longa e exaustiva.

Depois de distribuído o serviço de vigilância, cada um tratou de agasalhar-se como pôde. Nada de anormal durante a noite.

Com o dia ainda escuro levantamos o acampamento e como sombras deslizamos por uma picada tortuosa e estreita. Sanharó o caçador de homens, aos primeiros clarões do sol, já havia reencontrado a pista, agora, por motivo ignorado, em menores proporções.

O dia ia ao meio, os rastros nos levaram a uma outra fazenda isolada e perdida naquele pedaço de mundo esquecido.

Ao chegarmos ao canto de uma cerca os rastros desapareceram. Como medida de precaução, o sargento Manuel Rosendo, cortou dois galhos de catingueira e cobriu-os, para conservá-los vivos e visíveis.

Cercada a casa, um caboclo de meia idade, semblante carragado, olhar feroz, estava de pé, na postura insolente de quem se julga agredido antes da agressão.

Com ele estavam quatro moças. Não vi a dona da casa; presumi tratar-se de um viúvo.

Manuel Rosendo iria repetir um daqueles tão invrantes interrogatórios, invariáveis nas suas perguntas e nas sua rotina.

Aquele caboclo taciturno e sombrio que estava para ser interrogado, era um homem diferente. Frio, de uma frieza de granito, olhar escorregadio e traíçoeiro, intraduzível e distante.

Homem para ser assassino, para matar ou morrer, por um gesto incompreendido ou por uma palavra de sentido confuso.

Passou pelas provas torturantes de um interrogatório repetido, mastigado, persistente, arrasador. O sargento martirizava-o com perguntas contundentes, nervosas, acirradas, numa insistência de estourar a paciência, de fatigar, de desesperar, de vencer pela demora, pelo cansaço.

As respostas escavam sempre numa negativa, numa indiferença dissimulada, numa fuga rápida ao aperto monótono do interrogatório, renovado, recomeçado, desdobrado em ciladas e armadilhas.

Manuel Rozendo, vai jogar a sua última cartada na convicção de esmagar a teimosia do cabeçudo sertanejo. E a quinta-roupa, pergunta-lhe:

— E aqueles rastros de alpercatas "ferradas" que vieram até o canto da cerca e desapareceram, de quem eram elas?

— A explicação saiu pronta e imediata dos lábios do catingueiro.

— Aqueles rastros, seu sargento, é dos menino qui anda atrais d'uma cabra. O siebô qué mando chamaí eles palas mesmas.

— Não, daqui não me sai ninguém, esperarei os meninos, decidio o sargento.

Não tardaram a chegarem os rapazinhos com as cabras.

O sargento faz o teste. Leva os meninos até à pista e confronta os rastros. A diferença é gritante. Havia uns três números a menos e, além disso, não eram de alpercatas "ferradas", mas de alpercatas de vaqueiro.

Pegado na contradição e na mentira, o caboclo fechou-se num silêncio de medo. Escutava sómente.

O comandante Rozendo recorre ao argumento da ameaça, do castigo pessoal e grita:

— Braga, corta o "pinhão". Quero vir se esse cabra diz ou não diz onde estão os bandidos.

Os lábios do caboclo conterceram-se numa contração violenta de ódio e com uma voz anavanhante, responde:

— Sargento, num home nom se bate, se mata. E nem me pregunte mais nada qui eu já tô é ficano ca'peste na cabeça.

A paciência de Manuel Rosendo estava em arrapoa. Temperamento impulsivo, neurastônico, incontrolado, era de espantar a sua calma aparente, considerada custo.

Quando todos nós contávamos com uma explosão do seu gênio frenético, ele mete a mão na "fogosa", tira o tabaqueiro, dá duas ou três pancadinhas e, unindo o dedo polegar ao indicador mergulha-as no raptê e solve-o de uma só vez, numa gestosa "navigada". Olha o homem e reinicia o insuportável interrogatório, manso, tranquilo, quase jovial.

— Meu amigo! Quero lhe perguntar se a peste já saiu de sua cabeça? Caso ela ainda esteja, quero lhe prevenir, de uma vez por todas, que tenho um remédio com o qual já tenho tirado a peste da cabeça de muita gente. E pelo que estou vendo, você vai tomar dele e não é pouco.

O homem não ligou a ameaça, ao contrário, ficou mais calado e como que mais tranquilo.

Nesse momento o sargento fez um sinalzinho quase imperceptível para Cândido Ramos e este, inopinadamente, arranca da cinta o seu "cabo de emboc" e, num arrepia queixo, corre o ferro de baixo para cima e de cima para baixo, arrancando cabelos do peito e da barriga do sujeito. E com o punhal espetando-lhe o umbigo, ameaçou com raiva incômoda:

— Se prepare pra morrer, cabra! Coiteiro cumigo parí morto e come gallo no reiugardo. Diz ou nem diz onde tão os bandido?

Mordendo as palavras, o homem conseguiu dizer, apenas isso:

— Me mate mais não me bata.

O dilema em que foi colocado o sargento Manuel Rosendo, não tinha outra saída, a não ser a de abandonar aquele indivíduo invencível no seu munitismo e na guarda do segredo sobre o paradeiro do grupo. E foi o que o comandante fez, quando ordenou à tropa, dizendo:

— Deixem essa cobra ali e vamos-nos embora.

Quando havíamos andado uma bem medida léguas, ali an nossos encontro um vaqueiro falador, desembarracado, língua sóbia, procurando conversa:

— Deus dê bom dia pra vamincéis, minha gente.

A saudação ficou quase sem resposta.

— Cama é sargento viúvo! Tem brigado muito com bandido?

Manuel Rozendo o olhou desconfiado e foi lacônico na resposta.

— Qual nada, quem sabe lá estes pestes por onde andam. Você não sabe de alguma coisa?

— Ouvinte? Nem sei o que! Ainda entre eles dormiram ali naquela casa!

E apontou para a fazenda por onde havíamos passado.

— Tá vendo sargento! E o sinhô ainda nem quis qui eu interrasse o ferro na barriga daquele peste. Eu só queria quiisse eu o comandante, resmungou Cândido Ramos.

Manuel Rozendo, revoltado e deprimido pelo modo como foi vencido por aquele caboclo intratável e manhoso e, ainda censurado pelo seu subordinado, não perdeu a calma, mas foi incisivo quando disse em tom áspero:

— Não admito insinuações, seu Cândido, limite-se a cumprir as minhas ordens e dê o seu saber ao diabo.

Foi a primeira e última vez que vi Manuel Rozendo falar agastado com um dos seus subordinados. E, ainda de caras amarrada, ordenou:

— Cabo, escolha ali dez homens e volte a fazenda. Nada de sangue, mas quero que deixe o cabra nas "varas". Respeite as moças e os meninos.

Indignado com a traição daquele estranho catingueiro, fiz questão de fazer parte dos que iam castigá-lo.

Voltamos para a casa movidos por uma vontade quase homicida, porém, mais uma vez, o cabra havia nos ludibriado. A casa estava deserta. Nem sinal de vida. Na fuga condenaria o que pudera. Homens como aquele eram os que faziam as volantes cometerem desatinos e má barbaridades.

## XVI

É velho e falso o enunciado de que os covardes não têm história. Têm uma história, sim, mas a história da covardia.

Em toda luta ou combate, há os bravos e os covardes. O herói já nasce herói, como o covarde já nasce sobre o signo da covardia.

Cosherá na campanha de morte ao cangaço homens de uma coragem quase ilógica, como conhecí individuos marcados por um medo de revoltar.

Não tremer diante do perigo, fitar rosto a rosto, a morte, é heroísmo que vem do bicho, não se adquire.

Há os que apregoam que os atos de fraqueza ou de coragem, dependem da posição psicológica ou emocional do indivíduo, em dados momentos da vida.

Erradamente ou não, acho que o homem que tem fibra de bravo ou tremores de covarde, os tem em todos os passos, em todas as situações da existência. Foi uma teoria que aprendi na escola da experiência e até agora não falhou.

Este capítulo é a história de um soldado que não nasceu para militar porque lhe faltava coragem.

A fazenda "Capim" encravada na caatinga, no município de Porto da Folha, de propriedade da viúva de um dos Tavares, contava nos seus terrenos com velhos e venerandos umbuzeiros.

Sob o seu teto verde gosava-se a viração preguiçosa que amolece o corpo para o sono. São originais aqueles trechos de verdura no centro de uma paisagem em que a Natureza respira fogo e um halo de caldeira faz arder a terra estornicada pelo sol.

Laempilo não resistiu ao convite daqueles nove pés de umbúas quase entorceiradas, aquele lindo caramanchão que só a Natureza

seria capaz de construí-lo. E sob ele ensaihou as armas para o repouso de alguns dias, até que, mais tarde descobrisse Angicos para armar o seu covil.

O coito da fazenda "Capim", não possuía defesa natural dos grandes acidentes geográficos. Relêvo de pouca monta, terreno sem contorções violentas, batido em desampados quase restos, sem a queda ou a subida do solo em abismos e serras, a fazenda "Capim", como ponto estratégico era, lógicamente, condenado.

Lampião ao açoitar-se nas adjacências da fazenda levava a certeza de não ser importunado. Não há outra explicação para sua escolha.

E a prova é que no povoado Bonassesso, distanciado, apenas, pela locura de dezoito quilômetros, do coito do "Capim", num volante — a minha volante! — tendo à sua testa o sargento Bispo, dormia e engordava, costava "lorotas", bebia e jogava pra valer, sem ser incomodada.

Nunca me senti tão humilhado na minha carreira de soldado e contratado, de homem subvenzionado pelo governo para ajudar a dar caça ao banditismo.

Se demorei na minha posição, se não deixei vago o meu lugar na volante, foi para sentir até onde chegaria o cinismo de uma geração corrompida de políticos que, dia a dia, mais perdia sua dignidade face às ameaças de Lampião.

Hoje revendo as minhas anotações, sinto ainda no rosto o calor da vergonha a queimar-me a pele.

Um homem que sabe o que seja a honra jogada numa campanha como aquela, não se conforma em ser comandado por um Bispo qualquer.

Soldado sem condições, sem credenciais, desajustado por incapacidade natural para o comando de uma tropa com o objetivo de banir do interior sergipano o professionalism do canguru, o sargento Bispo era um boneco de farda nas mãos dos poderosos.

Tipo do malandro de "boite" de tím de rua, valentão de bancas de café, de andar gingado, Bispo era a vergonha dos bornais, das alpercetas "ferradas" e das cartucheiras que portava.

Era indigno do chapéu grande e do "jabiraca" que lhe cobria a cabeça e o pescoço taurino.

Não tudo era exquisito: o corpo parado, num tamanho sem tamanho, cara larga, olhar de bêbado, lábios grossos e deformados pelo uso da corneta, orelhas grandes e moles, caídas, marcas da burrice com que a Natureza o mimostou.

Bispo, como se diz entre nós, era frio pelo corpo todo, era ruim; para ninguém botar defeito.

A minha suposição, pode ser que injusta, é que escolheram Bispo para comandante de volante, com a intenção de dar a Lampião uma temporada de recuperação e de descanso.

Além da vergonha de ter um Bispo como Comandante, a minha volante, estava desaparelhada de tudo: não tinha rastejador, contava com apenas esse homem, menina de armamento obsoleto, desarticulada, sem a organização de uma disciplina séria e construtiva. Diga-se a verdade, Bispo tinha a desgraçada coragem que poucos têm: a desgraçada coragem do ridículo.

Lampião, o nosso vizinho de dezoito quilômetros, estava soberbo de todos os nossos passos, com riqueza de detalhes. Os controles não tiravam os olhos da nossa sede.

Como não era atacado no seu reduto, também não tratava de perturbar os nossos dias, corridos entre farras de cachaça e jogatina diária debaixo dos tamarietiros que eram a beleza urbana da rua principal de Bonfim.

De vez em vez, nos irritava a paciência com alguns recadinhos atrevidos.

Certa feita, deu na veneta do soldado João Ribeiro, abriu uma trincheira à frente do Quartel. Poucos dias depois, chegava uma advertência jocosa de Lampião:

— Diga a Bispo qui eu mando preguntar se ele é porco pra andá fuzilando pelo meio da rua.

Em outra ocasião o sargento mandou urender o pretinho Mansel de Vicente, por haver lhe dado uma brutal surra na própria mãe. Mansel era coitado de Lampião e ninguém sabia, motivo por que a prisão do espião enraiveceu a Lampião.

Nesse dia o recado foi mais uma ameaça direta.

— Avise a esse sargento, qui se ele continua arrastando a ass qui nem gallo, eu vó lhe cortá os esporões.

O portador desses recados era, invariavelmente, o caboclo Joaquim Terêncio que, ao transmiti-los, cobria-se com essa desculpa pronunciada numa voz macia e arrastada:

— Seu sargento, vominé sabe qui portadô nom merece cas-tigo. O capitão mandô dize qui...

Essa chuva de setas candentes, esse ridículo nos acabrunhava mais que as perdas que poderíamos ter no desespero dos combates.

Só não doliam na sensibilidade gasta do sargento Rispol!

Mais de um ano o nosso destacamento morou em Bonuacesso, sem ensaiar sequer, uma simulação de combate à borda do capitão da cangaço.

Os nossos doze homens, no curso desse tempo, já habituados à preguiça do nício, ociosos e laçados, faziam de Bonuacesso uma colônia de férias.

Durante esse tempo, as outras volantes, em diversos ângulos do Estado, batiam-se em tiroteios e ataques com pequenos grupos de cangaceiros. E os boatos varriam, de canto a canto, todo o baixo São Francisco, veiculando mentiras sobre os feitos dos heróis imaginários que, castigavam Lampião nos cércos rocosos, beliscos, na aventura de lutas sangrentas.

Entretanto, a dezena quilômetros perto de nós, Lampião ria dos bravos desconhecidos que com ele nunca se haviam encontrado.

Não havia, porém, repreesa para conter a torrente de boatos anuncianto que o capitão fulano brigara, como um leão, com o maior bandido do Nordeste! Que o tenente Beltrano, num ato de bravura sem precedentes, quase havia pegado Lampião a arma branca!

Eram os ambiciosos da fama que, para crescerem no prestígio do governo, abriam caminho às promoções a qualquer preço.

Muitos crimes foram acobertados com o nome do célebre bandoleiro, quando ele nem deles tinha conhecimento!

Qualquer monstruosidade que se praticasse no sertão, a afirmativa era uma só: foi Lampião!

Assim inúmeros foram os criminosos que ficaram impunes e grande foi o número de assaltos contabilizados na escrita do capitão Virgulino Ferreira!

Na tarde de um desses domingos que, de tão compridos, pareciam não ter fim, cavalgando uma égua em pélo, aponta na estrada da rua principal do povoado, o nosso já conhecido Joaquim Terêncio, coiteiro velho, astuto e desconfiado:

— Lá vem mais um recado de Lampião, disse o soldado "Santidade":

— Se agradece cabra vim pra cá com recado daquele "muleque". dou-lhe uma surra de "pinhão" e meto ele no xadrez. Que isso é u'a coraria nossa, ficar aqui só recebendo recadinhos. Pois ói, eu João Ribeiro da Costa, soldado n° 630 da 3<sup>a</sup> Cia., é que não aguento mais isso!

Diante de tão justa explosão do seu subordinado o sargento Bispo acosselha-o com ares paternalis:

— Deixa o homem em paz, João. Quem sabe se Ele ainda não nos vai prestar algum serviço!

Debaixo da tamareira houve uma pausa na jogatina que funcionava em sessão permanente. Soldados e contratados se cercaram de Joaquim Terêncio, que assim se expressou:

— Boas tardes pra vominôes todo. Seu sargento me dé aqui u'a palavra.

Todos queriam escutar o que Lampião mandava, desta vez, dizer, mas Terêncio se afastava de nós com o sargento, dando a entender que só ele devia ouvir a mensagem vindra do capitão do cangaço.

Eu, porém, insisti em acompanhá-los.

Bispo tranquiliza Terêncio, dizendo:

— Pode falar bem receio, que Ele é da minha inteira confiança.

Joaquim Terêncio abriu o saco do segredo de uma vez e, naquele seu linguajar mastigado foi dizendo:

— Sen sargento, eu vim diâz so sinhô qui só coiteiro de Lampião. Faço feira e compras pra ele, trago e levo recado, faço tudo qui ele me manda. Mais é qui tem caso qui pode mais de que tel. Noss quero sé mais coiteiro, pa'risso é qui vim diâz tudo so sinhô. O coito dêle é aqui bem pertinho, é coisa de treis legua. Se o sinhô tem corage de hotá nos home tá na hora. Vô botá o sinhô inriba dêle, nas buca.

Depois da sua tirada delatória, Joaquim Terêncio ficou suspense e observou o efeito da sua denúncia sobre a "prudência" do sargento.

E como penalizado, condoido com a situação de inferioridade do nosso comandante, desferiu o tiro de misericórdia sobre o assunto, com estas palavras:

— É sargento, eu só dissevo assim, mais sei qui o senhor com esses sordadinhos qui tem ai, nem vai dár nem pra meia-missa.

Dizendo isso Terêncio calou-se, acendeu um resto de cigarro de palha que trazia atrás da orelha e ficou à espera da resposta do sargento, que não demorou a sair em forma de pergunta:

— Terêncio, você sabe dizer quantos bandidos tem no esít?

— Inhô não, mas sei qui tem pra mais de treis tanto dos sordados qui vominçê tem ai.

A informação batteu no sargento comandante como um bloco de pedra, esmagando-o. Um silêncio de medo e humilhação tornou-se quase material, oprimindo os nossos sentidos como uma asfixia.

Foi ainda Joaquim Terêncio o primeiro a quebrar aquele silêncio humilhante, com uma pergunta que era mais uma chicana:

— Cuma é sargento, o qui é qui o senhor arrezoze?

O corpo do Bispo tomava um banho de suor que a covardia lhe dava.

E como recurso para uma retirada honrosa, respondem:

— Por enquanto, nada Joaquim. Preciso pensar no assunto para poder agir. Volte e bôca calada. Lembre-se que a sua situação é séria. Ninguém tria Lampião impunemente. Vá amanhã à feira de Pão de Açúcar e lá conversaremos melhor a respeito de tudo isso.

Favorecidos que fômos com a ausência do cabideiro delator, o meu comandante indaga:

— Você tem alguma sugestão a fazer?

Vacilei na resposta, pois no momento, uma precipitação ou imprudência poderia surtir efeitos desastrosos.

Consultei a minha coragem e, com tristeza, conheci que estava com medo.

Aos poucos fui me arrumando por dentro, endireitando meu intimo e já calmo e refletido, aliviado: julgo imperícia e mesmo sinceridade a propaganda do que se vem de passar entre nós. Os soldados devem ignorar tudo, continuando a mesma norma de serviço, a mesma vigilância, nada de alteração, pois entre o desbarramento a notícia pode causar panico e provocar até deserções. Não esquecendo ainda a probabilidade de chegar aos ouvidos de Lampião a traição do coiteiro, não se prevendo as medidas extremas de que ele lançaria mão, incluindo a hipótese de eliminar Joaquim Terêncio e nos eliminar também num ataque de surpresa.

O comandante ouvia-me de cabeça curvada, abatido e pensativo.

Nas horas de perigo os homens se nivelam num mesmo plano. Naquele momento o sargento era igual a mim, as hierarquias descem para o ombro a ombro.

Lembrei-lhe por fim, que o caminho mais acertado a seguir seria mandar uma diligência ao povoado Poço Redondo, onde se encontrava uma estação de rádio transmissor em constante comunicação com o Palácio do Governo; que essa diligência levasse uma mensagem dando conta da situação da nossa volante e pedindo reforço.

Senti que as minhas palavras calaram no ânimo do sargento e, no outro dia, uma diligência viajava para Poço Redondo, levando às autoridades a comunicação detalhada dos acontecimentos que estavam presos a desenrolar-se em Bonfim.

Na madrugada do mesmo dia, eu e o sargento viajamos também para Pão de Açúcar, lugar combinado para o encontro com Joaquim Terêncio.

Lá estava ele de alberge às costas, fazendo compras para os cangaceiros.

A um sinal de Terêncio, fomos ao seu encontro num lugar reservado, dando-nos o coiteiro conta de todos os passos do grupo e, explicando mais que, além das compras de rotina, trouxera ordinaria para comprar dois chapéus de couro, grandes.

Depois de ouvido, o sargento recomendou-lhe que agisse com tato e continuasse a fazer o que Lampião lhe mandasse, sem se traír e nem acordar desconfiança.

As vezes, me pergunto, porque com mais de um ano de permanência do grupo de Lampião no colo do "Capim", só depois da delação de Joaquim Terêncio foi que os maiores do governo resolveram dali desalojá-lo?

Muitas vezes o observador tem que parar nestas interrogações e deixá-las em branco...

Atribui-se a permanência prolongada do capitão Virgulino Ferreira, no colo do "Capim", sómente a covardia de Bispo, não satisfaç nem convence.

E as outras volantes comandadas por oficiais, dignos e bravos?

Dois dias depois, chega de Poço Redondo a diligência trazendo um rádio com os seguintes dizeres: "Deveis manter rigoroso sigilo. Tomada todas as providências, aguardai instruções".

O governo compreendia, enfim, a necessidade de agir, e se reabilitar diante do povo.

Usando os mesmos truques de Lampião, os mesmos despiques, o primeiro passo dos comandantes de volantes foi o de semejar boatos da retirada das tropas para a capital.

Em todo o bairro São Francisco sabia-se que o governo havia mandado recolher as volantes.

Devidamente informado, Lampião dando tapinhas no ombro de Joaquim Terêncio, exclamava eufórico:

— Graças a Deus heim Joaquim, podemos passar mais um dia aqui descansano. Adispôs... Eles qui venha...

Ao que tudo indicava Virgulino Ferreira havia acreditado nos boatos. Bastaria que ele permanecesse mais alguns dias no colo do "Capim", tempo bastante para que as volantes, já em número de seis, se arregimentassem para o combate.

Coordenavam-se os entendimentos, espalhavam-se as ligações em todos os setores, traçavam-se os planos para o cerco, estudava-se o terreno, corrigiam-se todas as falhas por onde fosse possível o fracasso e tapavam-se todas as brechas para anular a hipótese da fuga do grupo de bandoleiros.

O comando das tropas acertou os relógios para que o cerco do colo do "Capim" se desse na primeira parte do dia, às onze horas, inadiávelmente.

Um contingente de cerca de cento e oitenta homens cobria a pequena baixa da caatinga em que se situava a fazenda "Capim".

Era uma operação de certa invergadura, a maior que em Sergipe se preparou para aniquilar o cangrejo.

Para o mundo lá fôra um encontro sangrento de algumas dezenas de soldados com uma coluna de criminosos dirigidos por Lampião, quase não tinha expressão e significava talvez nada.

Mas para nós, para os catingueiros, para os sertanejos do norte, assumia as proporções de um grande acontecimento.

Por isso, todos nós tínhamos os olhos nos peiteiros dos relógios, esperando a hora e a ordem de avançar.

As sete horas de uma manhã limpa e bonita, a nossa volante se deslocou para os arredores do povoado Bonfim. Uma série de valados e de grutas que a Natureza cortou ao sul daquele povoado favorecia a marcha das tropas.

Há poucos quilômetros nos esperava o cabo Nicolau com a sua volante, vinte e seis homens.

Começava a marcha para o coito de Virgulino Ferreira e cada soldado ou contratado tinha a ordem de resistir até o último cartucho.

Fundidas as duas tropas, o rastejador do cabo Nicolau, que nos conduzia através daquele pedaço de caatinga, levantou-se, apertou as cartucheiras, desceu as correias do chapéu para baixo dos queixos, deu alguns passos para escutar se as suas alpercatas rangiam e encaminhou-se a um pedaço de mato fechado, numa sondagem rápida do ambiente.

Numa agilidade de impressionar, voltou para nos dizer que alguém se aproximava.

A expectativa da espera era de uma angústia de morte. Em pouco, como se fosse uma sombra que se desprendesse da caatinga, surge a figura de Joaquim Terêncio. Queria falar com o sargento, para dizer-lhe que vinha do coito. Lampião estava tranquilo. Não desconfiava de nada e de ninguém.

E num exame apressado, correu os olhos em cada homem e perguntou:

— Quem é aqui o rastejador da volante?

— Sou eu, respondeu Barbosinha. Por que pergunta?

— É pra dizer qui pode tomá o meu resto, qui vai saí no coito.

E expliquei:

— Quase você chegá lá muito adiente, óie pra banda do só nacente qui você vê treis quixabeira grande; mais adiente u'a imburana caida, tudo do mesmo lado. O coito é logo ai. É coisa de cem vara. E Deus dê sorte a vomincis todo.

Despediu-se, desaparecendo nas sombras, como se fosse outra sombra.

Levantamos o acampamento e a nossa marcha iniciou-se para o reduto do "Capim". As dez e cinquenta minutos, alcançamos as quixabeiras de que falara Joaquim Terêncio.

Hoje, já posso dizer o tamanho da tortura que pesa dentro do condenado à espera dos últimos minutos que o separam da cadeira elétrica.

Uma como possedido turva a mente, a vida não tem sentido, o instinto de conservação grita com todas as forças.

Sou um homem em que o hábito da observação é a sua própria razão de ser. Naqueles dez minutos que nos separavam do fim, do nosso fim ou do de Lampião, por absurdo que pareça, não tive medo, ou se tive foi um medo tão grande que ultrapassou a minha capacidade de senti-lo.

Passei pelo crivo da minha amilise um a um dos meus companheiros e, em nenhum deles, vislumbrava medo ou desalento.

Só o sargento Bispo me pareceu diferente, com um que de resignação fatalista no olhar turvo, lembrando alguém que sabe que vai morrer e morre antes da hora.

Afinal todos os relógios marcaram onze horas. O círculo humano que fechou o céu do "Capim", apertou-se mais em torno dos bandidos.

O avanço era lento, mas era inexorável. Deslisava como um rôlo compressor no terreno desvendado pelos rastreadores. Quase duzentos fuzis cobriam o coito onde se escondiam os profissionais do crime.

Incomprimos de uma vez, como um só homem, de coito a dentro, mas para tristeza nossa o encontrámos vazio, sem outros vestígios a não ser duas paellas fumegantes sobre duas trémpas de pedras.

O sargento De Luz foi o primeiro a invadir o coito e espiava de revolta diante da frustração do ataque. Passada a confusão dos primeiros momentos, os rastejadores tomaram a pista dos bandidos e toda a tropa encheu a caatinga numa marcha acelerada para alcançá-los.

Mas nos esperava o travo de outra deceção. Quilômetros adiante, eram tantas as pistas que os rastejadores, confundindo-se, encontravam-se entre si, perdidos no labirinto complicado dos rastros deixados pelos cangaceiros, abertos em todas as direções.

Lampião, o insuperável estrategista dos sertões, num terreno que conhecia palmo a palmo, escapava mais uma vez, à ação da lei, instruindo aos seus comandados que, na fuga, se desperguessem em forma de leque abrindo diversas trilhas sobre as arcadas mordâncias das caatingas, em diferentes rumos.

Para segui-los e alcançá-los se fazia mistério que as volantes despuzessem de trinta ou quarenta rastejadores, medica lora de cogitações por sua impraticabilidade.

A engrenagem dos coiteiros, a máquina da espionagem fez rodar todas as suas peças para frustrar o plano da polícia, tão pacientemente, armado e discutido.

Perdemos uma luta sem combate, trouxemos do cérebro do "Capim" uma derrota sem o fogo dos tiroteios.

Uma derrota incruenta e chocante !

Há em todo esse capítulo vergonhoso uma verdade gritante. Não faltou quem alardeasse que Joaquim Terêncio foi o Judas que traísca os volantes.

Uma suposição falsa porque sem provas.

Joaquim Terêncio ao denunciar ao sargento Bispo o coito onde se aninhavam as serpentes do crime, quiz vingar-se do bandoiro CORISCO, que quinze dias antes da sua denúncia, matou, bárbaramente, um primo seu.

Terrénio sem meios ou sem coragem para um desílōro pesonal, recorreu à delação.

Serviu-se de um ato indigno para vingança que lhe lavasse do peito o ódio que nutria pelo lugar-tenente da enluna da morte.

Mas o que nunca pode tanger da memória foi o alívio, o peso que caiu do espírito de Biopo quando as excessas tropas acharam deserto o coito de Lampião:

Uma manhã preguiçosa e friorenta encapotava a vila de Caraíra, numa neblina fria e irritante. Manhã com um sol medroso, sem calor para aquecer o corpo encolhido e molhado dos habitantes da pequena vila.

A luta cruel pelo pão de cada dia as enfileirava para os rachados, para o trato da terra de que as unhas micosas endurecidas arrancavam o sustento para a família.

A agricultura num estágio quase primitivo, com a pequena pecuária, escanhada e controlada pelos coronéis, parava a vida econômica do pequeno município.

Um ponto impreciso e irrealizado na caatinga, aquele núcleo humano bocajava entre a fome e o trabalho, na continuidade de uma vida incompreendida, de sofrimento e pobreza.

Vila com o sinal do sofrimento pregado no presente sem nenhuma esperança para aguardar dias melhores no futuro. E, por cima de tudo isso, desenhavam-se em tropel, as arremetidas de Lampião com sua malta sinistra.

A valente do sargento Mamede Henrique, encontrava-se em Caraíra.

Aquela manhã quase gelada mordia as carnes dos soldados e contratados, moídas pelas caneciras das longas caminhadas.

Uma manhã assim feia, só podia ser uma manhã agourenta para os pés daquela gente, gastos nas longas travessias, cortados pelas pedras das estradas.

De súbito, a figura de um homem lardado como se visse da própria neblina, acerca-se do pequeno grupo que conversa à porta da igrejinha da vila.

Era o cabo Macário, chefe da estação de rádio de Carira que procurava o sargento Manuel Henrique com um comunicado em milés, entregando-o ao comandante daquela volante.

Um longo silvo de apito fendeu o ar reunindo o pessoal.

Os caibras de Lampião, segundo o aviso captado, haviam estado, ou estavam nas imediações da fazenda São Cristóvão, de Totonho do Mulengô.

Manuel Henrique movimentou a tropa para dar caça ao célebre bandoleiro. Vibrava na sua voz uma emoção visível, uma nota de incontida alegria.

Era o maior desejo de Manuel Henrique entrar em luta com Lampião, jogar com ele no combate, isolado e aberto, a sua coragem e a sua vida.

Deixa-lhe o fato de quase todos os comandantes de volantes já contarem na sua ióiba de serviço, encontros e tiroteios com o famigerado ócio de Pernambuco.

Manuel Henrique não foi para o inferno das caatingas fazer turismo e nem para as provas esportivas de resistência física, foi para brigar, para ajudar a varrer do coração e do espírito assombrado do sertanejo o fantasma da morte, que na pessoa de Lampião dizimava vidas e propriedades.

Nós, os que o combatíram em nada lhe eramos inferior, ou melhor, só lhe eramos inferior na ferocidade sanguinária que lhe cushionava os atos selvagens e a brutalidade homicida.

Fomos amassados nos mesmos sofrimentos das caatingas, vivemos o mesmo clima de sede e de fome, deixamos no seu solo o rastro fundo das nossas alpercetas; o nosso suor molhou a poeira tormentante das suas verédas apagadas e perigosas; deixamos pedaços de nossa carne na ponta dos seus espinhos e nossos corpos ainda carregam as cicatrizes que nos entumeciam os músculos mortididos pelos animais venenosos.

A memória do nosso paladar ainda não esqueceu o sabor amargo da água extraída dos gravatás e os nossos dentes tremem de dormência ao recordar o azedo dos umbúz; arrepia-nos a lembrança dos raios de um sol fixo e inclemente que nos avermelhava os olhos entre dois incêndios: o da areia tremendo de calor e o

de um céu parado, como se fosse uma enorme bacia emboreada sobre as nossas cabeças, num mormaço fechado e mudo.

Repto, em nada Lampião nos era superior, a não ser na profissão de matar com a função de enriquecer a si mesmo, ou aos que o conseguiam às malhas da justiça.

Fomos feitos e criados do mesmo barro, da mesma argila que serram o chão deste nordeste brasileiro. Nascermos enquadrados nos seus padrões morais, nos seus costumes e nos seus hábitos; no seu convívio aprendemos que só os homens fortes e duros sobrevivem; na sua natureza aprendemos a soletrar o A.B.C. da pobreza e depois decorarmos os números trágicos que marcaram a data de todos os anos de angústia e de desespéros, entre a fome que acriolla e a coragem que não morre.

E agora deve saltar aos olhos do leitor, esta pergunta: porque enclo Lampião vivem em Sergipe metade da sua vida de cangaço? Dez anos!

A resposta deve estar guardada na consciência encardida dos coronéis, dos políticos que, com prestígio e dinheiro, isolavam o capitão Virgulino Ferreira dos ferrólhos da justiça.

Os nossos fuzis e os nossos punhais eram fracos para, siqueir, arranhar a superfície de tão vergonhosa moralha. A impondade de Lampião tinha alicerces no dinheiro e na covardia dos grandes fazendeiros.

E o argumento irrefutável está no fato de que, no dia em que se abriu uma brecha no paredão do coiteirismo, nesse dia caiu o mito da invencibilidade de Lampião. Para tanto, bastou que um coiteiro se aliasse com um tenente amigo, para que o audacioso carrasco que já havia abalado os quartéis de todo estado, perdesse a sua decantada lenda de invencível.

A volante de Manuel Henrique deixa a vila de Carira naquela manhã nevoenta, úmida e com um frio de queimar os ossos!

Para coniundir os coiteiros de Lampião, farejadores de notícias em cada esquina, o sargento comandante veiculara a história de que viajaria à Aracaju, a chamado urgente do governo.

Quarenta e oito horas de marcha, mais pelo mato que pelas estradas. Na manhã do terceiro dia a casa da fazenda São Cristóvão estava cercada.

Foi uma jornada para homem no mais profundo sentido do termo, porque os que a venceram e os que a passaram quase poderiam escrever uma página épica.

A porta da casa da fazenda estava um caboclo de idade madura, a quem o sargento identificou como sendo, "Pedro Claudino", como era chamado por todos da redondeza. Estava só. Recebeu a tropa um pouco nervoso, desconfiado e impenetrável.

A figura curta daquele caboclo era bem um produto da caatinga, um documento vivo do mato em que vegetava. Baixo, troncado, esperto, impaciente, olhos pequeninos como contas, tão pequenos como os do tatu, dentes em fileiras baixas, desgastados, rentes as gengivas, amostra deixada pelo uso do embá.

Traje de vaqueiro da região: chapéu de couro, alpercetas de rabicho, um velho guarda-peito e um "aiô" de caroá a tiracolo. Pronto para viajar ou para vaquetijar.

O sargento Manuel Henrique, sempre bem humorado, saudou-o:

— Bom dia caboclo velho.

— Deus lhe dê o mermo. A obrigação tá boa?

— Tá tudo bem meu velho, mas creio que irá ficar melhor quando você nos der notícias dos bandidos.

Pedro Claudino recebeu as palavras do sargento com certo nervosismo. Uma onda de embaraço invadiu-lhe o semblante, mas respondeu calmo e refeito:

— Pra bem da verdade seu sargento, faiis u'a prigão de tempo qui os "homens" nom anda pu' essa banda.

A inquirição alongou-se na praça das perguntas anteriores, martelando a paciência e os nervos do interrogado. As respostas saíam à saca-rólha, vagarosas, cheias de negações e contradições.

O sargento Manuel Henrique atingiu o ponto de saturação etingiu-se satisfeito.

Nessa altura o contratado Emilio adverte o comandante, dizendo:

— Sargento véio! O senhô tá pregano imbau? Ainda não viu qui éle tá cum dois litro de leite no "aiô"? E pra onde ele ia cum esse leite essa hora?

— Ja vi tudo Embídio. O nosso amigo vai nos dizer, agora mesmo para onde ia com esse leite.

O vaqueiro agitava-se em gestos nervosos, como que assaltado ou mordido por um enxame de marinabondos.

Pegado a descoberto, ainda tentou uma explicação meio confusa, dizendo assim:

— Esse leite seu sargento eu ia levá-la menina qui tão lavano ali no tanque. Se o sinhô quiser, vamo' intê lá.

— Muito bem, respondeu o sargento. Vamos até o tanque.

Meio confuso, andando a passos irregulares, Pedro Cláudino os conduziu por uma caatinga infestada e cheia de verédas batidas pelo gado. Logo um pouco adiante encontraram o tanque que por sinal não tinha nenhuma gota d'água.

As mentiras do caboclo agora surgiam à vista e nenhuma dúvida havia de que ele sabia algo a respeito dos bandidos.

A caatinga ia sendo sondada pelo volante, agora guiada pelo cocheiro, já com uma distância bem andada, dera de frente com três moças, cada uma com um pote cheio d'água. Vinham de umas "pias", rústicos reservatórios d'água em lagédos. O que é muito comum no sertão.

Filhas ou não do velho vaqueiro, eram três catingueiras ariscas, reservadas, mudas como sombras.

As palavras do sargento, soaram numa ordem:

— Borges! Tome conta das moças, que agora o "pinhão" vai falar. E enérgico partiu para o vaqueiro. Quero a verdade sobre o leite. Se você continuar mentindo nunca mais se esquecerá do nosso encontro. Sou humano e paciente, mas não gosto que me façam de bêsta.

A situação do vaqueiro não tinha saída, premido entre as provas acusadoras e conhecidas por todos.

Tremia como vara-vérde, suava como boi na brocha.

Continuar mentindo ao sargento seria quase insultá-lo, contar a verdade seria tornar-se alvo da vingança dos cangaceiros. Mas, descobrindo no sargento um homem de bem, jogou a última carta para escapar ao ódio dos bandidos:

— Sargento! O sinhô pode me matá, pode fazê de mim o que quiser, mas eu nem sei de nada.

Manuel Henrique surristou-se como movido por uma poderosa mola e...

A ação do soldado Emídio foi violenta. Arrancou o punhal da bainha e rangiu os dentes, apontou-o no peito do infeliz e indefeso sertanejo, mastigando estas palavras:

— Vício, si da gota serena, mambrozo. Si nom quizi vê na tripa na gamela, diga pra onde ia levá o leite.

O instinto de conservação fez com que o velho segurasse com a mão a lâmina do punhal.

Emídio prega os olhos na face do velho e resmungando diz com ar de zombaria:

— Sorte o ferro qui é pra made ele intrá macio.

A rapidez da inesperada cena, fez com que uma das filhas do velho, a mais moça, se traísse pelo coração.

— Pai, praque o sinhô nom conta logo tudo. Pode isto qui o sargento nom faça mal a gente.

— O qui é qui pai tem pra contá! Pai sabe de nada maluca? Indiota! O qui é qui pai vai dizer?

Era a irmã mais velha que num golpe de desespero, interferia para salvar a situação do velho.

— Cale essa boca ai coiteira! Ordenou o soldado Elízio Borges.

O vaqueiro curvou-se, vencido. Olhou o sargento e acenou com a mão, dizendo:

— Sargento pode mi acompanha.

— Borges! Tome conta das moças.. E veja como se porta, muito respeito e nada de adiantamentos, heim...

— Meu sargento! O sinhô não me conhece não! Só um bucado honesto, topo quarré parada, mais sei arrespeitá as virgens, ainda qui elas sejam coiteiras.

E era mesmo. Borges era valente e malvado, mas pelas famílias sertanejas nutria um respeito fanático. Talvez por isso fosse tido como o pai velho da volante de Manuel Henrique.

A caatinga abriu novamente as suas estranhas e engolias a volante. O sol marcava meio-dia quando a tropa ficou alto, ao pé de uma velha e frondosa barreira, onde o velho coiteiro esquivou-se numa explicação que pareceu convincente:

— Seu sargento, o leite eu trazia praqui, cuma tudo mais qui eu trago pra eles. Bato cu'a peda no pé dessa braúna e eles vem vê...

— Você sabe dizer se os bandidos são muitos?

Indaga o sargento com interesse:

— Ishô não, nou sei non sinhô.

— Nem sabe quem é o chefe do grupo?

— Também não. Mais pra mim ou é Mané Moreno ou seu Anjo Roque.

Manuel Henrique estava impaciente, não desejava concretizar no diálogo, se bem, que já com alguns resultados.

Nesse meio tempo aparece o soldado Elísio Grande e sugere:

— Sargento, eu se fôsse o sinhô, mandava o velho batê c'ua pedra na braúna, tomava posição, e quando ele chegasse nós eu meçava a "festa". E quem fôsse mais ligeiro no gatão.

Isto mesmo Elpidio, quem fôr mais rápido no gatilho por certo levará a melhor, — disse Manuel Henrique, dando por encerrado o assunto.

— S sargento, tá tudo certo, mais o sinhô sabe a senha usada entre o velho e os bandidos? Ele pode bater com a pedra na braúna dando pancadas diferentes, avisando o perigo. O sinhô não acha isso?

— Você tem razão Borges. Mas nós não vamos ficar aqui a vida inteira só conversando, não acha você também isso?

— Tinha carma meu sargento! Conversando é qui a gente se entende.

Mas uma vez, Manuel Henrique volta-se para Pedro Claudio e indaga:

— Como é meu velho, seri que você batendo com a pedra no tronco da barraúna, como você disse, os bandidos atendem?

— Atende ishô sim, mais só vem um, se munto, dois.

— Bem, nesse caso, só há um jeito, é você nos levar no coito, determinou Manuel Henrique.

— Seu sargento, eu sei qui já tô desgraçado e agora vô acaba de me desgraçá. Nôm sei onde é o coito, se subesse le levava, o qui sei é qui fica pra' quella banda. Parece qui eles nôm confia

muito in mim. E mesmo eu nem era doido pra ir lá sem eles me chamá.

Pace as declarações do velho, Manuel Henrique ordena ao rastejador Emídio que faça uma observação em torno do terreno, pois até instantes antes estavam sendo guiados por Pedro, o coletor.

Minutos depois volta Emídio, o homem que vê e adivinha a caatinga e com o espanto dentro e por fora dos olhos avisa, apressado:

— Sargent! Os bandidos tão aqui por perto. A porta tá quem-tinha. Tá tudo de frésco.

Não havia mais tempo a perder. Manuel Henrique dividiu a tropa em três grupos: o cabo Minervino com oito homens, iria pelo flanco esquerdo; o cabo Fernandes pelo direito e o resto do pessoal marcharia com o sargento, pelo centro.

Escoregaram por um chão coberto de macambiras e de alastrados. Medo em toda parte do corpo e a coragem toda concentrada na curva do gatilho das armas.

De repente, um cheiro estorricado de carne gorda assando, bateu-lhes no olfato. Um aviso da providência!

Logo adiante, atrás de uma enorme toucira de gravatia, estava o grupo se preparando para comer.

O soldado Zé Pitú, que ia a esquerda do seu colega Emídio, faz um sinal com os olhos. Poucos passos além dos gravatias um cabra todo equipado, estava com uma tijelinha na mbo, mastigando como um touro.

Era o espião do grupo.

Zé Pitú enquandou no mira do seu velho "95", e gritou:

— Morreu bandido f'da peste!

Uma outra voz como que saída do chão, grossa e ameaçadora, respondeu:

— Você mata ninguém "macaco"!

Duas detonações, quase simultâneas, sacudiram o coração da caatinga. Cruzaram-se as duas balas.

Mais rápido no gatilho, o bandido atingiu o valente Zé Pitú com um balaço na testa.



Sobre os cardos secos do riacho do Angico,  
o corpo sem cabeça de Maria Bonita  
(da "Noite Ilustrada" de 09/06/1938)

Foi meia hora em que a morte rendeu a volante de Manuel Henrique e o grupo de Angelo Roger.

Depois, de repente, começaram a ouvir uns relinchos como se fossem de jumentos. Não raro esses relinchos vinham acompanhados de imprecações e tiros compassados. Era o toque de retirada usado pelos cangaceiros.

No terreno conquistado nada que compensasse as agruras e os perigos da luta, apenas, três latas de feijão cozido, duas latas de carne de bode, frita, uma espingarda de caça e o soldado Zé Piô com um enorme rasgo de bala na testa. Não parecia grave mas sangrava de meter medo.

Sem níacos para estancar a hemorragia, a não ser um pouco de lenço com algodão, voltaram à casa da fazenda.

Ao passarem pela baracina, lá estavam: Elísio Borges, o velho e as moças.

— Morreu alguém meu sagrado? gritou Elísio Borges com ar de espanto.

— Não, Borges, só Zé Piô é que saiu ferido, mas parece não ser coisa grave.

— E dêles! Não morreu nenhum? insistiu Borges.

— Infelizmente, Borges, parece que não.

— Há se eu tivesse lá! Puro meno, eu tinha matado uns dois peste daquelas.

— Guarde a sua valentia para depois Borges, o que é preciso é cuidar do ferimento de José ordenou Manuel Henrique, meio preocupado.

A mais moça das filhas do velho, olhando o rosto ensanguentado do soldado, volta-se para o pai e pede:

— Pai, o senhor nem sabe rezar de atiú sangue? Reze no meu paix.

O velho tirou o chapéu da cabeça, benzeu-se, e pôs o dedo polegar em cima do ferimento e disse três véses: "Sangue tem-te nas veias assim como Jesus Cristo teve na ótia". E pronunciou mais outras palavras que ninguém entendeu.

E coisa que não se explica, que foge ao raciocínio, que está acima de nós, mas o fato é que, quando o velho retirou o dedo de cima do ferimento, o sangue estancou.

Não sabemos explicar mistérios, mas sabemos dizer a verdade. A verdade que os olhos de Zé Pitú viram para nunca mais esquecerem.

Ainda hoje Zé Pitú pergunta a si mesmo, onde aquele velho brônco achou poderes para sustar a hemorragia que, por certo, o mataria não fosse a sua intervenção.

Famintos e sedentos, estavam exaustos no alpendre da casa da fazenda. Serviu-lhes de almôço a comida tomada aos bandidos, mas não sem antes Manuel Henrique nela mergulhar a sua colherinha de prata para ter a certeza se estava ou não envenenada.

Cassados e sonolentos marcharam por um sertão cheio de luz e suicante de sol.

Quando terminaria essa luta sem trégua?

## XVIII

Fardas de verde oliva, fardas de cláque, blusas de mescla azul, quipes, casquetes, chapéus grandes com barbicachos, borinas, perneiras, alpercatas "ferradas", panhais, cartacheiras, bornais, lenços berrantes em forma de gravatas, pontas voando ao vento, tudo isso dava ao modesto povoado, um colorido vivo.

Eram os executores da lei apontando as armas contra o fantasma de Virgulino Ferreira, concentrados nos armados de Canindé, do município de Pôrto da Folha, sob as ordens do tenente Matos, do 28 B.C. já que as polícias dos estados, instrumentos nas mãos dos políticos corruptos, fracassavam na luta de extermínio a Lampião.

Há muito que a população de Canindé evitava e se curvava ao tacão das diligências e volantes legais, arbitrárias e indisciplina-das e a que o povo já as marcara com a sua repulsa, chaman-das de terceiro flagelo do nordeste.

Nem todas as volantes eram desordeiras, mas quase todas eram autoritárias e violentas.

Aquela tropa, porém, sob a disciplina consciente de um oficial das fileiras do Exército Nacional, espírito militar dosado pelo rigorismo dos princípios protestantes, aquele tenente Matos soube conciliar os versículos da Bíblia com o rigor da caserna e transmitir aos seus comandados um pouco de compreensão e respeito à dignidade dos seus semelhantes.

Ajustá-los entre a fé e a necessidade de matar para não morrer, foi o trabalho árduo e admirável que custou aquele oficial sérias decepções.

Sohrava-lhe uma confiança quase ingênuas nos valores morais de criaturas humanas, cegas e desordenadas; na sua formação espiritual.

E faltava-lhe o conhecimento da alma brava e ignorante do sertanejo, rasgada de sofrimentos e estrangulada em suas esperanças.

Até para os coiteiros deslascarados, para o matuto hipócrita, que, mansosamente, a serviço de Lampião, infiltrava-se nos detalhes dos seus planos de ataque; até para o tabarém camuflado na ingenuidade maliciosa de uma ignorância esperta, alugada à espionagem perigosa de Virgulino Ferreira, ele, o tenente Matos, revelava o segredo extratégico das suas investidas futuras à coluna do cangaço sob a batuta mortal de Lampião!

Era conhecida e mais do que tudo temida a ausência de Lampião do cenário dos seus crimes. Quando ele se subtraia do noticiário; quando se embucava nos seus esconderijos, quando se apagava dos olhos do sertão o seu espírito tenebroso, algum crime estava sendo delineado na imaginação enigmática do bandido.

Aquele dia, em Canindé, parecia um dia santo. O São Francisco rojava as suas águas, um espelho líquido que o sol quebrava em pedaços brilhantes.

Uma brisa quente, uma aragem morna, salpicada da poeira fina dos "cômbrios" deixados pelas enchentes, envolvia, como gaze, o casario triste do povoado.

O povo dado ao trabalho diário, remendava tarrinhas, concerteava cãobas, fontes do seu sustento, pátorescas montanhas, sacudidas pelas águas ferrosas, tão bonitas na poesia selvagem do São Francisco e na história sem história d'aquele gente.

E, em todas as casas, as mulheres sentadas nos oitões, chumbos de barro entre os dentes encardidos, faziam a renda e o "bico", milagres que os seus dedos rude; realizavam no ritmo sócio e cadenciado dos bilros.

Era a pobreza procurando arrancar o pão da rusticidade de um trabalho duro.

Como aglutinado humano, como povoado, Canindé debruçava-se sobre o São Francisco, na postura humilde dos que rezam.

O tenente Matos, naquele meio rústico, sonhou encontrar um paraíso de criaturas perfeitas, quando, na verdade, o que se revolvia ali era o homem brôsco de um interior tritado pelas injustiças e pelo menorpreço dos respeitáveis por sua sorte.

Acreditava a sua boa fé que ninguém, em Canindé, saberia mentir!

Como para justificar a sua creuça na lealdade dos filhos da terra, a sexagenária Delfina da fazenda "Pedra D'água", aparece a denunciar o coito de Lampião, nas "Pias do Felipe".

O tenente comandante aouve com um riso cético nos lábios e, como desencargo de consciência, lhe pergunta:

— E quem lhe contou esta história, dona Delfina?

— Nem sei não, seu tenente. Isso é qui o povo anda espalhando por aí.

Aquela velha trêmula dava conta da missão diabólica de que Lampião a encarregara.

Dois dias adiante aparece o indivíduo que na boca de todos se chamava Zusa Marques, e, simulando segredos e mistérios nas suas atitudes, cochicha ao tenente Matos, que havia estado com Lampião num lugarzinho chamado "Pias do Felipe", medindo cinco léguas para o centro.

Mais um embusie entrou pelo cérebro do tenente Matos, partido de um golpe traíçoeiro da audácia de Virgulino Ferreira, do qual Zusa Marques fôra o intermediário.

Convicto da certeza dos informes do coiteiro, o bondoso oficial inicia as medidas de preparo para levar o círculo à boca da borda bandoleira.

Mas procede com uma imprudência só justificada nos homens confiantes.

E, abertamente, as linhas de toda sua estratégia batem nos olhos e nos ouvidos daquele pequeno redato que era mais de Virgulino Ferreira do que das forças empenhadas no desesperado trabalho de suocar o banditismo nas zonas desertas ou pouco habitadas do sertão.

Como medida preliminar, o tenente Matos convoca os voluntários do tenente sergipano Manuel Ramos, de passagem por Santa

Brigida e a do sargento Miranda, em trânsito pelo povoado Poco Redondo.

O verão de 1932 escaldava as areias brancas das caatingas.

A cinco de janeiro, daquele mesmo ano, Canindé encheu-se de soldados, adestrados para partida no escalo de Lampião.

Cinquenta e um homens, uma coluna que iria marchar, em grosso, para esmagar os cangaceiros que Lampião escondia nas "Pias do Felipe".

Nesse dia, Zuzu Marques é chamado para abrir o roteiro da jornada, com as novas informações de que fosse capaz, indicando, se possível, a distância, o número de bandidos e as condições estratégicas do local em que os emissários da morte, descansavam.

Foram estes preparativos que o tenente Matos fez às claras, sem nenhuma reserva.

Interrogado, Zuzu esquivou-se em indicações preciosas sobre o assunto em que era perito. Guardados os detalhes das informações, o oficial comandante marcou o círculo das "Pias do Felipe", se apertasse no dia imediato, as quatro horas da manhã.

Zuzu, o matreiro e insidioso coleiro, pediu que, para ajudá-lo na tarefa de guiar a tropa, fosse convidado um seu amigo, chamado José Nobre.

Satisfeita na sua exigência de ter um comparsa de traição, Zuzu pede ao comandante Matos para retirar-se, alegando, em voz insegura:

— Seu tenente, me dê as suas ordens! Ainda hoje tenho qui cortá uns mandaçaréis prum guado qui tá raiado di fome a coisa de duas léguas.

Poucos minutos depois, Zuzu fardado no seu gibus de couro, apagava-se nas distâncias das caatingas em fuga inteligente para o pouso onde Lampião o aguardava para as confidências delatoras dos últimos planos do tenente Matos.

Estava portanto, combinado o desencontro das tropas, a troca de posições dos dois inimigos, golpe impressionante narrado e executado pela prática de guerrilhas, tática em que, mestre insuperável, Virgulino Ferreira era, justamente, o maior.

Enquanto as três volantes convergiam para as "Pias do Felipe", na certeza de um encontro sangrento com os criminosos.

Lampião, abrindo em arco o seu grupo, por veredas e desvios só dele conhecidos, avança sobre Canindé, estacando antes numa baixada, entre a fazenda "Cuiabá" e a "Pedra D'água", garganta por onde, obrigatoriamente, havia de passar o tenente Matos com os seus soldados.

Já o dia estava de lado de fora das serras e o sol daquela manhã sertaneja, banhava, em todo seu esplendor, a caatinga silenciosa.

Quando Lampião presentindo a aproximação das volantes, como que se transformando em caatinga também, empareda-se nas falhas do terreno e conta, uma por uma, as praças que formavam a coluna do tenente Matos.

Não conferindo o número por ele contado, exclamou:

— Oxente! E non era cinqüenta e um? Cuma só passou cinqüenta?

Corisco, mordendo como de costume, sentenciou:

— E o qui é qui tem isso. Um dedo menos um dedo mais non qué diabu nada.

De costas, uma para outra, marcharam as duas tropas, a do tenente Matos para as desertas "Pias do Felipe", e a de Lampião para Canindé, o único que ganhou na partida, com a troca de posição.

Após as saídas das volantes o povoado, não obstante a calma aparente, a paz vinda do vazio deixado pela ausência das forças, andava no ar um presságio vago de medo.

Os ouvidos estavam alerta, próspero ao romper do tiroteio preceitos a deflagrar.

A espera prolongada do que não viria acontecer deu para impacientar os expectadores nos seus postos de escuta.

Não ouviram o tiroteio, mas ouviram o tropel da malta assustada, pisando com violência o chão humilde do povoado Canindé, o chão das suas duas ruas indefesas.

A besta humana do sertão os pegou de surpresa, atônitos, parados pelo terror.

O primeiro passo do bando foi ancorar-se do quartel, saqueá-lo e destruir tudo que pudesse ser destruído pelo fogo. Só

um cunhete de baixas e um fardamento novo do tenente Matos, escaparam à voragem do incêndio.

Como em toda tragédia existe o traço vivo de uma momice, neste aparece a figura grotesca do soldado Clarismundo, a quem a doença acenara, fugindo de cuécas, armado de cartucheira e fuzil levando consigo os seus duzentos cartuchos.

Como ditador botucudo de Canindé, Virgulino Ferreira tomou uma série de providências, ditadas pela brutalidade dos seus intentos.

Prendeu todas as mulheres dos soldados, deixando-as sob a guarda do mais asqueiroso daqueles que faziam parte do seu grupo, Zé Baião.

O "magistrado" do sertão cujas sentenças inspiradas no código tenebroso da sua natureza pervertida, eram a sorte das desgraçadas prisoneiras. Condenou-as a serem ferradas no rosto: Izaura, Maria Marques, Anizia e Natália, como incursas nas penas da lei estripida decretada por Ele, pelo fato criminoso de serem as esposas de alguns soldados das volantes.

Num fogo improvisado o ferro com a marca J. B. avermelhava ao calor das brasas.

Foi Izaura, a mulher do soldado Bilísho, a primeira a sentir nas carnes da face, a mordida brutal do ferro candente.

Um grito lancinante e pavoroso cortou o silêncio do poroado, mudo e estarrecido, ante a ferocidade daqueles monstros.

Um soluço, como vindo de dentro da terra, fechou a garganta daquela pobre vítima na inconsciência de um desmaio.

Mesmo o sertão, mesmo a caatinga afeitos aos horrores de todas as cenas primitivas, tremeram de angústia diante do episódio dantíscio, a que o poroado de Canindé assistia com o coração protejendo sangue e os olhos secos das lágrimas que não podiam chorar.

Ferrar um homem amarrado é ato que uma fera vacilaria em praticar, mas ferrar uma mulher desprotegida vai além da insensatez irracional para ser uma covardia que não tem nome na degrauão humana.

E o quadro trágico se repetiu com o ferro em brasa afundando-se no rosto lívido das outras condenadas. Um cheiro penetrante

de carne queimada infiltrava-se no ambiente enfumaçado, entre os estertores das mulheres ferradas.

Lágrimas desciam dos olhos dos que não podiam socorrê-las. Canhão esmagava-se sob a dor inútil dor que não podem protestar.

Por determinação do "magistrado" dos pertões, uma não seria ferrada. Natália a esposa do soldado Maninho, trazendo no ventre uma gravidez de oito meses.

— Nem ferre essa não, qui eu vó ahei a barriga dela. Quero vé di que qualidade é lio di "macaco", foi a ordem do governador das caatingas.

Era o último retoque de barbaridade nas côres do quadro só concebível na mente tórrua e mórbida de um tarado.

Como uma estátua talhada pela crueldade, era ele, o próprio Lampião, o animador daquele drama selvagem, frio e impiedoso, sem um gesto de sensibilidade no semblante de pedra.

Da assistência presente uma voz articulou um pedido que era mais uma súplica. Pedro Candéia e mais alguns catingueiros, todos coiteiros em perspectiva, rompem a parede da emoção que os enudecia até então e se dirigem ao capitão, com um pedido de clemência em favor de Natália.

Virgulino Ferreira, bandido amassado em aço, com arcos feroces de tirano, gostava de ser rogado, gostava que a sua validade fosse acariciada pela humildade dos que a ele recorriam.

Raramente sentia-se inflexível face a intervenção medrosa de pessoas a ele chegadas por um traço de interesse ou de covardia.

A entrada de Pedro Candéia na ação monstruosa que se tramava para rasgar as carnes da barriga de Natália, resolhou no atendimento do capitão Virgulino, ao seu pedido de compaixão.

O verdugo olha a vítima, examina demoradamente o seu estado de gravidez e, sem uma palavra, prolongando o ato como se aquilo lhe desse um prazer satânico e afirmasse o seu poder de vida ou morte sobre aquela gente, enfa a enorme laca na balança, gesto que queria dizer a Pedro Candéia que a sorte de Natália havia melhorado no seu julgamento.

Ela não teria a barriga aberta pelo gume cego da folha da sua faca, mas, como as outras, seria também ferrada.

Uma mudança de castigo, mas não o perdia.

E no rosto da torturada vítima, Zé Baião, o monstro, impôs  
má a marca rubra, sinal que falaria da ferocidade do seu instinto  
nos que a encontrassem nos dias futuros.

Não foi um grito de agonia foi mais um rugido de morte que  
escapou dos lábios de Matília para perder-se no correr manso das  
água do São Francisco.

Da porta de uma taverna onde alguns cangaceiros quase bêba-  
dos rião e pilheriavam, rebôa a voz cantante de Corisco, gritando  
animalescamente:

— Ferre essa égua na funda...

Aquele berro cínico foi o aviso para que descesse a cortina só-  
bre o palco de um drama covarde, de uma tragédia inédita na sua  
hediondez, desenrolada entre o casario humilde de Canindé, às vis-  
tas vencidas de um povo que fazia o sinal-da-cruz e acreditava em  
Deus!

Em todas as vítimas em que Lampião deixou o estigma bar-  
baro, nenhum foi encontrado em outra parte do corpo que não  
fosse no rosto.

O que Ele queria é que a sua mensagem chocante ficasse clara  
na primeira página da "geografia" da pessoa humana.

O capitão da caatinga depois de achincalhar os volantes no  
modo astuto como confundiu o seu comandante, abandonou Ca-  
nindé e homiziou-se, tranquilamente na fazenda "Maranduba".

Enquanto o crime enlameava de sangue o vilarejo de Canindé,  
o tenente Matos cercava as "Pias do Felipe", de onde a poderosa  
volante trouxe apenas o cheiro nauseabundo das roupas intundas  
e suadas, o cheiro azedo e insuportável de corpos humanos empas-  
calhados pela sujeira que os bandidos sabiam acumular como ru-  
guém.

No dia seguinte, o regresso do tenente Matos, com a sua tro-  
pa, foi penoso e melancólico, trazendo a derrota de um combate  
que não se deu porque fracassou com a antecipada descoberta das  
linhas gerais do seu plano.

O sol de janeiro é um feixe de fogo queimando aquelas para-  
gôas. A sede, um castigo para os que se aloitam nas entranhas das  
caatingas.

As lôrgas do tenente Matos, além de acharem vazio o esconderijo de Lampião, sentiam agora, a ardência insatisfeita da sede, exaurindo-lhes as energias.

Dois soldados foram destacados para trazer de Canindé, uma carga d'água.

O soldado Birlinho foi um deles.

Em algumas casas antes do povoado ele se encaminha a uma delas para escassar a sede e providenciar a remessa urgente d'água para os seus companheiros.

A dona da casa, anfitrião, se desfaz num pranto que não pode controlar. Até aquele momento ninguém, fora de Canindé, sabia de nada.

Birlinho ouve a história de todos os acontecimentos, principalmente dos horrores porque passou a sua mulher, quando foi ferrada pelos cangaceiros.

O portador que levou a água ao tenente Matos, narrou-lhe os atentados praticados pelos bandidos nas vítimas inocentes sacrificadas ao seu ódio e à sua vingança.

Em marcha forcada a tropa volta a Canindé e aos olhos de todos abre-se então, o quadro de angústia e de sofrimentos, ainda vivo na carne das pobres mulheres, bestialmente deformadas no rosto pelo ferro em brasa que as marcou para sempre.

Foi tão intensa a revolta, que o tenente Matos, apesar da sua cordura, da sua repulsa em infligir castigos físicos ou morais à integridade de qualquer pessoa, consentiu que se envergasse e se desenvergasse, não se sabe quantas vezes, a lâmina de um facão marca "jacaré", de vinte e duas polegadas, nas costas dos coiteiros, escoltando-os depois, dez deles, príos, para Aracaju.

Mas o tenente Matos, esqueceu que na luta para extirpar dos sertões o cáncer do banditismo, cada oficial tinha que combater em três frentes: no setor político, que dava cobertura à impunidade do crime; no setor da estratégia em suplantar as asperezas naturais do terreno e no setor das armas que aos soldados eram dadas as obsoletas e as imprestáveis e aos cangaceiros as mais perfeitas e as mais modernas.

Se o tenente Matos conhecesse esta verdade, talvez não ficasse tão chocado quando presenciou a volta dos dez coiteiros.

livres e impunes, sendo um deles premiado com a nomeação de sub-delegado de polícia para o povoado de Mucambo de São Francisco!

É muito tortuosa a história do banditismo no nordeste, tão tortuosa que revolvida do fundo à superfície talvez no linho e nos sapatos de verniz de muitos tipos importantes de hoje, o povo visse manchas de sangue e nódulos de pus.

Quando um facho de fuz caiu nas trevas que rodeavam a isolada sensibilidade de Virgulino Ferreira, em terreno sergipano, o tenente Maçons, de lenço azul naix, encerrou a campanha com que se propunha esmagar os profissionais do crime.

Entretanto, Lampião estava passando por uma fase de provações na sua carreira sinistra, a contar de janeiro de 1932.

Por alguns momentos a sua estrela ocultou-se, com a repetição de círcos dos oficiais do Exército aos seus covis na caatinga.

Assim, há oito do mesmo mês estoura o tiroteio de Maranduba, onde ele se entrincheirou logo depois que deixou Canindé.

As relântias do capitão Liberto do 19 B.C. da Bahia e do provisório Elias Marques, dão-lhe o segundo e maior combate registrado nas caatingas dos dois estados, Bahia e Sergipe.

O segundo, porque o primeiro explodiu no tanque da fazenda do "Touro", nos sertões da Bahia, quando os bravos soldados do tenente Arsenio de Souza, tombaram em número de dezesete, não incluindo um sargento e onde ficou para nunca mais se levantar o bandido Ezequiel, vulgo "Ponto Fino", irmão de Virgulino Ferreira, por quem ele chorou e jurou vingança.

Foi uma chacina da qual escaparam, por milagre, o tenente Arsenio e os rastejadores: Aurélio e Jori, dois produtos das caatingas que, mais tarde, se fizeram soldados.

O fumo dos primeiros tiros apenas enovelava-se no ar, quando acode o cérebro com a saralvada dizimadora dos fuzis da sua volante, o capitão Manoel Neto, o valente Manoel Neto, inimigo número um de Lampião, o Manoel Neto que diante do cadáver esquartejado da sua noiva, conforme afirmam com ou sem fundamento, pelos golpes do carniceiro sanguinário, juro vingá-la, juro aniquilar o matador, o carrasco que a mutilou, depois de morta.

No desespero de mais um encontro com o suposto assassínio da sua noiva, Manuel Neto, sem procurar conhecer a posição das volantes e dos cangaceiros, naquele momento, indefinido na confusão da peleja, planta-se com a sua tropa à retaguarda da coluna do provisório Elias Marques, colocando-a mortalmente entre dois fogos, o dêle e o dos bandidos.

A luta já deixando poças de sangue na areia da caatinga, desenvolvia-se para uma próxima matança, quando Elias Marques sente que um dos seus braços lhe é esraçilhado pelas balas dos bandidos.

A dor lhe abre a boca em gemidos, em pedidos de socorro e de salvação.

Um filho que também era contratado, pede para que ele não se denuncie, para que não se descubra como alvo para a punaria traíçoeira dos homens do capitão do cangaço.

O temor do filho de Elias Marques se realiza com o aparecimento de um bandido, agachado como um tigre, penhal entre os dentes, escorregando pelo terreno silencioso e macio.

Ele todo era a morte em evolução, premeritada, com o fim de sangria de levar consigo o lenço de Elias Marques, o maior troféu, a glória mais desejada, considerada pelos cangaceiros como prova suprema de vaidade e de coragem combativa.

Mas, com que o bandido não contava, era com os olhos de Manuel Neto pegando em cheio a cena cujo epílogo parecia tão próximo, pois o ferido, cada minuto mais fraco, esvazia-se em sangue, perdia o sentido de viver.

A distância que separa Manuel Neto do cangaceiro ilhe a certeza de que o seu parabéum o abateria, de vez que o raio de ação da arma curta que ele empunhava, tinha capacidade para tanto.

Com o seu mosquete engatado, imprestável para o combate, Manuel Neto, dedo nervoso comprimindo o gatilho do seu parabéum, contando a eternidade em cada passo do assassino, espera que o bandido se acerte de Elias Marques, já aquela altura, praticamente, morto.

Foi rápido e fulminante o fim de tudo.

O sicário já podia ser alvejado.

Manuel Neto ajusta-o à mira da sua arma e chama ao ga. tilho.

Mas um tiro ecoa naquela orquestra ensurdecedora que abala a fazenda Maranduba.

Encerrada a refrega sangrenta, dezenove mortos e feridos, se estendem na terra morena e ingrata da caatinga, dezenove homens cobrem o chão ressequido e diversos mortos insepultos sob o sol causticante do sertão.

Aí, naquele amontoado de carne humana, estava a história dos erros e da vingança dos homens, a herança de sangue que Lampião deixava para a vergonha dos governos poltrões.

Mais uma carnificina ficava para pesar na consciência dos coiteiros oficiais, dos protetores poderosos para quem a vida daqueles bravos, mortos no combate da fazenda Maranduba, valia menos do que os serviços que Lampião lhes podia prestar.

Antes de retirar-se Manuel Neto lembra ao sobrevivente:

— Se não ficou um bandido morto, com uma bala na testa, eu volto para Pernambuco e nunca mais dou um passo atrás de bandidos.

E, de fato, pertô do cadáver de Elias Marques, estava morto o cangaceiro "Catingueira", com uma roda de carne prêta bem no meio da testa.

Fechá-se assim mais um capítulo brutal da história do cangaço.

Tempo depois, já em 1935, em companhia do sargento Manuel Rosendo, meu comandante e meu amigo, ao passarmos pela tão, dolorosamente célebre fazenda Maranduba, ele manda que todos nós, de joelhos, rezássemos um Padre-Nossa e uma Ave-Maria, pela alma dos heróis anônimos, sepultados naquele pedaço de terra nua e esquecida.

Foi a oração mais comovente que os meus lábios disseram sobre aquelas covas sem dono, perdidas na ingratidão dos homens, como ainda hoje permanecem perdidas na solidão sem carinho dos desertos.

Manuel Rosendo ainda não satisfeito com aquela homenagem aos nossos companheiros desaparecidos, volta-se para os dois

certanejos que nos conduziram àquele cemitério sem cruzes, e no seu linguajar seco e arrevesado, avisa-lhes:

— Tá vêno bando de coiteiros safados. Se de outra vez que tu passar por aqui, iso não estiver tudo roçadinho, cercado e plantado de fulô, você me pagam.

Nunca mais voltei à Macanduba e talvez em lugar de fulô, como dizia o meu sandoso Manuel Rondon, haja a natureza se aberto em espinhos de mandacarú, de macambira, de chique-chique, quipá e palmatória.

Uma lápide rústica de espinhos é bem o símbolo de uma luta inglória que levou na sua vorágem tantas vidas prestas a serviço da ordem pública.

## XIX

Oscilando entre Sergipe e Bahia o cangaço, como uma epidemia, disseminava seu contágio nos sertões desprotegidos.

Quase sete anos de sangue e de sofrimento, esfuziando as carnes e arruinando a economia sertaneja. Duas forças negativas, dois inimigos que se fingiam destruir e combater, cohriam a terra malsinada dos dois estados.

Eram as volantes do governo e os grupos do crime, sólcos no derrame irreprimível dos seus excessos.

Quase mil e seiscentos homens, entre soldados e contratados, servilharam nas caatingas fronteiriças, alors as incursões frequentes das forças do capitão Manuel Neto e a do tenente José Joaquim, o primeiro de Pernambuco e o último de Alagôas.

Todo esse grosso de tropas legais para caçar Virgulino Ferreira, o chefe que dirigia, apena, duas ou três dezenas de desgarrados sertanejos que escolheram a carteira do cangaço levado mais pela esperança de viver menos do que pela vocação de serem assassinos!

As páginas destes seis anos deviam ser escritas com uma pena de aço candente, na história escabrosa de alguns governantes.

O ano de 1935 corria no tempo ao compasso cansado dos seus dias.

E em Sergipe a polícia, com o cortejo de suas ambições irrealizadas, trazia para o cartaz a luta das eleições indiretas.

O sertanejo do centro e o catingueiro que nunca foram problemas sérios para a mentalidade atrofiada dos mandados, morriam de fome e de bala.

Foram dias em que o medo e o amor ao dinheiro de Lampião valiam mais do que a honra e a vida dos sertanejos, dias que ainda hoje fedem na alma vésga de muita gente.

Do Palácio "Olimpio Campos" dava o então Major Augusto Maynard.

O Capitão médico Eronides de Carvalho tomava posse do Executivo Estadual e com a sua chegada ao governo a campanha mudou. Mas mudou para pior.

Homem moço, forte, filho do interior, intérprete que devia ser da alma sofrida do sertão, Eronides de Carvalho quase desiludiu a quantos enxergavam nele uma figura de combate ao banditismo, um braço que se levantaria para abater os massacradores das populações sertanejas.

Filho de um dos coronéis mais influentes das ribeiras do São Francisco, estava o senhor Eronides preso, por razões econômicas, à zona coberta pelo cangaço.

Persegui-lo, extirpá-lo das entranhas da região, seria por em perigo a riqueza e o patrimônio da família.

E, entre expôr à destruição a fortuna e os bens paternos e banir do sertão o banditismo, o médico-governador escolheu o partido de garantir os havres domésticos.

Criou ele assim o que se pode chamar a hora do esquecimento para o sertão.

Vive ainda hoje o senhor Dr. Eronides de Carvalho na cidade do Rio de Janeiro.

E, se esquecendo que a história amanhã o apontar sob seus concidadãos como um dos responsáveis pela permanência de Lampião em terras sergipanas, hoje, é ele mesmo quem confessa ao escritor e poeta Nerten Macêdo autor de "Capitão Virgulino Ferreira-Lampião", as suas intimidades e os amigáveis encontros que teve com Lampião nas fazendas "Jaramataia" e "Cajueiro", revelando desses encontros, detalhes como esses:

... "Eu tinha tanta certeza de que, um dia, o senhor ia me aparecer, que até me lembrei de comprar um presente para a ocasião".

Virgulino mostrou-se surpreso. Pareceu mesmo não acreditar

O doutor chamou a empregada da casa, que tremia como varvérde, ordenando-lhe:

— Vá buscar os presentes do capitão Virgulino.

Dentro em pouco a moça retornava, trazendo um embrulho. O doutor desatou-o.

Continha uma garrafa térmica e um queijo holandes.

E continuou:

— Lembrrei-me de comprar essa garrafa em que o senhor pode condensar café quente, para beber a qualquer hora do dia e da noite. E esse queijo estrangalado, muito caro e bom, que trouxe de Aracaju"...

E mais adiante...

... "Na hora da despedida, o doutor lhe presente de um par de perneiras do Exército.

— Na qualidade de capitão, o senhor não pode andar sem perneiras, comentou Eronides".

Continuando, vemos encontrar à página 268, o que se segue:

... "Muitas vezes o capitão voltou a pedir munição ao doutor. Não vinha recebê-la pessoalmente. Determinava o lugar onde devia ser entregada. A noite ia buscá-la com sua gente.

Aproximava-se do fim."

Essas declarações do Dr. Eronides de Carvalho ao escritor Nicanor Macêdo e por ele publicada no seu livro sobre Lampião, dão uma medida exata do prestígio e dos privilégios de que desfrutava o rei do cangaço no meio das classes ricas e poderosas de Sergipe.

Ninguém que tivesse a coragem de não mentir, chegaria a distinguir no sentido os dedos que apertavam o gatilho, das mãos honestas que manejavam os instrumentos do trabalho.

Lei e crime, honestidade e roubo confundiam-se no mesmo plano, tinham as mesmas cores, na vida do clã, justificado pelo temor das perseguições e pela impunidade dos celerados.

Os nomes volantes e bandoleiros indistinguíam-se na violência.

Foram poucas as volantes que não se celebrizaram pelas arbitrariedades e pelos desmandos. Algumas foram longe demais.

registrando-se fatos que desmentiam a tradicional dignidade da farda.

A um comandante do volante qualquer, lhe assistia o direito de lançar milho de um boi, de uma vaca ou de uma novilha para a alimentação da sua tropa.

Por cada rês abatido, dizia-se o governu na obrigação de pagar, por cabeça, ao seu dono, a quantia de 40\$000 (quarenta mil reis), o mesmo acontecendo com o gado de miúça que era cobrado 4\$000 (quatro mil reis), por cabeça:

E, coisa de não se acreditar, o mais curioso de todo isso, é que a carne não se distribuía com os soldados e nem com os contratados, era vendida, no peso e descontada nas folhas de pagamento!

Existiam até comandantes de volantes que, apenas às suas cartucheras, carregavam balancinhas portáteis e da venda ilícita que faziam aos seus comandados iam arrumando o seu "pé de meia".

O tenente Douradinho, hoje deputado estadual na Bahia, pode contar melhor essa história, ele que também carregava a sua balancinha.

Outro fato não menos estranho é o de que a rês ou a milha abatida, era tida sempre como de propriedade de fazendeiros com a pecha de coiteiros e, segundo a esperta lógica dos comandantes de volantes, coiteiro não tinha direito a nada.

Bom argumento para...

Tudo isso era fruto do exemplo que vinha do alto, era a connivência dos maiores com Lampião, a dissolução e a imoralidade na campanha, atingindo os oficiais e os sargentos e os incitando à corrupção.

Entim, era o crime e o dinheiro do crime substituindo o princípio de autoridade e governando o sentido.

O desboche chegou a tanto que Lampião não fazia reservas em dizer por quanto comprava cada um deles.

Certa feita almoçando com José de Felipe, pai de Maria Bonita, na Malhada da Caçara, disse com escárnio e zombaria:

— In Sergipe as duas besta mais barata qui comprei foi o sargento Miranda e o sargento De Luz.

Verdade ou mentira, o fato é que no fim da campanha, cada um deles tinha a sua fazendinha e dinheiro suficiente para cuidá-la.

Imaginou-se agora quanto não devia custar a Lampião alguns equinos de galões!

A campanha descambava para o seu oitavo ano de perseguição inútil.

Lampião se recolhera a Angicos, lugar que escolhéra para o seu quartel-general.

A escolha não foi inteligente porque Angicos, não obstante as condições topográficas o tornarem quase inacessível, tinha a desvantagem de possuir uma única saída, detalhe que a argúcia estratégica de Lampião esquecera, propósitalmente, argumentando que todos eram seus amigos e incapazes de trai-lo.

E, de verdade, Virgulino Ferreira tinha razão.

Só não teve razão em esquecer aquele sábio princípio de Anjelo Roque: "Qui o home quanto cai na caatinga deve se livrá de duas coisas: primeiro, dos amigo, e adispota, dos inimigo".

Nessa época o cangaço em Sergipe tinha a organização de uma sociedade no sub-mundo do crime, de uma sociedade muito bem dividida e orientada.

O monarca das caatingas era o cérebro do poder sinistro e, de quando em quando, passava em revista os seus comandados; os quais lhe prestavam contas de todos os seus passos e recebiam novas ordens e novos planos.

Entretanto, em Angicos se escreveria mais tarde a página mais brutal da campanha que encerraria a carreira crepidante do capitão Virgulino Ferreira da Silva.

Com as chuvas na terra do sangue e do sol tudo renasce, tudo é cor de primavera, tudo é alegria e felicidade.

É a assistência social e econômica de Deus a um povo flagelado, faminto e doente.

Mas, quando os céus se trancam para o Nordeste, caatingueiros e sertanejos, esgotados pelas privações, temem que a sua resistência tenha chegado ao fim.

E temem porque sabem que as secas se repetem, num ciclo matemático, exaurindo da terra a seiva e a água dos rios e das encostas; sabem que um sóto céu de aço polido se enche da claridade das estiagens e endéixa para os campos os raios escaldantes da sua energia de fogo; e sabem que a natureza dobrar-se sob a ação das insolções e nos roçados e nos campos a esterilidade deixa na desolação dos desertos, a marca da fome e a tragédia da sede.

Por trás do pano dôlar drama diário é esse surge o cangaceiro no sertanejo que não quer morrer de fome e no caatingueiro que, ativado as cartucheiras na cintura, para não perder a vida pela inanição.

E a luta gigantesca se abre entre o instinto de conservação e o instinto agressivo e cruel.

Fechados, todos os ramos, barrada todas as saídas diante de si a terra seca e vazia e além de si a mesma terra desnuda e inerte, o homem do centro do nordeste, perde a noção de honestidade e de virtude e encaminha-se para o crime, engolido pela necessidade física de sobreviver.

E os milhos que apertavam o cabo da axadá, da foice e do machado, no plantio e na limpa dos roçados, transformavam-se

em instrumentos de morte no manejo do fuzil e do cabo do pu-

nhal.

É fácil ser cangaceiro, o que é difícil é viver-se muito tempo

sendo cangaceiro.

O sertanejo sabe disso e o caatingueiro também.

Mas dormem neles um fatalismo secular e a sua lógica bresca argumenta sempre, que ninguém morre antes da hora.

O pão, a origem de todos os problemas humanos, de todas as tragédias sociais e de todos os conflitos no mundo, no sertão, logicamente, é também a origem do banditismo, a raiz das como-

ções periódicas ensanguentadas pela miséria em regiões, em que

as secas tangem as populações para os exodes, para a marcha da

fome até ao sul do país, oasis nem sempre ao seu alcance.

O sertanejo, em tese, não é cangaceiro por que sente prazer

em só-lo e nenhuma validade em matar para ser temido.

E cangaceiro porque não se conforma em viver numa terra

em que quando não chove, toda ela é um cemitério.

Um lar sem fogo, os filhos e a esposa chorando na tristeza

dos desgraçados, o fazem um homem capaz de tudo.

O fato de ser assassino já não o impressiona, o que o aniquila

é a pobreza da paisagem doméstica, a fome em todos os cantos da

casa.

E com o rifle às costas e as cartucheiras atravessadas nos

peitos, lá vai ele matar para viver.

Escolhe a estrada larga do banditismo para que a fome não

o arraste para o caminho do cemitério.

Há, por isso, uma forte dose de razão na resposta de Lampião

ao padre Emílio de Moura, na Fazenda Coração, quando este, to-

mado de zelo pela salvação do famoso facinora, o exorta a aban-

donar o cangaço:

— Meu filho! Por que você não deixa essa vida de crimes?

— Qui, seu vigário, o governo só me deixa assaneigá. Eu

sou cangaceiro, tenho certesa qui os macacos non me mata-

pruque eu só um pé de diabo.

E desdenhoso acrescentou:

— Oje in dia, seu vigário, a vida só é boa é pra bandido ou

pra sordado.

Nas palavras de Virgulino Ferreira há duas verdades gritantes: o subterno às ilícitas que o perseguiam, simuladamente, e a fuga do norte do interior do nordeste incendiado pela fome e pelo desemprego, para a litorânea, arriscada mas rendosa, do crime, como meio de sobrevivência.

E Lampião falava como mestre e técnico na matéria, porque nas crises pelas quais passava o seu grupo com as baixas sofridas nos tiroteios com os voluntários não subornados, os candidatos para preencher-las eram tantos que o próprio Lampião chegou a recusá-los!

Houve lugares no sertão que escandalizaram pela elevada taxa humana oferecida ao cangaço.

Em Sergipe, tem o primeiro lugar, o Povoado Poço Redondo, que deu a Lampião vinte e um cangaceiros e na Bahia, é o Povoado de Bebedouro, que tira a primeira classificação, com um contingente de 23 ilhos para a malta do crime.

Precisamente os lugares mais pobres dos dois Estados!

Houve dias de tamanha correria de candidatos para o ingresso no bando de malfeitores, que o chefe do cangaço foi obrigado a restringir muitos dos pretendentes, como no caso de José de Júlio, Manoel da Pedro Miguel e Manoel Cajazeiras.

E o argumento do Capitão Virgulino era o de que, não desejava admitir mais ninguém por causa das deserções que, ultimamente, vinham se repetindo no grupo, citando como exemplo a fuga dos bandidos "Esperança", "Quinabeira" e tantos outros.

Para fazer mais difícil a admissão ao seu bando, impôs o chefe a seguinte condição:

— Agora, o cabra qui quisé sé cangaceiro do meu grupo, primeiro tem qui sé criminoso de morte. E se só em pessoa da fama ainda miô.

Mesmo assim, houve quem se submetesse a tão absurdas provas!

É conhecido e, ainda hoje comentado, em Poço Redondo o crime premeditado e revoltoante praticado por um dos candidatos, na pessoa do seu padrinho e pai adotivo, para poder ter a "glória" de ser contado na quadrilha do Capitão Virgulino Ferreira.

Nem todos, porém, tinham queda para viver caçando vidas para eliminar, repugnando-lhes assim o ser arrebanhados para a coluna dos malfeitos.

Existiam ainda os que eram movidos e fascinados pela sa-  
gentia das cores, pela tentação dos símbolos e do esplendor das  
vestes dos bandoleiros.

Eram os moços de vidas secas, os jovens ignorantes, a mo-  
dade desavisada e brava, dada aos excessos e aos erros do seu  
temperamento indócil.

Invejavam as montarias, os lenços coloridos e vistosos, as  
cartucheiras enfeitadas de moedas de ouro e prata, os bornais bor-  
dados a capricho, as alpercetas bonitas, os fuzis e os mosquetões  
faiscando ao sol, o panhal de cabo bem trabalhado, bainha de me-  
tal branco com desenhos complicados, os antíss cravejados de pe-  
dras das mais variadas cores, despreendendo chipas alucinantes e  
a esperança de ficarem célebres, de morrerem como valentes para  
ficarem com as façanhas cantadas pelos violeiros e lembradas pelo  
povo.

E, por cima de tudo isso, a vaidade de ser temido, de ser  
superior aos que não eram cangaceiros, e principalmente, o prazer  
e o orgulho de ser o preferido, o disputado pelas mulheres, pelas  
moças de olhos escuros e profundos, prontas para lhes oferecer o  
corpo virgem na sombra cheirosa dos umbuzeiros.

Essas perspectivas empolgavam-lhes a ignorância, aguçavam-  
lhes os instintos imaturos, a índole afiada pela barbaridade do  
meio, pelos exemplos diários de mortes e depredações impunes.

Outra origem do banditismo era as injustiças locais, as perse-  
guções políticas. São, porém, fenômenos espaços como as vingan-  
ças entre as famílias que se desgostavam em conflitos violentos.

Quem conhece bem o sertão sabe, entretanto, que a causa per-  
manente do cangaço é única e exclusivamente a fome como efeito  
das secas.

Havia os mais sensatos, porém, querendo satisfazer as suas  
tendências belicosas, suas inclinações para o perigo, corriam para  
os quartéis e, ou vestiam a farda da polícia, ou se contratabam ao  
governo para perseguir os cangaceiros.

Se lhes negassem a farda ingovernaria estião uns grupos de salvadores e celestes.

Foi o que se deu com o cangaceiro Pedrinho, vaqueiro de farda da Fazenda Lagôa de Dentro.

Meteu-se-lhe na cabeça a idéia de ser polícia, dependendo da sua acção ou não, no quadro da milícia sergiiana.

O único bicho que possuía era o seu cavalo "completo", animal de campo, adestrado nas vaquejadas, ligeiro e compreensivo como gente.

Vendeu-o, com uma dor exquisita no coração, e com o dinheiro viajou para Aracaju, onde esperava convergar a farda virtosa da corporação militar.

Ao apresentar-se no quartel, o comandante perguntou-lhe in-

cialivo:

— Rapaz! Você sabe ler?

— Infelizmente. Não tive quem me instruísse.

— Então pode ir embora. Só estou dando prazo a quem sabe ler. Quero fazer disto aqui uma polícia de élite.

Pedrinho regressou a Lagôa de Dentro, agora, sem cavalo, sem dinheiro e sem farda.

A velhinha, sua mãe, ao vê-lo, interrompeu a tosada de apre-

ender:

— Pedrinho, meu filo! Você non dixe qui se voltava pro cas-

tina com a farda do governo nas costas? Ta vero! Agora nem cavalo, nem farda e nem nada!

— É isso mesmo, mia mia, os homens nuncun querem. Me di-

xero qui vão fazê é a's polícia de deus!

Decorrido três semanas depois, o grupo de Manuel Moceno tornava raschio na Fazenda "Garrote" e entre os seus "rapazes" estava o cangaceiro "Santa Cruz".

Militão, o vaqueiro da fazenda, ao vê-lo, estrengos os olhos e curvo para ver melhor e exclama:

— Ocheatu! apois non é o Pratinho da Lagôa de Dentro!

Quem avéia de dist!

Pedrinho, o ex-vaqueiro, estendendo-lhe a mão, alegremente,

foi sentenciando:

— Você é tolo Militão o qui Deus non quē o Diabo non in-  
cita.

Seduzido também pela carreira das armas, Militão, mais feliz  
do que Pedrinho, conseguiu ingressar na Polícia de élite do co-  
mandante!

Hoje é primeiro sargento da Policia Militar de Sergipe e De-  
legado da cidade de Poço Redondo.

O bandoleiro "Santa Cruz", ou o antigo corredor das ruídosas  
vaqueijadas, parece haver sido engolido pelo mundo, ou talvez por  
alguma cova rasa, nas veredas sem fim das caatingas.

A força centralizada do banditismo irradiou-se de vertente a forte como uma cinta de terror.

O cérebro utilizado do Capitão Virgulino desolve consciência e continuidade em ramificações estratégicamente desenhadas e entregues a homens de pulos ríjos e de coragem cega.

Em breve definiu-se em uma organização perfeita espalhando-se pela superfície das zonas divididas como o rôdeiro intenso de uma sociedade cujos segredos eram inspirados por Lampião e cuja medida se suas mãos desfaziam com maestria.

A partilha territorial foi calculada a grosso modo e de acordo com a filha de "serviço" e com a fidelidade do contemplado no chefe supremo do pequeno exército do cangaço.

Os recolhidos foram poucos e a seleção obedeceu mais à antiguidade dos membros do grupo na vida das armas.

Para uma compreensão nítida do "porque" Lampião deu a alguns de seus homens zonas que ficaram sob o seu domínio, é mistério que se traçou o retrato de cada um deles, isto é, daqueles que ele dispensava amizade especial e preferência indiscutível.

Eram eles os bandidos da velha guarda, os que vieram com ele dos primeiros dias de Águas Belas e com ele ficaram fiéis até a morte.

Certamente que há analogia no perfil oral de alguns dos seus bandoleiros, semelhança ineritável em homens com as mesmas tendências criminosas.

Foram poucos, mas foram os melhores que, ao lado do Capitão Virgulino, estiveram em todas as situações.

Segue-se agora a história resumida de cada um deles, fiel em todos os seus detalhes.

A sombra de Corisco toma forma de monstro na sua longa história de bandoleiro ao lado do seu chefe e amigo.

E, por isso, é a él que cabe a interventoria de todo o baixo São Francisco.

O Diabo Louro das caatingas parecia o herdeiro principal e, naturalmente, indicado para quando morresse Lampião, continuar a cruzada do crime no Nordeste brasileiro.

Frio, cruel, rápido nos combates, valente sempre, o mais inteligente nas respostas, na mordacidade das ironias, Corisco firmava-se no conceito das volantes como o continuador do bandidismo nomade dos sertões acim lei.

No entanto, ao Diabo Louro faltava as qualidades mais importantes a um chefe: o amadurecimento nos planos, a visão adivinatória dos acontecimentos e, sobre tudo, a força dominadora que solda os membros de um todo em força invencível.

Corisco sabia matar como ninguém, mas não sabia preparar os momentos certos para a morte acontecer.

Dois fatos que se contradizem deixam a nô, a ausência de chefia em Corisco:

Dois dias após a morte de Lampião, na Fazenda Patos, do município de Piranhas, Corisco degola uma família de sete pessoas e remete as cabeças ao tenente Bezerra, arrumadas em um saco, acompanhadas de um bilhete em termos insultuosos e atrevidos.

Era a resposta que él dava aos que arrancaram a cabeça de seu chefe e dos seus companheiros na tragédia de Angicos.

Poucos meses depois esteve prestes a entregá-lo às autoridades de Belo Horizonte, no Estado da Bahia.

Na chacina da Fazenda Patos, Corisco é o anjo vingador.

Ainda havia tempo de que él realmente fosse o continuador das façanhas de Virgulino Ferreira.

Mas com a morte do seu chefe, Corisco é apenas o bandido desorcado, o cangaceiro sólo a si mesmo, o criminoso sem comando que procurava se render.

O povoado Serra Negra servia como um caldeirão. Soldados, contratados e bandoleiros, abraçados, bebiam, jogavam e dançavam.

Os comandantes de três voitões e o povo de Serra Negra, viam sem acreditar naquela exequente miséria da ordem com o crime.

O Capitão Liberato do 19º BC da Bahia, chefe das forças contra o banditismo do nordeste, o tenente José Rufino e o bravo sargento Odilon Flóri, aguardavam em Serra Negra, os últimos remanescentes da quadrilha do Rei do cangaceiro, decididos a depurarem as armas.

Nessa parada dos acontecimentos já havia no povoado, 35 cangaceiros entregues ao Governo da Bahia com as devidas garantias de vida, faltando apenas os grupos de Corisco e Angelo Ruque.

Sabia-se que Corisco estava bem perto, não tardaria a chegar, entretanto, essa vez do Diabo Louro, chegou um portador trazendo uma mensagem para o Coronel João Maria. O dono de Serra Negra.

Não foi difícil adivinhar. A mensagem era mesmo de Corisco. Antes de se entregar queria falar com o Coronel.

Corisco ignorava as condições em que estavam sendo negociadas as rendições. Ao avistar-se com o Coronel, foi indagando:

— Como é isso coronel! Como vai a coisa? A coisa vai bem, disse o Coronel evasivamente em explicações.

— Podem se entregar que o Governo garante a vida de vocês.

Corisco estava decidido a se entregar não fosse a opinião contrária de Dadá, que ao ouvir do seu companheiro tal decisão, teria esse rompante:

— E assim qui você diz qui é boné! Cocardé! Cadê sua coragem? Vai se intregá como um porco pra né sangrado poler macacos, não é? Apois di você se quiser qui vai, eu só qui me vou.

Diante da brusca atitude de Dadá, Corisco meio embarracado atocapellou:

— Mais Dadá! Eles nos garantem a nossa vida.

— E! O Governo garante a vida de vocês, completou o Coronel João Maria.

Mas, Dadá, a mais intransigente de quantas bandoleiras teve o grupo de Lampião, arrogante e desdenhosa, volta-se para o Coronel e lança esta indagação:

— E, o governo agarrante a nossa vida e quem vai agarrar um quilo de ouro e trezentos contos de réis qui Cristino tem? E você João Maria?

Estava, portanto, criado o impasse quanto a rendição de Corisco que ao que tudo indicava não queria continuar na vida do cangaço. E o que se depreende dessa pergunta ao Coronel João Maria:

— Como é Coronel, o sinhô nun pode dá um jeito nisso?

— Posso sim. Vocês entregam as armas e podem viajar para outros Estados, contanto que deixem a vida do cangaço. Esta é outra condição que o Governo exige de vocês.

Isso pareceu bem a Dadá que jamais pensou em se entregar.

Para Corisco a solução foi como que viada do céu, estava tudo resolvido, entretanto, antes que o Coronel se retirasse fez-lhe o seguinte pedido:

— Coronel João Maria, esse rapaz — e apontou para um do grupo — ainda não é cunhido como cangaceiro e eu queria qui o sinhô aproveitasse él n'us de suas Fazendas.

— Minhas Fazendas todas têm vaqueiros — respondeu o Coronel.

Dadá interveio, insolente e arrogante como sempre.

— Você tem qui botá él na Fazenda Fortaleza.

O Coronel nada respondeu, mas, acontece que o tal rapaz até hoje continua como vaqueiro numa das Fazendas de Serra Negra.

Antes de deixar o pequeno grupo de Corisco, Dadá presenteou ao Coronel João Maria com um anel de ouro maciço o qual o dono de Serra Negra, até bem poucos dias guardava como uma recordação viva do tempo do cangaço.

Dos arredores de Serra Negra, Corisco abre em fuga em companhia do bandido "Rio Branco", Dadá é uma menina que haviam roubado em Bebedouro, visando alcançar Bom Jesus da Lapa.

Contudo, o Tenente José Ribeiro que o enquadronava nas suas observações e na mira do seu fuzil desde que veio de Pernambuco para eliminar Lampião, largou-se no rastro, indo alcançá-lo na Fazenda "Pulgas" há trinta quilômetros da cidade de Miguel Calmon, no Escudo da Bahia.

Corisco reagiu, como um valente que era em todas as situações, reagiu à bala, alirando com o seu parabellum, lascmando, certamente, o baver deposito o seu fuzil em Serra Negra.

Levado pela prática de brigar o menos possível e logo o mais depressa que pudesse, Corisco correu para salvá-lo.

Mas o homem que o perseguia era um serranejo afeto a todos os truques dos bandidos, conhecê-lhes as manhas, sabia as táticas inspiradas pelo perigo e improvisadas pelo desespero.

Não se arredou dos calcâneos de Corisco na desabalada carreira, respondendo aos tiros com os quais o já cansado cangaceiro procurava abatê-lo.

Atingido por uma bala caiu para sempre aquele cuja malvadez valia o nome de o Diabo Louro das Caatingas.

Junto ao inimigo mortalmente ferido, José Rufino virou de rosto para o céu. E num exame superficial, constata a gravidade dos balões que lhe romperam o corpo.

Os intestinos de fôra, sujos de terra e de folhas secas, respiração corta e olhos quasi vidrados, denunciavam que uma vida vai se apagando, a vida de Corisco, a vida do bandido que assassinara com uma naturalidade de não se arrependar.

Sem se conter, José Rufino lhe fala, lamentando um fim que não desejava:

— Tá vendo Corisco, se você nun tiverse reagido a prisão nata lhe tinha aconstrido e você estava com a vida garantida.

O olhar com que o velho comparsa de Lampião lhe responde é duro e feroz e a sua voz arrastada e cavernosa é arrogante:

— Non só home pra sé preso, só home é pra morrer.

O bravo oficial das caatingas insiste no diálogo:

— Você sabe com quem está falando?

Com um gesto pensoso de cabeça Corisco responde que não.

— Você está falando é com o Tenente José Rufino.

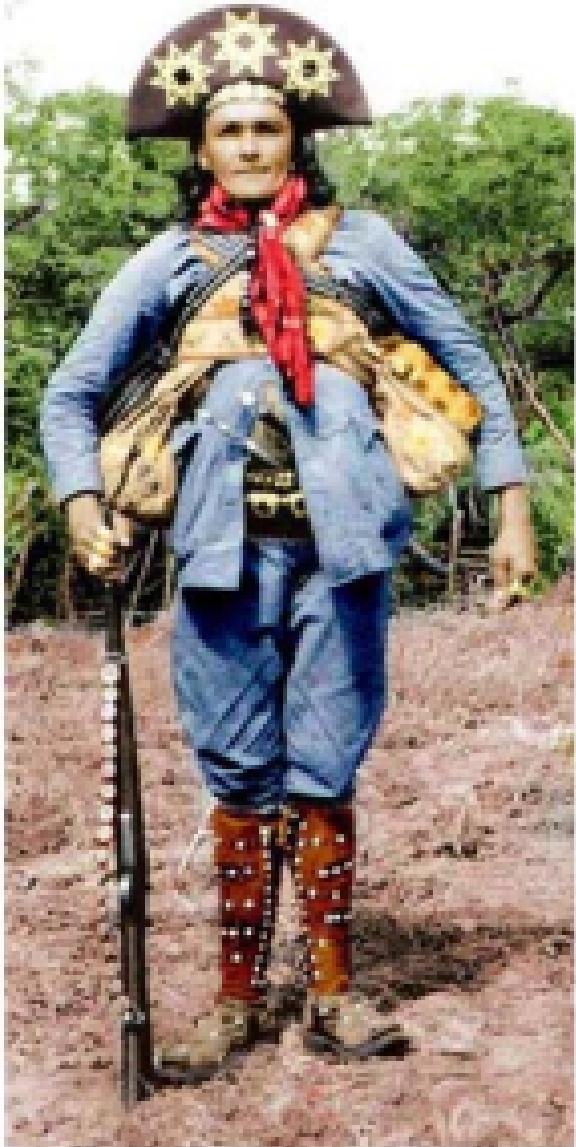
Aquele nome bateu nos ouvidos do Diabo Louro como uma penhalada e, como um javali agonizante, morde os lábios e vira-lhe o rosto.

Um silêncio de morte envolve os protagonistas da cena que tranca a carreira do bandido cujo nome ficou em letras de sangue nos desertos nordestinos.

O comandante José Rufino rendeu uma homenagem ao maior dos seus inimigos quando ao sepultá-lo na cidade de Miguel Calmon, não lhe decepou a cabeça, costume macabro implantado aliás pelo próprio Corisco, na liturgia negra do banditismo.

Dois viante e dois cangaceiros que em desseais combates, foram mortos pelo hoje Coronel José Rufino, só Corisco enterrou-se inteiro, com a cabeça loura nos ombros largos e possantes.

Se a sua cabeça hoje se encontra exposta no Instituto Nina Rodrigues, na Bahia, foi por imposição da ciência e não porque José Rufino a houvesse separado do corpo do seu inimigo quando o matou numa luta honesta e leal.



"CORISCO" o Diabo Louro das caatingas,  
no seu uniforme de gala de cangaceiro.  
Bonito com nunca, valente como ele mesmo.

A segunda feitoria, na divisão do Capitão Virgulino, caiu para o cangaceiro Manoel Moreno.

Era um município atrasado e de pouco futuro, com algumas fazendas de gado comum e com um comércio atrasadíssimo.

Para a pilhagem conduzida com inteligência e perseguições, podia render alguma coisa.

Garanu tinha um novo governante nas suas caatingas, de fuzil no ombro, punhal à cintura e cartucheiras bem municiadas.

Manoel Moreno contava com um passado digno de um cabra de Lampião e mais com uma quadrilha de doze cangaceiros, de peleira grandeza.

E para completar o seu corpo de assessores e auxiliares, a en diabrandada Aldina, a mulher dos seus amores.

A fama de Manoel Moreno não se restringia só ao grupo de Lampião, ia além, vinha de longe e se derramava fora dos limites em que o seu bando de celerados operava.

Calvário grandalhão, apertado na côte, mal encarado, de pouca conversa, arredio e quase isolado, mesmo entre a cabocaria.

Manoel Moreno amava o crime com a paixão doentia dos anões, mas. Poucos foram os desvios morais que não praticou esse mulato valente, esse mestiço, em quem sobrava coragem para tudo.

A sorte do município de Garanu não merecia tamanho castigo.

Não dispôs Manoel Moreno de tempo suficiente para roubar, matar e destruir o que era do seu programa, pois, o sargento Odilon Flôr, das forças boiasas, resolvê-lo pôrbarbarilhe na administração das caatingas garanuanas.

## XXIII

No governo do cangaço um nome se levanta cheio de prestígio na confiança de Lampião: Angelo Roque.

O chefe dos sertões o consultava nos casos em que era necessário a prudência para conformar os para enfrentar os perigos.

As ocultas era a palavra de comando disfarçada atrás das atitudes de Lampião, era o inspirador das ordens e dos planos expedidos.

Sentia-se a presença de Angelo Roque no acréscimo das medidas sumárias, dos atos retardados, dos avanços e dos recuos estratégicos.

Tudo nesse homem é premeditado, raciocinado, medido.

Não há pressa no seu andar e nem na lentidão dos seus gestos.

Fala como se as palavras se despregassem dos seus lábios com dificuldade, como se o pensamento escondido e enconchado no seu cérebro, corresse das palavras para não ser veiculado para o exterior.

Ate o olhar é parado, liso, suspenso como uma ameaça sobre as coisas e os homens.

Nunca se irrita e nem se descontrola; tendões insensíveis como fibras vegetais ou cordas de aço, os seus nervos alheios à qualquer emoção, réponham, nas situações mais críticas, numa tranquilidade de pedra.

Conversa preguiçosa, tardia, conversa à prestação, rompida por silêncios súbitos, para não ser entendido, para não se deixar ser interpretado por ninguém.

É do sertão de Pernambuco, vindo para Bahia viveu por algum tempo sob as asas do coronel Pereira.

E numa noite chuvosa de São João, cercou-o na casa do vio-  
lino e coiteiro Zézinho da Lasca no lugarejo Pôço da Volta, em  
Sergipe.

Uma tempestade de balas rasgou as paredes frágeis do ca-  
sebre em que a dança da roça, num São João festivo, animava a  
gente simples das castinhas, dirigida por Manoel Moreno.

A noite era escura e chuvosa, o pipocar das bombas dos fu-  
gueses confundia-se com o tiroteio errado e perigoso, não ha-  
vendo tempo para nada.

No meio da confusão a Manoel Moreno só sobra tempo para  
gritar:

— Aldina, égua, corre senão tá morre.

No fim daquela noite de São João, de bala e de morte, quando  
os fuzis se calaram, quatro mortos ficaram na casinha da festa:

— Manoel Moreno, Zépelim, Pai Vélio e Aldina.

Há quatro cruzes toscas e humildes espalhando um pedaço de  
chão de Pôço da Volta, onde reponham quatro corpos estru-  
lhados de balas, quatro corpos sim, porque as quatro cabeças ain-  
garem sabe onde Odilon Flôr as enterrou.

Vivia da caça, matando gato bravo e vendendo as peles nas feiras.

Com os bichos que caçava aprendeu a desconfiança do mato, as atitudes longinhas e as simulações nas poucas palavras de conteúdo falso com que enganava uns que pretendiam capturá-lo os planos e as intenções.

Estatura comum, cor imprecisa entre o mestiço e o índio, nem branco e nem preto — "um cabra caíoca" — na gestosa expressão matuta.

Rosto inexpressivo, sem uma linha ou um traço que o lembrasse, que o diferenciasse dos outros; tipo de rosto apagado numa multidão de outros rostos.

Fugia da pobreza do sertão Pernambucano para a miséria faminta do sertão da Bahia.

Sem profissão, sem dinheiro e sem meios para ganhar o pão, abraçou a carreira do gaúcho e, ao lado de Lampião, é um dos "heróis" do sangrento fogo de Serrote Preto, em que dois jovens oficiais da polícia paraibana foram selvagemente sacrificados.

Há um busto na vida de Angelo Roque. Depois de Serrote Preto, omite-se por algum tempo da profissão do baturante.

Só aparece, longo tempo depois, quando Lampião exilado pelas forças dos outros estados homicida-se nas brechas do sertão baiano.

Reingressa na coluna do crime e é autor de façanhas tão temerárias que o Rei do Cangaço o promove a chefe do grupo.

É valente quase até à inconsciência, fora dos limites normais dos homens corajosos.

Nos tiroteios era calculista, oportunista, matemático na pontaria.

Não matava por prazer ou para experimentar a cinoélio estranha das assassinios rátios, mas por "precisão" como afirmava ele.

Não atacava, defendia-se; não provocava barulhos, fugia deles; não insultava, calava-se; não discutia, ouvia sómente; retirava-se sempre de qualquer desavença quando a fuga não o desmoralisava diante dos outros bandoeiros.

No ruído da luta era, entretanto, espantoso na agilidade, insuperável na bravura com que corria para o perigo sem se lembrar da morte.

Singular e, até hoje inexplicável, o modo como ele andava sem deixar rastros, como pisava no chão sem traçar a sua passagem.

Tão macio e tão leve o seu andar que o tenente José Ruiço o apelidou de "O homem dos pés de coelho".

Dos cabras de Lampião foi o que se fixou no conceito do chefe, como elemento mais capaz e mais astuto.

A volante que o cercasse teria de conhecer o seu valor como inimigo, a sua sagacidade e, sobretudo, a sua capacidade de improvisação estratégica nos combates, se quisesse sair-se bem dos tiroteios.

Lampião, na partilha que fiz do sertão sergipano, em zonas, desmilitarizou o município de Carira.

Foi essa recompensa aos seus altos "serviços".

Angelo Roque seria o governador da comuna que o crise dos dirigentes estaduais deixava indefesa às mãos e à sanha de um dos mais célebres homens do rifle.

Não é fácil ao historiador autenticar o número de combates e encontros de Angelo Roque com os volantes.

Difícil precisá-los, tal o número dos tiroteios em que o seu mosquete espalhou a morte entre as forças legais.

Reclama registro à parte, a façanha na Fazenda Cachoeirinha, no divisor das águas entre Bahia e Sergipe, duas léguas de Carira, na tapera do coiteiro Quintino Anacleto.

Os cabos da milícia sergipana Nicolau José dos Santos e Leopoldo dos Santos, à testa de quase quarenta homens, encurtaram Angelo Roque, acompanhado de, apenas, cinco cangaceiros, no casébre do coiteiro.

A presunção, levando-se em conta a inferioridade numérica do bando, era de que Angelo Roque terminaria ali a sua carreira criminosa.

Uma meia noite, densa e cerrada, fazia baixar sobre a fazenda aquele silêncio perigoso que anuncia as tragédias.

Tudo pronto, uma parede de soldados e contratários, confinava a choupana e, dentro dela, cinco bandoleiros, condenados a trocar a vida pela morte, numa luta desigual.

O cabo Nicolau, passo, aos gritos, a intimação, o ultimato a Angelo Roque:

— Anjo Roque! Só introgue cum honra e capacidade que você tá cercado é cum as volantes do cabo Nicolau e de Leopoldo Zé dos Samas.

Na inflexão autoritária da voz do cabo havia já um sabor de vitória.

A boca dos mosquetões responde, numa saraivada de balas, o convite de rendição do cabo sergipano.

Durante uma hora, línguas de fogo qurimam a escuridão da noite.

O cabo Leopoldo reclama, a falta de música que se faz sentir entre os atacantes.

E o cabo Nicolau, esse mesmo Nicolau que tantas e tantas vezes deixara a marca dos seus dentes na face de indefesos sertanejos, agora portava-se como um poltrão, há duzentos metros do teatro da luta.

Os ouvidos tensos de Angelo Roque pegam as palavras do cabo.

A oportunidade de escapar, com quase nenhuma probabilidade de êxito, aponta, enfim.

A tentativa de romper o círco, parecia um suicídio, mas era preciso arriscar.

E Angelo Roque arrisca.

Reune o grupo e salta pelos fundos da casa, abrindo uma brecha no muro de soldados que os usinavam, num bloqueio de morte, e foge para a liberdade salvadora das caatingas.

— Sairei a um metro do cabo Nicolau, disse Angelo Roque mais tarde — si ele tivesse se alembrado pudia tê me matado inst de coice de fuzi.

Emudeceram as armas e a "botada" em Angelo Roque perdeu o sentido.

A polícia bolidriada fica tão abalada, tão confusa que não se lembra de continuar, em seguida e perseguição a Angelo Roque.

Escoregava mais uma vez das malhas da polícia e o braço da lei ficou suspenso no vazio que à sua luza deixou.

Nada mais a fazer a não ser a operação de limpeza no terreno do combate.

O Cabo Lepoldo acende um facho e ilumina a área ceifada pelas balas.

O teto do casarão voou prós arre, as paredes esburacadas, varandas em todos os andares, mostravam rothos abertos pela violência dos impactos, deixando, a olhos nus, o interior da tapera também raiado aos pedaços, e, em redor da cabana, matos cortados e retorcidos, numa paisagem de terra arrasada pela ação devastadora dos projeteis.

No chão batido e cavado, cápsulas vazias e munições espalhadas, objetos abandonados pelos sitiados e manchas de sangue coagulado.

Os perjuízos em bens e também não foram poucos. Três viadas perdidas e alguns feridos, preço bem alto para os protagonistas daquela pequena tragédia, anonimamente, encenada num trecho da Fazenda Cachoeirinha.

Inesquecível foi o episódio do achado do cadáver da dona da casa, conraido numa cama de varas, tão picada de balas que comoveu até mesmo àqueles homens embrutecidos diante das horrores da morte.

Não os comoveu tanto a mulher morta a tiros, comovendo mais a cena inesbarável de uma criança de seis meses, brincando com o sangue da própria nudez, as mãoszinhas vermelhas, molhadas, batendo palmas, alegre no balbucio dos primeiros sons que lhe abriam os lábios inocentes.

No memória dos combatentes o episódio ficou inapagável matou como protesto de uma criança de seis meses, do que como um remorso e uma maldição contra os que matavam como meio de vida, ou contra os que assassinavam os que vivem da indústria do homicídio.

Da casa do coiteiro Quintino Anacleto, saíram os cadáveres do contratado Teinho Portela, do bandoleiro "Pajeú" e da pobre mulher, vítima de um acontecimento que não lhe pertencia, de uma fatalidade que se improvisou na choupana que Deus lhe deu

para viver feliz com a pobreza do seu marido e o amor do seu filhinho.

Foi essa a última página da vida do cangaço de Ângelo Roque, a última "brigada" de que conseguiu sair ileso, depondo as armas, um mês depois e entregando-se às autoridades de Paripiranga, pequena cidade do Estado da Bahia.

A campanha de recuperação que se iniciou, com o fim de salvar os homens transviados pelo cangaço e pelo crime, alcançou Ângelo Roque e o repôs na comunidade humana, como elemento aproveitável e útil.

Regenerado, forte e ativo, transformou-se de bandido em funcionário público, prestando os seus serviços no Reformatório Penal de Salvador.

O monstro não se define porque na ordem moral as exceções corroboram e confundem.

Zé Baiano foi um monstro.

De todos os grandes criminosos que, na hora de Lampião, saltaram para a celebridade, coube a Zé Baiano um dos lugares mais elevados na interpretação de delitos monstruosos.

Apagou-se nele qualquer impulso mediocre de bondade, qualquer equilíbrio entre o bem e o mal.

A raça negra diferencia-se das outras pela ternura de que é fonte viva o seu temperamento. Sentimental, generoso, humilde e fiel o negro comove pelo devotamento, pela renânciâa para os que lhe entram no coração e lhe ficam na alma.

É imenso no sofrimento e maior ainda na resignação.

No negro Zé Baiano, porém, as qualidades admiráveis dos seus ancestrais, alogaram-se nos desvios da sua formação moral, chavardada de vícios adquiridos nos seus primeiros contactos com a vida.

Filho de Chorrochó, o riacho do navio da Bahia, agreste sangrento que nunca deu um cabra mediano, no dizer do Sargento Odilon Pôr, cédo, na aprendizagem de toda sorte de aberrações, o seu nome amedrontou o tertão.

Na suca de Virgulino Ferreira, de logo, proclamou-se a fera insaciada, o carrasco dos fracos, o assassino brutal.

A história não raro é escrita com sangue, e, às vezes, também, infelizmente tem que ser escrita com púz.

A história de Zé Baiano é uma óculta fedendo na vergonha do próprio vício.

Nele tudo era de mais nos distúrbios morais e no estranhamento dos recalques e das inibições.

Ao estudá-lo, tem-se a convicção de que o peso milenar das humilhações que torturaram a alma africana, explodiram de uma só vez, nos seus atos.

E, fato desconcertante, aparentemente, em Zé Balino, da alma ao corpo, tudo era normal. Sem tiques nervosos, sem crises histéricas, sem náustros descontrolados, sem movimentos de silêncios sombrios, sem sintomas, enfim, que fizessem desconfiar da sua saúde psíquica.

Calmão, comunicativo, alegre mesmo, esquivo por precaução, prudente por conveniência, fiel, devotado ao maioral do grupo, obediente ao código do cangaço, experimentado em dezenas de tiroteios, senhor dos segredos da caatinga e dos esconderijos do sertão.

Ninguém adivinharia que, na escravidão do seu íntimo, se acintassem os instintos em revolta, a sensualidade voraz, a avareza insatisfeita, os apetites sólidos até a insensatez.

Fisicamente, era um tipo talhado em linhas insecuras: forte de músculos; pescoço entroncado; dentadura de um branco sem brilho, falha no maxilar superior; olhos entumecidos, manchados de sangue; queixo largo; nariz pontudo e petulante; lábios finos, iguais, zentos como um corte bem feito; cabelo duro, ruim; côr de um preto acinzentado, de um preto sem vida, fosco, apagado; orelhas pequenas; testa curta; sobrancelhas radas; óculos de armação ordinária com vidros sem grau.

Visto assim, desconhecendo-se os recéses escuros de sua alma, passava entre todo os seus semelhantes, como uma criatura sem nenhuma marca que denunciasse a sua tara.

Mas, por dentro, era enfermo, uma engrenagem humana desarranjada, um espírito que herdou toda a monstruosidade dos vícios de sua raça.

O seu nome ficou pregado nas caatingas, num cartaz que a sua malvadez pinçou com as lágrimas e o sangue das suas vítimas.

Perdeu-se a conta das virgens delloradas, das mulheres estupradas, forçadas a saciarem-lhe a guia do sexo, mortidamente em função constante.

Sádico, era para ele um espetáculo de gôzo intenso, de delícia prolongada, assistir, com esgares de louco, a agonia lenta das criaturas supliciadas.

Para tanto, para a cerimônia desse ritual de flagílio, para a histeria negra da imolação e dos açoites, conduzia com ele o célebre ferro, terminado nas pontas com as duas iniciais do seu nome, duas letras que o povo pronuncia, ainda hoje, com nojo e pavor: JB.

Era o ferro com que queimava as carnes das vítimas da sua fúria de varado, com que marcava os rostos das mulheres, das infelizes mulheres sertanejas.

Jamais se separava da famosa palmatória, feita do miolo vermelho da barraúna, a temível "Bocaça De Laço e Nô", como ele a chamava, acariciando-lhe a superfície áspera, com dois furos nas extremidades do cabo, prestando-se um, para a correia que a ligava às cartucbeiras e outro para o laço de fita encarnada que a encitava como uma boneca.

Aquele tosco instrumento de tortura era a sua mascote, o seu deleite, o seu ídolo.

Centenas de moças e esposas ficaram de velhos em carne sanguinosa, dos botos que Zé Baiano lhes vibrava, cruelmente, para sentir a emoção de vê-las sofrendo!

Somou-se a todas essas distorções morais, a avareza, a cubilha pelo dinheiro, o desejo doentio que nele se tornou obsessão.

Sovina, unha de fome, o único que não jogava, arrolhava o dinheiro roubado em garrafões, chegando a guardar em um deles seterentas cédulas de conto du réis, não se falando nas importâncias emprestadas a juros.

Esse amor de Zé Baiano ao dinheiro, deu margem a se pensar que ele alimentava o propósito de abandonar o cangaço, economizando para o descanso futuro de uma velhice sem problemas financeiros.

Um indivíduo de predicados tão extraordinários para o cangaço, de requisitos tão apreciáveis para o crime, não podia deixar de ser um elemento do peito de Virgulino Ferreira.

Por isso, ele ao desmembrar o sertão sergipano em feitorias, deu de presente a Zé Baiano o município de Frei Paulo, em Sergipe.

Sob as garras do bandoleiro aquele pedaço da caatinga não demorou a sofrer extorsões e assaltos repetidos.

Em Janeiro de 1936, o sargento José Luis, da polícia Sergipana, é, atrevadamente, atacado com a sua volante, no Riacho da Cajazeira, quase morrendo no tiroteio, de que escapou com alguns ferimentos.

O sargento pagava pelo crime de haver violado as fronteiras da zona proibida, sob o "segundo" governo de Zé Baiano, cuja impunidade lhe vinha do muito dinheiro que havia emprestado a diversos figurões do comércio de Aracaju.

Sem saber, Zé Baiano começara a urdir o seu próprio fim, dêra início aos preparativos da sua própria destruição.

Quando um bandido tem muito dinheiro e espalha éste muito dinheiro em mãos de "Amigos", está encurtando os seus próprios dias de vida.

A idéia de assassiniá-lo começou a tomar forma e corpo, surgiu com possibilidade de êxito e de visória.

Vivia, bem recente, na mente de todos, a morte que Zé Baiano fizera na pessoa do velho Martins de Souza, no município de Cartera, sogro de Antônio Corado, sertanejo de sangue no ólho e hoje prefeito da mesma comunidade.

Deixar impune a morte do sogro na concepção de Antônio Corado, era afronta e ultraje aos seus brios de homem corajoso.

A condenação à morte de Zé Baiano era, no particular desse caso, uma fatalidade imposta pela vingança.

Amboso Corado articula o plano, desbrava o caminho por onde chegaria a Zé Baiano, para matá-lo.

Agora lhe à lembrança o nome do seu compadre Antônio de Chiquinha, uma amizade velha e confiante.

O caatingneiro era também íntimo de Zé Baiano, com quem vivia numa camaradagem fraterna.

Antônio Corado solta insinuações para estudar as reações de Antônio de Chiquinha.

A receptividade é boa e ele, em confidências, induz o amigo a participar da cilada, desempenhando na sua execução, a parte mais difícil.

O esquema do plano era simples e quando,

Em lugar, cuidadosamente escolhido, até então na casa de Antônio de Chiquinha, Conrado iria, "ensinadamente" ao encontro de Zé Balano e lhe seria apresentado como um amigo vindo de Aracaju, em viagem de negócios banalas redondezas.

Tudo calculado, rigorosamente. Conrado comete um erro irresistível: avisa ao capitão Alfonso Mota e lhe pede para ajudá-lo a presidir os liquidar Zé Balano.

Ao saber Antônio de Chiquinha da intromissão do capitão na empreitada, desiste de tudo, alegando que "o serviço feito com cordade no meio rum ia dê certo".

Enquanto Antônio Conrado concebe e traça outro esquema, para suprimir o assassino do seu sogro, Antônio de Chiquinha, por seu lado, nocturnamente, sem o conhecimento de Conrado, aliás, a Pedro Guedes, Pedro de Nica, Antônio de Júlia, Bebê e a um tal de Biridim e forma o pelotão da morte que haveria de mandar Zé Balano para o outro lado da vida.

O plano que ordiram, Antônio de Chiquinha e os seus companheiros de tarefa sinistra, era em tudo semelhante ao primeiro traçado por Antônio Conrado.

Para uma "festa" — almoço preparado com os miudos de bôde ou de carneiro — em casa de Antônio de Chiquinha, os mesmos arredores, eriam convidados Zé Balano e seus dois comparsas, "Demudardo" e Ascenino.

A data fixada seria um dos dias da primeira semana de junho, mês que o caixeario da época acreditava como sendo do ano de 1936.

O festejo da morte decorreria ao abrigo verde de diversos pés de barreira que, como um toque de alegria na paisagem seca, fica suave baixa situada entre Lagoinha Nova e Alagadiço, à distância de um tiro de espingarda da casa de Antônio de Chiquinha.

Os autores da cilada iriam desarmados, apenas a cintura penétraria o insuperável facão que é como a prova de identidade do castigamento.

A luta dar-se-ia à arma branca, parada crua, desencadeada por homens para quem a morte carregava importância.

Feito o convite, revistos, meticulosamente todos os detalhes da armadilha, esperou-se o dia do almoço.

Na véspera, dia seis de junho, o carrasco de Frei Paulo, o fantasma negro da caatinga, brincaria a noite inteira, numba dança em casa de um tal Olivirinha, bebendo, possuindo mulheres, desrespeitando e provocando a todos.

O samba via o sol nasccer, só tem fanfuso da sazona, e sob a grisaria funeral dos bandidos bêbados.

Uma orgia de animais embrutecidos pelo álcool e acanalhados pela sensualidade.

O meio dia já chegava aos céus das caatingas, quando Zé Baião se acercava do local.

Não eram mais, sómente, três que fiam morrer.

Eram quatro, pois, o cangaceiro Chico Peste havia, um dia antes, se engajado ao grupo.

Foi uma surpresa com que não contavam os empreiteiros do encontro sangrento.

Impossível recuar, fosse o que Deus ou o Diabo quisesse.

Os convidados não foram recebidos por ninguém.

Antônio de Chiquinha sustentava-se para ultimar, com algumas compras, os preparativos da "fatada".

Os facinoras não gostaram daquilo e Antônio teria de explicar, direitinho, aquela falta de consideração.

Não tardou muito e o anfitrião apareceu e, com palavras servis e maneiras suaves, se distorceu em desculpas.

Mas, em dos cangaceiros, inconformado com as explicações, o agrediu, fisicamente, aberturando-o, com tamanha força, que o lenço que lhe caia do pescoço rasgou-se em diversos lugares.

O incidente chegou ao fim, sem consequências mais desastrosas, com alguém lembrando ao agressor que Antônio de Chiquinha era amigo, a prova de muito tempo.

Esparsadamente, vão dando entrada a reunião os sócios que, com Antônio de Chiquinha, seriam os executadores da carnificina, tão diabolicamente premeditada.

Aparecem, de um em um, e se falam e se abraçam, como se há muito não se encontrassem.

Até si o plano funciona em ritmo e coordenação normais.

A senha combinada para o ataque é esta frase desconcertante e, de si mesma, suspeita: "Tô nos braços de Mariôete".

Sóltia assim na conversa, como uma cobra seu sentido, seria o bastante para acordar suspeitas, se a inteligência lenta e obtusa das facinoras fosse capaz de um raciocínio meusos tardio.

A algazarra boal, a gritaria animalesca com que devoravam a "fatada", dispersaram no ambiente gargalhadas encandecidas.

Antônio de Chiquinha e seus aliados quasi não bebiam e, quando instados para beberem mais, excusavam-se com a desculpa de que não gostavam de bebidas finas e que haviam bebido muito na noite anterior.

Terminada a baldeação veio o cantoço, a molosa gostosa, a voluptuosidade que se segue à comida pesada e à bebida em demasia.

Juntando-se ao abuso do álcool e à fome que se fartou na "fatada", o exausto da noite anterior que mola os membros de Zé Balanço e de seus três cabras, pode-se fazer uma ideia de como estavam almebrados e exustos.

O sono lhes posava nos olhos avermelhados e um corpo de esgotamento lhes amofina o corpo, nos hocesjos de uma modorra invencível.

Ouve-se então claramente, a senha combinada, o aviso fatídico para desfechar a tragédia.

As lâminas dos facões escorregam das bainhas e se unem, cortantes e traíçoeiras, nos corpos semi-inconscientes dos quatro bandoleiros.

Tombam fulminados como rãs abatidas no matadouro.

Zé Balanço, a quem uma cutilada de facão quasi o degola, articula ainda algumas palavras, tentando negociar a vida com Antônio de Chiquinha, prometendo-lhe vultosa quantia.

Um dos rapazes do pacto tenebroso, em resposta, esburaca-lhe o corpo com um número incontável de punhaladas.

Os restos da "fatada" molharam-se de sangue e no chão os cadáveres mutilados lembravam cortes de carne fresca nos mercados públicos.

Despojados os mortos, feita a limpeza, consumada a arrecação de todos os pertences e dinheiro das vítimas, os açougueiros

da empreitada assassina, regressaram aos seus lares, frios e inđios, ferentes, como se voltassem de uma caçada feliz e rendosa.

Só de Zé Baião se apossaram de vinte e cinco contos e seis mil réis, importância que, no ano distante de 1936, pesava alguma coisa na balança económica de qualquer pessoa.

Há no final dessa narrativa um enigma que o historiador não sabe explicar: só desenove dias depois do trucidamento dos quatro cangaceiros foi que os seus matadores levaram o fato ao conhecimento das autoridades?

Por que só desenove dias depois?

Como crescerem dúvidas e comentários céticos sobre a morte de Zé Baião, as autoridades decidiram fazer a exumação para, depois dos exames de corpo de delito, declararem, como certa ou não, a identidade do terrível criminoso e dos três outros degredados pistoleiros.

Levados ao local da tragédia, mandaram desenterrar os cadáveres, sepultados ao pé de um formigueiro, numa vala comum.

E os quatro homens que na vida se soltaram pelo sangue e pelo crime, estavam ali entrelaçados, agarrados, uns aos outros, numa solidariedade monstrosa.

Zé Baião e os seus associus foram identificados e declarados como sendo êles mesmos, no termo lavrado no Livro de Registro, às folhas cincuenta e seis, da Secretaria de Segurança Pública, do Estado de Sergipe, cujos exames foram realizados pelo médico legista, doutor Carlos Meneses, em 26.6.36.

Aletrado a verdade dos fatos nada me faz e nem me fará divorciar-me do querer honesto de dizer-lhe, na revivência dos episódios que estruturaram a história dos dias calamitosos que, Virgílio Ferreira e seus súditos, viveram em Sergipe.

Narrô com a coragem de ser sincero porque só a verdade faz a História e eu estou escrevendo a História.

Por isso, ninguém terá hoje mais a levianidade de duvidar da morte de Zé Baião, a menos que os boateiros tenham em mente, numma guerra de nervos injustificada, amedrontar os que ficaram com o diabo do cangaceiro agiotá, do negro mais perverso do Brasil, multiplicando-o nos seus diversos ramos de negócios.

Teve o fim que mereceu aquele que, nas castings e no sertão de todo o Nordeste, passou como um furacão do mal que o vício soltasse, como uma tempestade de sangue que a morte desencadeasse para atentar o roubo, os incêndios, os defloramentos, os estupros, o crime, enfim, em todas as modalidades e nuances, numa terra de si já morta de pobrezza e lavada de lágrimas.

E, sarcasmo cruel do destino, um Antônio de Chiquinha qualquer, com cinco castiagueiros, três litros de coupage e um fato de bôde, abaten, de uma só vez, quatro temíveis bandoleiros do grupo de Lampião, fazendo o que mil e seiscentos soldados, espalhados pelas castings, não conseguiram fazer!

Façanha que não custou um tiro ao governo, pois, até os pertences dos criminosos lhe foram entregues.

Os autores do feito, que tiveram como recompensa o direito de andar armados e uma pequena quantia que, frente ao perigo porque passaram, carece de significação como estímulo ou como prêmio.

Regilmente aquinhoados foram os que deviam grandes quantias a Zé Baiano.

E, se merece crédito a vez do povo, era corrente nas conversas das ruas, a prece de desabafos e alívio que, eles encaminharam aos céus, nestas palavras pouco cristãs e muito cínicas:

— Deus o tenha por lá, por muitos anos sem nós, e cá na terra fique conosco o seu dinheiro. Amém!

A morte reia e desgastava o grupo de Lampião, com uma voracidade de fera fanguita.

Morto o negro Zé Baiano, donatário da capitania de Frei Paulo, coube a Zé Sereno continuar o governo de terror, iniciado pelo mais repulsivo cangaceiro do grupo de Lampião.

As cidades como os indivíduos, são, às vezes, castigados pelo destino.



ZÉ BAIÃO - A Pantera negra dos sertões.

Outra figura de relevo no bando que compõeia a caravana do crime do Capitão Virgulino Ferreira era, sem dúvida, o cangaceiro Mariano, velho bandido que veio de Pernambuco na sua primeira viagem a Sergipe, e com ele atravessando o São Francisco.

Falar das qualidades excepcionais de Mariano como cangaceiro, é cair no lugar comum. Só uma coisa o diferenciava dos seus pares. O bom humor.

Sempre que invadiam uma vila ou um povoado qualquer, lá estava ele misturado com os paisanos alegre e comunicativo, conversando com todos e rindo de tudo, como que alheio ao austero regulamento do cangaço.

Por ocasião da partilha das caatingas sergipanas, coube a Mariano o município de Porto da Folha, onde exerceu por algum tempo a profissão do rifle.

Mas, atormentava a certeza de que o tenente José Rufino tinha marcado, num livro negro o seu nome, para nunca se esquecer de eliminá-lo em qualquer encontro.

Essa certeza era o veneno que lhe devorava dia e noite, a paz do espírito e a segurança pessoal.

Já se haviam apresentados um ao outro pelo trocar mortífero dos tiroteios, em retribuições de morte.

Não se enganara Mariano ao ver na dorra da ameaça de Zé Rufino o fim, apenas, adiado da sua vida.

Um dia alguém abriu a pista do cangaceiro aos olhos implacáveis do bravo tenente pernambucano.

A notícia localizava-o no povoado Cangalicho, onde se fecharia para sempre, a história espantosa de um dos mais famosos sicários de Virgulino Ferreira.

O tenente José Rufino arranca do Ramo da Catarina, numa das batidas mais célebres de que se tem lembrança na campanha de repressão ao banditismo e, após cobrir centenas de quilômetros, ao longo do sertão baiano, chega às cidades de Pórtio da Folla e Gararu, no Estado de Sergipe.

É aí que se encontra com o árabe Abrahão Benjamim, cineasta amador, possuído da mania de filmar um combate real e autêntico, entre os volantes e o grupo de Lampião.

Não movia ao árabe o desejo louvável de realizar um documentário histórico, mas a ambição comercial de ganhar dinheiro com a exibição do filme nos cinemas de todas as cidades.

No seu linguajar estropiado e difícil, pede ao tenente José Rufino que lhe facilite a filmagem, admitindo-o na sua tropa.

A resposta do comandante da volante foi rispida e dura:

— Dentro de pouco tempo vou brigas com os cangaceiros mal, não sei o lugar e nem a hora e, para ser melhor entendido, nem o senhor e nem ninguém me acompanharia.

Volteou-lhe as costas, bruscamente, e, à frente dos seus homens, afrouxou no aberto das caatingas a procura do rastro dos bandidos na terra de ninguém.

Nos meandros da vereda a tropa move-se no passo silencioso dos felinos.

A noite acinhou-se devagar no seio da caatinga e pousou sobre a areia, ainda quente, dos despovosados.

O tenente José Rufino encurva em anel a sua tropa e cerca a casa do alamado coiteiro, Mané Véio.

O oficial sabia de cor e salteado, a história intira do perigoso delator, a cronica do coiteiro mais astuto e manhoso de Lampião.

Ninguém melhor do que ele possuía a arte da simulação no modo como guiava os volantes para os lugares e esconderijos de que o seu terrível patrão estava sempre ausente.

E o fazia com a simplicidade convincente de quem dizia a verdade, de quem conhecia o roteiro transitado pela horda de

malfeitos, cuja pista ele deslanchava na informação errada, na indicação, propositalmente, contrária, rumando para os pontos oportos áqueles em que se ocultavam os bandoleiros.

Os homens do tenente José Rufino vigiam, pacientemente, a casa do esperto Mané Véio.

Ninguém entra e ninguém sai.

Gritam pelo coiteiro e os seus gritos se calam na solidão pesada que envolve tudo.

Mané Véio estava ansioso despiçando mais uma vítima da sua manobra traíçoeira.

Levara o sargento da polícia sergipana, Odor Matias, para a fazenda Barriguda, local apontado por ele e em que Lampião estaria no descanso das suas longas jornadas.

José Rufino acampa num velho corral, sem perder dos olhos, a casa do coiteiro, já agora, ocupada por dois dos seus soldados.

Escuta os rumores que correem dentro da noite escura e misteriosa do sertão.

Escuta e espera.

Os galos cantavam quando Mané Véio volta à casa.

Preso e apreendido a José Rufino, este o interroga a seu modo.

“Não ameça, não amedronta e nem espanta.”

Conversa, argumenta, convence.

Mané Véio já o conhecia pelos pedaços de informações que os outros coiteiros lhe transmitiram.

Mentir era inútil e tentar enganá-lo era perder tempo.

Desfostaram-se, dentro daquele velho corral dois sertanejos formados na ciência dos subterfícios, na arte das negociações, no jogo psicológico dos truques entre a verdade e a mentira.

José Rufino base em cheio no que quer saber e o que diz ao coiteiro é mais uma afirmativa de que uma pergunta:

— Por que você guiou o sargento Odor Matias para a Barriguda, sabendo que os cangaceiros não estavam lá?

— Pra num só morto pra eles, seu tenente.

— E onde estão os bandidos?

— Tá no Cangalécho. O sítio que eu vó li butá la riba d'água.

Na resposta ao olervimento do coitinho é que se reflete e se revela a prudência do tenente Zé Rufino; o cuidado que ele tinha pela vida dos desgraçados, colocados entre as bolas dos cangaceiros se os delatassem e o fuzil da polícia se lhe mentissem.

— Não, Mané Véio, você não vai. Preciso de você vivo. Se os bandidos souberam que você fiz isso, eles o matarão. Basta que você me diga se existe casa aqui perto.

— Insisteinhô sim, a coisa dum quarto de léguas, voamô vai incontrá n'a. E pode preguntá qui o dono sabe adonde é o Cangalécho.

A manhã se retirava das caatingas quando José Rufino encobria-se com a sua tropa, na mataria falha de um chão eriçado de pedras miudas, empoeirado em curvas e aberto em rios vazios e rentes.

Seguir os rastros dos bandidos foi sempre uma tarefa árdua, um quebra-cabeça intrincado, pois, esses filhos do sertão conheciam todos os disfarces do terreno e todos os passes de mágica com que iludiam os menos avisados.

Marginavam caminhos andando sobre as pedras, sobre a face dura do chão, arrastando feixes de matos que lhes apagavam as pegadas.

Veredas, entradas, saídas, deviços, cruzamentos, rodeios, curvas, voltas, atalhos, todo um emaranhado de acidentes que eles gravavam na memória, mapas vivos desenhados pela experiência de todos os dias.

O sol estava naquelas alturas quando José Rufino dâ entrada na fazenda Cangalécho.

Era sôrno de um dos tanques, para espanho seu, a rastaria dos bandidos bate nos olhos de todos, às claras de mais, como feitas de propósito.

Mas só na terra que circundava o tanque, pois, além poucos metros, o chão estava limpo, sem o menor vestígio de pé humana na sua superfície.

Era tão absurdo o que os olhos de todos viam que deu lugar a que a ignorância do contratado "Capão", alvitrasse esta explicação ridícula:

— Sen tenente! num strâ qui os home tão dentro do tanque!  
Os rastros existentes ali, ficavam ali mesmo, nem saiam nem  
entrevam.

O tenente José Rufino, homem afeito a todas as surpresas  
nas coisas e nos acontecimentos do serfio, não atinou com uma  
explicação para aquilo.

Ele mesmo foi rastejar, procurando ler e adivinhar na página  
aquele pedaço de terra, o significado do que via sem poder com-  
preender.

Mandou que dois dos seus homens ficassem de sentinelas nas  
duas entradas dos caminhos, que se dirigiam para o tanque.

Um sol de asfixia parava no meio do céu, quando o rasteja-  
dor Gervásio indica à tropa os sinais da pista por ele desrebrada.

Ao mesmo tempo, dois contratados trazem para o tenente  
um menino de doze anos, conduzindo entre as mãos um embu-  
lho enrolado num lenço vermelho, cheirando a perfume de feira.

O conteúdo do embulho: um quilo de café moído.

Os bandidos estavam perto e ninguém devidava mais que,  
um pouco tempo, haveria tiroteio.

Interrogado o garoto, nada se pode saber diante da barrei-  
ra do seu silêncio obstinado.

Nem ameaças, nem promessas, nem insinuações, nem presen-  
ças, nada conseguiram romper a tímocia daquela criança fechada  
numa resistência de espantar.

José Rufino recorre à medida extrema, advertindo, ameaça-  
do, ao menino:

— Já que você não quer dizer onde estão os bandidos, vai ser  
sangrado.

E voltando-se para o contratado "Capão", ordena seca e fin-  
gidaamente, enfurcado:

— Sangre este cõrninho na guela.

A lâmina do punhal de Capão escorrega da bainha, suja de  
nodoas de ferrugem, mortal como uma serpente, já mordendo a  
carne feria da garganta da criança para, numa pausa cheia de ex-  
pectativa.

"Capão" grita, rouco de raiva:

— Diga donde são os bandidos seu pertinho, ou eu li arranco a muela pelas costas.

O garoto parece talhado no miolo da arreia ou da baradina, rijo, impenetrável, rebelde.

Era bem um símbolo do meio saturado de descrença, indiferente ao medo, fatalista e resignado.

Mudo, inacessível diante das investidas selvagens do contratado "Capão", para tudo e para todos só oferecia uma resposta:

— Num sei de nada, quê matá, mate.

Devia existir um motivo poderoso para a atitude corajosa daquela criança.

E havia.

No canto em que se refugiavam os bandidos estava também o coiteiro João do Pão, pai do garoto.

Conmove a resistência desse pirralho e a gente sente vontade de tê-lo apertado ao peito para beijá-lo pela coragem do seu gesto.

O tenente José Rufino, sertanejo para quem a alma de sua gente é clara e aberta como o sol que incendeia a terra bravia, sabe que aquele rebento novo de uma raça de martires, resume no seu comportamento toda a história amarga da região oprimida, da parte agreste do nordeste, onde a vida é uma adivinhação sem esperança de ser explicada.

Desiludido de que do mesmo diaquele menino não lograria nenhum indício revelador do coito dos criminosos, José Rufino segue o caçador que há pouco, descobriu a pista dos perseguidos.

De súbito, José Rufino sente nas costas a pausada de uma pernusa pedra, certeiramente, jogada pelo contratado Génésio.

Olha para trás, por sobre o ombro e recebe em gestos o sinal do seu comandado, apontando para o lado esquerdo.

A sua vista, surgiram, armadas, grotescamente, as barracas dos bandidos, todos absorvidos no jugo, seu vício e passatempo nas horas de folga; passadas na segurança dos coitos.

O que se seguiu foi instantâneo e vertiginoso.

A sentinelha dos cangaceiros também descobriu o volante e naquela dobrã da caatinga teve lugar um dos mais terríveis tiros.

etros, entre os dezenove encontros mortais que o lençote José Rufino contava, na sua marcha contra o crime.

Hora e meia de balas e fumaria povoaram de morte e pavor aquele recanto da fazenda Cangalécho.

E desenrando o silvo sinistro das balas que rasgavam as árvore e as carnes humanas, ecoava o palavrado sujo dos sitiados, em insultos e deboches como esse:

— Macaco! manda seu mãe pra cí, pra tirá raça de home valente.

Há dois fins premeditados nas descompusturas dos bandidos: irritar o inimigo até ele praticar numa imprudência e localizá-lo na confusão do tiroteio para alvejá-lo com segurança.

A luta declina. Tiros esparsos. Correria de fuga. Começo de derrota.

Dos bandidos se destacam dos outros e juntos tentam salvar um companheiro ferido, quase agonizante. Mas a voz de José Rufino, feroz e ameaçadora, os detém:

— Não corra cabra covarde, arreie o home e venha brigá.

No terreno da refrega o cheiro de pólvora e sangue se mistura com o esterco dos feridos.

De pé, olhando um cangaceiro caído, rosto dentro da terra, emborcado. José Rufino vira-o para identificá-lo, arranca-lhe o lenço do pescoço e um belo par de bornais que se cruzavam no seu peito possante.

Vivo ainda, olhos baços, pastores, vagos, o bandido respira à força.

José Rufino grita-lhe:

— Diga seu nome bandido.

O ferido arquejando as sílabas, solta-lhe no rosto esta palavra que é mais um desafio do que uma prova de coragem diante da morte:

— Mate!

Um pressentimento, uma coisa dizia a José Rufino que aquele homem era Mariano. E recordando-se do juramento que lhe fez em uma das pernas, no último tiroteio, rasga-lhe o calote acima do joelho e, lá está viva e avermelhada, a cicatriz denunciadora.

Nesse momento o comandante da volante, no exame para conhecer o assassino baleado, se esquece de tudo o que o cerca. E não desejando perder a grande oportunidade de matá-lo, o cangaceiro "Deus Te Gui", agachado atrás do tronco de uma velha umburana, procura fulminá-lo.

Um grito de advertência do contratado "Bem.Te.Vi" o salva, milagrosamente, da pontaria traíçoeira.

José Rufino salta, como um raio, para o socais de "Deus Te Gui" e o criminoso apavorado mergulha na caatinga, em saltos e quedas, impulsionado por esse poder estranho que o instinto de conservação dá ao homem, nos momentos extremos da vida.

A tropa, no desenrolar do tiroteio, estende-se numa cinta apertada em derredor do coitô.

Soldados e contratados, no auge da refrega tomam posições diversas no bloqueio maciço que envolve o grupo de Mariano.

O açoito do comandante os reúne, para uma tomada de contas, no fim do combate.

A volante estava intacta.

Só o garoto fugiu no tumulto da bata.

No acampamento dos facinoras, ninguém mais para brigar.

Apenas os mortos e os que caíram baleados.

Aproximando-se novamente de Mariano, José Rufino chama "Bem.Te.Vi" e, mostrando-o ao seu inferior, explica-lhe:

— Esse é o assassino do seu pai. Você pode saciar a sua vingança. Ele ainda está vivo.

"Bem.Te.Vi", como um lenço, saca do punhal escanchar-se no quase cadáver de Mariano e a sua mão sobe e desce em golpes brutais.

Apanhala com tanta fúria o corpo do bandoleiro, que se ouve aquele rangir estridente e áspero da ponta da arma branca atra- vessando as carnes e os nervos da vítima, furando e mordendo a terra seca.

Jamais um homem matou com tanta alegria, com tanta volúpia, com tanto sadismo.

Era a vingança do filho estraçalhando o corpo daquele que abatera, friamente, o autor da sua vida.

Era a lei, a terrível e inflexível lei das caatingas.

Passadas adiante dessa cena arrepiante, o cangaceiro "Devoção" agonizava atrás de uma touceira de gravatá.

José Rufino quer saber o seu nome e repete a pergunta monótona:

Diga o seu nome, cabra.

E ouve a mesma e trágica resposta.

— Mate!

Desse, o comandante da volante satisfez o pedido é um tiro na garganta pôe termo a vida de mais um parceiro de Lampião.

Fóra do coitô nada mais a examinar.

Dirigem-se agora para o centro do esconderijo onde se ocultavam os criminosos.

Um dos soldados informa ao seu comandante, apostando para dois cadáveres:

— São dois bandidos mortos, seu tenente.

— Dois bandidos sim, um bandido e um homem, retrucou José Rufino.

O homem a quem o tenente se referia era o conhecido João do Pão, coiteiro que tombara para sempre na maloca dos malfitores, e que ele tão bem ocultava das volantes.

O facho que lhe caia da cintura foi manejado na degola dos três profissionais do cangaço, cujas cabeças foram conduzidas pelos soldados, como troféus da vitória, no combate do Cangalécho.

Levando dependuradas pelos cabelos as cabeças de "Pavão" + "Devoção", a volante volta ao local onde deixaram Mariano.

O que vê, estarrece e assombra.

O cangaceiro a quem o punhal vingativo de "Bem-Te-Vi" e as balas de José Rufino haviam prestado como morto, vivia ainda e num esforço que se poderia chamar o milagre do desespero, ensaiava levantar-se.

Os dedos enormes e crispados tentam afastar dos olhos encardidos a pasta dos cabelos empapados de sangue, a cabeleira escorrendo uma espécie de mingau feito de suor e sangue.

Ele todo era uma sangria, um corpo todo aberto em talhos profundos de punhal, de pedaços de aço incandescentes que as descargas da polícia despejaram sobre ele.

Uma visão para não se esquecer.

"Bem-Te-Vi" no ver Mariano vivo contra todas as probabilidades do possível, face ao número absurdo de punhaladas que ele sofreu das suas próprias mãos e dos balões recebidos, desembainha a Colt e encostando-a nos peitos do assassino de seu pai, prepara-se para o tiro de misericórdia.

Corta o ar a advertência de José Reilho:

— Tenha cuidado com a cabeça que eu preciso dela.

Nove detonações ensordecedoras, à queima roupa, perjuraram o corpo já todo esburacado de Mariano e a resistência física do bandido para na imobilidade da morte.

Cangalécho é mais uma quimadura, de morte nas carnes dos bandidos criminosos e, doloroso é disto, mais uma página de selvageria e barbaridade escrita no chão ingrato das caatingas.

Desbaratado o grupo de Mariano, os que sobraram da chacina do Cangalécho: "Deus Te Gui", "Santa Cruz", "Criança", "Diferente" e Rosinha, amácia do chefe eliminado, passam pela fazenda "Garrote", abatidos, famintos, desmoralizados.

Rosinha, de rosto triste e cabelos soltos, tem nos olhos rugas de sofrimento.

"Deus Te Gui" a convida com os seus carinhos e não tarda a se declarar como candidato ao coração da amante do seu ex-chefe.

Ela o ouve, taciturnamente, e, indiferente, consente que o Don Juan do cangaço, perfume a sua cabeça e a ajude a conduzir os seus pertences de bandoleira.

Rosinha não desprezou os agrados de "Deus Te Gui" porque Iudindo-o pedia, mais distorcadamente, se oferecer ao bandoleiro "Criança", nos olhares famintos com que o devorava, com que o convidava para o amor na areia fóta das caatingas.

Três meses mais tarde, numa barraca feita de costro de bôda, por nós encontrada na raiz da serra dos carneiros, um caatingueiro nos dava conta de que ali se passara:

— Aqui, disse ele, v'a bandida chamada Rosinha pariu u'a menina feme. Ela morreu de parto, mas porém a menina ficô viva, vi dizê qui essa menina "ela" déro no Pade de Pão de Açúca.

Lampião, visto de corpo inteiro como pessoa humana e observado como homem, — fora do expediente do crime, — na intimidade dos seus, era um sertanejo como outro qualquer, moderado no comer, no beber, quase abstinêncio, laconico. Sabia ser compreendido e respeitado pelo grupo.

Todos lhe eram devotados mais pelo temor que pelo coração.

Tratava os cangaceiros com ares paternais e condescendências superiores. Daí a expressão: "Os meus meninos", com que os tratava no convívio com estranhos.

Sempre que tinha raiva, xingava-os chamando de raça miserável, raça infame e mal agradecida, chegando até a surriá-los com as suas próprias cartucheiras.

Comumente não conhecia as carícias que antecedem as grandes cimozões sexuais.

Era afetivo ao seu modo.

No dia que soube que ia ser pai, sentiu-se orgulhoso de si mesmo. A prova disso é que, procurou o Coronel João Marin da Serra Negra e pediu-lhe que indicasse uma pessoa de confiança para tomar conta do menino, responsabilizando-se pelas despesas.

Severo Mamede, da fazenda "Ixixé", foi a pessoa indicada para criar sua filha Expedição.

Naquele coração embrutecido o amor de pai rebentou como na superfície das pedras, às vezes, rebentam as fibras.

Pelo que se depreende não tinha o célebre cangaceiro nenhum plano a realizar, nem mesmo o de ficar rico e viver sossegado em qualquer parte do país ou fora dêle.

Não o animava nenhuma ambição, nenhum ideal de terminar os seus dias na paz dos que arrapadidos procuram se regenerar.

O que nos leva a este raciocínio são as declarações de José Felipe, pai de Maria Bonita, quando o aconselha:

— Home, corte esses cabelos, tire esse óco, jogue o diabo dessas cartucheras pro inferno e mande fazê três ou quato liorme de gasimira, da boa, e abra no bco do mundo. Gia rapaz! O mundo é mole e nôis somo duro, a gente fura de meio a meio.

Lampião olha o fuzil, olha as cartucheiras, pensa um instante e a resposta é uma negativa:

— Quá nada Zé, já tô vlo nessa vida, pra onde é qui eu vó houer?!

Alguém há de pensar que o bando era um todo indivisível na solidariedade das grandes renúncias. Um engano. De vez em vez, surgiam sérios atritos, não só dos cabras uma com os outros, como ainda com o próprio Lampião.

E a prova era que juntos defendiam-se como leões, mas separados, quando se acabavam sob as balas das volantes, cada grupo que se defendesse; jamais um grupo corria em socorro do outro.

Há fatos que deixam a descoberto, desentendimentos constantes passados entre eles.

São passagens da vida intima dos cangaceiros que não são história, mas valem que a história as registre.

Quando por ocasião da seca de 1935, descia Lampião do alto cerrado da Bahia, com 17 cabras.

A canícula era implacável, a caatinga tinha cheiro de fogo, a suíça de celerados vinha sendo castigada pela fome e pela sede.

Lampião que dificilmente se queixava da sorte, praguejava, enurecido, pedindo a Deus que acabasse, que destruisse, de uma vez o cerrado com uma seca que não tivesse fim.

Nas aproximações de Curacá, pararam numa fazenda, onde se aboletaram para um descanso dos sofrimentos que os atormentavam.

A água carregava-se de muito longe, a cachaça difícil. Porém a carne de bôde era abundante.

Frente a casa da fazenda, à sombra de um grande juazeiro, comiam, bebiam, jogavam e até dansavam!

No alpendre da casa, uma fila de potes cheios d'água.



No alpendre da casa na Fazenda Malhada da Caçara, onde nasceu Maria Bonita, sentados em um velho banco de umburana, José de Filipe insiste em contar ao escritor as peripécias de sua viagem a Juazeiro de Padre Cícero.

Para evitá-la poeira o próprio Lampião teve o cuidado de litar-lhes as bocas com lençóis. Precaução inútil porque toda vez que um cangaceiro vinha matar a sôde deixavam o pote descober-to e o lenço no chão.

Aquilo bastou para que Lampião se irritasse, ralhando aparentemente com os "seus meninos" clamando-as de raça miserável e mal agradecida.

E, virando-se para Angelo Roque, que no momento cochilava no colo da bandoleira Mariquinhas advertiu-o em tom grosseiro:

— E essa pescaria qui tá fazendo ai qui num tá veno isso!  
Em seguida retirou-se resmungando.

Angele não respondeu. Mas fez pior: levantou-se e com o colco do mosquetão, quebrou os potes, um a um e, como se nada tivesse feito, voltou à comoda posição em que se encontrava no colo quente de Mariquinhas.

O primeiro a vir tomar água foi Zé Baiano. Ao ver os potes em pedaços, indaga:

— Quem quebrou esses potes?  
— Fui eu! prequel pregunta?

Foi a resposta desafiadora de Angelo Roque.

Zé Baiano volta e conta o fato ao chefe. Este sem acreditar no que ouvia, dirige-se ao local onde Angelo, de pé, o esperava.

Frente a frente, calados, como que medindo e pensando a coragem um do outro, se olham num silêncio de desgraça. Lampião quebra o suspense com a pergunta inevitável:

— Quem quebrou esses potes?

Angele Roque nem se alterar, responde:

— Foi eu!

Lampião acreditava na coragem de Angelo Roque, mas relutava em acreditar que chegasse a tanto e, como que querendo certificar-se da verdade, parte para ele como uma fera, indo encarriado pronto para o revide.

— Você num me arrepinta não cabra? Grita Lampião.

— O tanto qui você me arrepinta!

Respondeu Angelo Roque. E ato contínuo, joga-lhe no rosto estas palavras:

— Você é besta. Você nun tá vendo qui en cum é esse mosquiteiro com cinco bala dentro, num tenho medo de nenhum home do mundo! O você tá pensando qui eu só éses cabras de péia qui você dá de cartuchera na cara.

Aos armas de ambos levantam-se como impulsivadas pela morte, mas os demais bandidos intervieram a tempo e evitaram o desastre lembrando-lhes o que eles, cegos de ódio, haviam esquecido:

— A gente já vêve tudo desgraçado, pricipiado pelos macacos e dois homens como vocês, mode u'a bestiera, querem se acabá pra dâ gosto a eles? Vão tê juizo!

Aliás éste chavão tornou-se um estríbilo usado pela quadrilha para por fim aos incidentes que se repetiam a cada dia.



Otro atrito terrível. De uma feita, ao atacarem uma fazenda, só encontraram a empregada da casa com uma criança ao ôcio.

Feita a rapinagem, tudo corria mais ou menos bem para a pobre empregada, não fosse a tâta de Zé Baiano que, como uma fôrça inconsciente o atirava para o abuso do estalo.

Para possuir a iniézia mocinha o monstro insaciável, alegou que la pegaria para que ela indicasse o esconderijo onde estaria o dinheiro do senhor da fazenda.

As suas mãos imundas agarraram a desamparada rapariga tentando arrastá-la para debaixo das mesmas quicabeiras que licavam nos fundos da casa.

A criança havia sido atirada ao chão, enquanto a apavorada jovem lutava para desgarrar-se dos tentáculos do negro doloridor.

A fôrça do desespero às vezes faz milagres. A mocinha consegne soltar-se das garras de Zé Baiano e vai segurar-se as carucheras do bandido mais próximo e, entre lágrimas grita alucinadamente:

— Meu senhor! Me salve pelo amor de Deus!

O bandido mais próximo não era outro senão Angelo Roque.

Zé Baiano, arrogante e atrevido tenta tomá-la, porém é adver-

tido por Angelo, com meia dúzia de palavras que só os homens sem nenhum amor à vida, têm coragem de pronunciá-las:

— Négo! Você num tá vendo qui a moça tá mais um home! Se você de um passo daí pra frente, vó le inciná você arrespeitá home qui você ainda nun sabe.

Os cangaceiros que até então, encontravam-se indiferentes a cena, agora corriam ao local, inclusive Lampião quem, pôr término a contenda usando o mesmo chavão:

— A gente já vêve tudo desgraçado e vocês...

Ajoelhada nos pés de Angelo Roque a inocente cabocla fez uma tão fervorosa prece que comoveu aqueles almas enferrujadas pelo crime.

Quem é providencialista e crê na interferência de Deus nos atos humanos, é levado a se curvar diante desta verdade: Deus salvou a virgindade de uma simples camponesa e a vida de dois bandidos que se enfrentaram movidos por sentimentos opostos.

—o—

A quadrilha viajava de Caratuva para o Brejo do Burgo, mais uma vez no Estado da Bahia. Como sempre, muita coragem, muita animação, algumas perseguições e nada de comida nem bebida.

Antes de entrar no Raso da Catarina, chegaram a uma fazenda, por sinal de uma família que Lampião havia escorraçado de Pernambuco. Dita família ainda era aparentada de Angelo Roque.

Lampião nunca suspeitou que se tratasse da mesma gente por ele perseguida.

Antes de chegar a casa da fazenda, Angelo Roque, conhecido como conselheiro do grupo, chama atenção de Lampião, dizendo:

— Tá vendo! Se você num tivesse feito do que les cumprêles in Pernambuco, agora nolis fa era passá bem, mais... In todo caso, espere ai qui eu vó inti lá.

E dirigiu-se até o terreiro, onde foi encontrar no alpendre da casa, a sua velha amiga e parente Adélia que ao vê-lo trajado de cangaceiro, exclamou:

— Minha Nossa Senhora! Apois num é Anjo! Home largue essa vida, vó tomá juizo! Isso é lá vida de gente!

— Deixe seus conselhos para depois Adelia, vó arrumá u's cunhadinha pra gente qui tá tudo se acabano di fome.

— Tenha paciencia home, pere ai qui vó chamaí meu marido pra matá u'a criacho pra dá dicumé a vomicais toco. Mande o ôto chegaí pra cá.

Instantes depois um caboclo mal encarado apertava as mãos de todos e oferecia os seus pratinhos.

Em frações de minutos um carneiro era esfolado.

E enquanto isso, Maria Bonita e Nenen, amante de Luiz Pedro, torravam milho e os cangaceiros se divertiam comendo pipas.

Depois de uma "exeramuçada" refeição, o bormal de cada um foi cheio de farofa com carne frita.

Durante todo tempo que estiveram na fazenda, Lampião emparedou-se num silêncio de pedra nem siquez se despediu ao retirar-se.

Era perto de meio dia quando após algumas horas de uma jornada estendida, pararam à sombra de uns umbuzeiros, para um ligeiro descanso e comerem alguma coisa.

Acontece, que, nessa ocasião acompanham o grupo dois cachorros: um chamado "Zé Rufino" e o outro "Mané Henrique".

"Zé Rufino" era o de Maria Bonita, "Mané Henrique" o de Nenen.

Não haviam terminado a refeição e os cachorros se desentenderam na disputa de um ossô, entrando numa luta terrível.

A briga chegava ao auge quando Maria Bonita tenta apartá-los, porém, de balde. "Mané Henrique" havia feito presa na garganta de "Zé Rufino" estendo quase a hidralios.

Os bandidós assistiam o rasga-rasga dos dois cães sem nenhum entusiasmo. Só as mulheres torciam.

Esgotados todos os esforços para separar os animais que continuavam grudados com grande desvantagem para "Zé Rufino", Maria, fisa de raiva, volta-se para Lampião e grita:

E você! Sen fida peste! Num tá veno isso: nind!

Lampião leva a mão ao quarto e saca o parabellum, mas vai encontrar pela frente aquilo que ele nunca esperou.

De olhar feroz, mosquettão com bala na agulha, dedo no gatilho, pronto para matar ou morrer, Luiz Pedro, o homem de sua confiança, o seu secretário, o seu compadre e amigo, por causa de uma briga de cachorro, o avisou com a vontade de matar esclarecendo-lhe o semblante transformado:

— Cumpade, se atirá no cachorro, morre, só li considerei isto hoje. Já perdi meu pai, minha mãe, nem tenho mais nem filo. Só um arubá. Mais é o que tó li dizer. Se atirá no cachorro morre.

Lampião sabia de quanto era capaz Luiz Pedro!

Por isso des por fido o incidente valendo-se das palavras que Angelo Roque não se cansava de repetir.

— Cachorro é gruié no grupo só dá é isso!

Na primeira faxenda os cachorros foram dados, de presente a um vaqueiro.

Neném não gostou de haver ficado sem o seu "Mané Henriquinho" reclamando a sua falta a todas as horas.

A partir daquela data, os cangaceiros passaram a chamar o sargento Manoel Henrique, apenas de "Mané Cachorro".

—0—

Já que nos propuzemos a contar alguns fatos da vida íntima do cangaço, aqui vai mais um que julgamos merecer ser narrado.

Mais de uma vez dissemos que o jogo na vida nômade dos bandoleiros constituiu um divertimento. O baralho era imprescindível no coito. Divertia e viciava. Lampião era um viciado na "orelha da sota".

Numa dessas jogadas, de uma só assentada chegou a perder catorze contos de réis.

Destinguir-se como sendo o mais azarento de todos do grupo. O próprio Lampião sabia disso.

Entretanto quando não estava "ferrado" no 21 "inválido", ou no 31 "cercado", jogava o "sete-meio" ou o "três-sete para matar o tempo e o vício.

Foi justamente, numa partida de "três-sete" que se deu o fato.

Luiz Pedro jogava de parceria com Maria Bonita e Lampião com Neném.

O capitão não ganhava uma só partida!

Um dos cabras que estava "apiruano" o jogo, começou a soluçadas. De quando em quando, dizia:

O azú quando dá in gente e piô de que in bicho.

Se Lampião se queixava da sorte dizendo que até jogando a "mata" era pesado, o cabra saiu-se com esse díchote, agora em sua de conselho:

— O remédio de quem anda pesado é chá de curtiça.

Foi o bastante para a medida transbordar. Lampião que já havia perdendo no jogo, perdeu também a paciência e agarrando abra pelas guecas, botou-o no chão.

A ponta do seu punhal já começava embainhar-se na garganta "perú", quando Maria o salvou lutando fisicamente com o próprio Lampião em defesa do miserável que aquelas horas, já ia a defundo.

Muito contra vontade de Luiz Pedro, o cabra continuou no po. Luiz Pedro era de opinião que não se devia acompanhar um cabra desmoralizado.

—0—

Na Malhada da Caçara, onde nasceu Maria de Déa e onde vemos há bem pouco tempo, Lampião mandara um portador inta Brigida, comprar alguns litros de cachaça.

Acontece, que o portador só encontrou dois litros, cachaça tivamente pouca para a cabroeira que era de 23 caugaceiros. Lampião, como de costume, passou a distribuir o "precioso" ido com todos.

Um dos cabras recusou-se a aceitar a pequena dose que lhe dava, dizendo que não gostava de cachaça poca.

— Tome a cachaça repás! Você non tá vendo, qué si eu li dé ita, num vai dâ pra todos.

— Já li diche qui non gosto de cachaça poca, — respondeu o u de cara enferruscada.

— Tome a cachaça home! Insistiu Lampião ainda calmo.

— Num ateime qui eu non quero.

— Apois agora você vai bebê essa cachaça toda.

Em frações de segundos o cabra estava no chão e ele a meter. Ihe o litro pela boca. Não fosse a proteção de Maria Bonita. Lam-pião o teria morto afogando-lhe na cachaça que corria pela gar-ganta, entupida pelo gargalo do litro.

Foi com êste e outros gestos que Maria Bonita conquistou a amizade e o respeito da cabroeira.

Se fossemos descrever todos os fatos que ônibus temos conhe-cimento, não só de ciência própria, como através de pessoas como o próprio José de Felipe, pai de Maria Bonita e seu irmão José de Dá, com quem convivemos mais de um ano, muito teríamos ainda que escrever sobre a vida particular do cangaceiro.

Nesta narrativa de caráter irrefutável, cortada pela violência dos choques emocionais, vivida entre o medo de morrer e a necessidade de matar, a figura discutida de Maria Bonita, cai sob as vistas do leitor, como um problema moral a ser estudado.

Personagem exagerada pela fantasia popular elevada às alturas de uma beleza que não possuia, dentro da auréola de um romantismo falso que a ausência de dotes físicos tanto a distância da lenda amorosa que seu interesse por Lampião criou e difundiu, Maria Bonita, sob o refletor de uma crítica séria, desaparecida, perde o lugar a que subiu na imaginação do povo simples.

Na crédula e coonovida inventoñice da ignorância o seu nome iluminou-se de simpatia e entusiasmo.

Um mito que não perdura, porque tem raízes longas na superstição ou nas mentiras ingênuas de que a credulice popular constrói os seus ídolos.

Desde o gesto muito feminino de Maria Bonita correndo para junto de Lampião, oferecendo-se para ser sua amante, desde esse instante, o povo não viu nela a mulher que adulterava, mas a heroina de um romance amoroso que se existiu, existiu depois da posse e não antes da conquista.

Mas a história, que é inflexível, destrona essa heroína improvada, colocando-a no lugar comum das mulheres comuns a quem a insensatez e o adultério mudaram o destino.

Começa o amontoado de inverdades com a inventoñice de que José de Nenen, marido de Maria de Díaz, era cangaceiro.

Afirmativa sem nenhuma tintura de veracidade.

Quando, em companhia do sargento Manoel Rosendo, estive em Santa Brígida, encontrei-o na sua tendinha de sapateiro, recomendando calçados para ganhar o pão.

Fizemos-lhe algumas encomendas e o seu modo de nos receber, franco e simples, era o de um homem vencido pela penúria do meio, agarrado à sua humilde e honesta profissão.

E, no seu lado uma cabocla apagada, rosto de linhas insegras, olhar vago e fugidio, corpo sótio no desalinho e no meu gosto de um vestido barato, de chita ordinária, marcado de cores berrantes, costurado à moda de como costuram as mulheres de fins de rua das cidades pequenas. Pés grandes, esparramados dentro de duas sandálias grosseiras, e rosto comprido, moles, desbotadas; mãos de unhas sujas, mãos pequenas, descuidadas; duas argolas velhas de ouro duvidoso caíam-lhe das orelhas; cabelos de um castanho fosco, penteados em um volumoso côcô, bem aprumado, um pouco acima da nuca; pesinho curto, queixo atrevido, boca carnuda escondendo desejos; lábios corados como uma fruta entreaberta, pedindo carícias; seios bambos, caídos; quadris batidos; pernas fortes, semelhante sem a beleza de um sorriso meigo, quasi duro na sua expressão. Mulher só para ser desejada pela sensualidade pacata do remendão de Santa Brígida ou pelo amor distorcido e violento de Lampião.

De mulheres vulgares como Maria de Dêa, está cheio este sertãozão de meu Deus.

O que a fêz trocar-se de Maria de Dêa em Maria Bonita, não foram e nem poderiam ser os seus encantos. Foi, sim, a sua coragem de ser concubina de Lampião, a sua audácia de dominar, com negaças e manhas, o arrojo de oferecer o seu corpo proibido aos carinhos do Rei do Cangaço.

Jogou uma partida arriscada e venceu amolentando a aridez de um temperamento encardido pelo crime e conquistando a fama de ser amante do maior criminoso do nordeste.

Para Maria de Dêa era a felicidade que vinha do coração cruel de um monstro para o seu coração vazio de sertaneja inexperiente.

E foi assim que cresceu e ficou famosa a modesta aventureira de Santa Brígida.

Para melhor retratá-la, sem retosques, na visão de sua alma me-  
tiga, sem a moldura dourada pelos recursos fáceis da fantasia, con-  
vém vê-la no enredo banal da sua separação do marido.

O lar do sapateiro de Santa Brígida não guardava na sua inti-  
midade a paz que solda as almas semelhantes e unidas por um  
âlito compreensivo.

O casal amargurava-se em rixas diárias motivadas pelo ciúme  
e pela desconfiança que angustiavam o espírito do esposo de Maria  
de Déa.

O temperamento de sua mulher sequiosa de novidades, famin-  
ho de emoções violentas não se acoldava à rotina doméstica num  
lugar como Santa Brígida. E da brigas resultavam repetidas se-  
parações, com as fugas de Maria para a Malhada da Caçara, pe-  
quena fazenda onde residiam seus pais.

Só na secura deserta da sua casa, José de Neném sorria os dias  
mais pesados da sua solidão. A saudade, a falta da companheira  
doiam-lhe na alma como se fossem pushuladas.

Incapaz de lutar contra a ausência que lhe roia o corpo e o  
espírito, adava seu velho cavalo e se botava para Malhada da Ca-  
cara, atrás de seu amor.

Sabia que os seus sogros o ajudariam na tarefa da volta da  
mulher que era sua.

Voltava com Maria na anca do seu cavalo para, momentanea-  
mente, felizes recomporem a vida.

Poi numa dessas viagens que José perdeu Maria e quase se  
perdia também.

Dois meses correram sobre a casinha abandonada do sap-  
ateiro, sem a presença de Maria, sem a alegria de Maria, sem o  
cabôr de Maria.

A saudade maltratava o remendão no seu trabalho, ajudava-o  
a sofrer mais, a sentir mais a tristeza de um amor que não vem  
e a amargura da fricção que se esqueceu de voltar.

Como das outras vezes, José selou o seu cavalo e correu para  
Malhada da Caçara.

Era a corrida da saudade a procura do seu amor, em busca  
da alegria que foi embora com Maria de Déa.

Na casinha da fazenda dos sogros o destino esperava-o para serijo, o sofrimento o aguardava para castigo.

Ao longe, no fundo da casa, sob a copa verde dos umbuzeiros, o cangaço estava em recreio, o grupo de Lampião tomava banho de sombra, debaixo dos ramos protetores das árvores verdes e copadas.

Um murmúrio de vozes vem vindas aos seus ouvidos, um rumor de risos, em surdina, enche o ambiente.

Com o coração aos pelos, José Neném abeirou-se dos umbuzeiros e, de repente, dois cabras saltam-lhe à frente, boca de iure apontadas ao peito, ameaçadoras. Indaga um delas:

— O qui é qui vncê veiu vê aqui?

O marido de Maria de Dêa perdeu a fala, sentiu o chão pegando-lhe os pés, o sangue lhe estancou nas veias como se a vida fosse parar.

Os dois fuzis, em mãos seguras, cobriram o peito do pobre homem, amedrounado, morto em pé.

Como por um milagre conseguiu balbuciar:

— Quero vê minha enlè, sou o marido de Maria de Dêa.

— Ah! você é qui é o marido de dona Maria? pére ai qui você vai vê já u'a coisa. Vamo intê aqui.

E nos empurões levaram José até aos umbuzeiros.

Lá estavam: Lampião, dona Dêa, Maria e o grosso da chocoira.

A presença do genro de dona Dêa não logrou em perturbar o ambiente, mas todos os olhos vertrumaram a figura amarrada de José.

Maria, com o gesto de desdém nos lábios, aponta-o a Lampião, dizendo:

— Esse é o tâ de men marido.

O desfecho da cena é rápido.

Lampião manda que o sangrento ali mesmo.

Dona Dêa ajoelha-se aos pés do capitão e pede-lhe a vida do genro, lembrando-lhe que José em nada é culpado.

O capitão atende a súplica de sua velha amiga, distancia-se, com dois dos seus cabras, e, em cochicho, lhes dá uma ordem: manda que o levem de volta.

josé não ouviu a ordem.

O infeliz sapateiro sentiu-se como sustentado. Para ele, ele mesmo já não existia.

Aos solavancos, fuzis apontados às costas, conduzem-no para o desconhecido, para o fim!

Esmagado pelo medo, humilhado e quase certo de que não sairia vivo das garras dos bandidos, ao sair, procura ainda no rosto da espessa adúltera a esperança de um gesto amigo.

Mas, Maria de Déa, endurecida, enluvada numa atitude de móbida indiferença, tem no rosto fechado a tranquilidade de quem não o conhece, tem, apenas, o mensaprezo que teria pela sorte de um estranho.

Dura como a estátua da maldade esculpida na rocha bruta, perde qualquer vestígio humano no seu comportamento.

Os dois cangaceiros chegam com José Neném à sua moenda.

Vai nascendo no sapateiro a expectativa de não ser fuzilado.

Atira-se em cima da sela e, desesperadamente, começa a lutar o cavalo para a desabalada correira da volta.

O animal arranca, mas estanca, de sopetão, amarrado pelo calceito que o prendia no pé direito do alpendre da casinha da fazenda.

Na pressa de correr José de Neném se esqueceu de desatá-lo, de soltá-lo para a liberdade da partida.

Uma gargalhada imensa enche a Malhada da Caçara. Riem os dois cangaceiros. Riem todos os cabras do grupo. Ri Maria de Déa.

Só Lampião não ri! No seu rosto de pedra os seus lábios não se movem. Poucas vezes sentiu o gosto do riso, o sabor da gargalhada que vem das almas boas e dos corações tranquilos.

Um dos bandidos solta o cavalo e com a voz mais tróxica de que ameaçadora, faz a José de Neném a seguinte recomendação:

-- Agora, seu corno, quando você chega in Santa Brígida, vi batê cum a língua nos dentes, jóvia? qui é pro capitão mandá li arrancá a foçara pulas costas.

O desgraçado sapateiro afundou-se na estrada, devorando a distância que o separava de Santa Brígida.

Como de costume, o cavalo levava o seu dono, mas nas suas ancas faltava o peso bom e macio do corpo de Maria de Dêa.

O infeliz sapateiro não sentia na cintura o aperto dos braços do seu amor, a galopar na garupa de seu cavalo.

Volta só, José de Nenem! Só não. Volta com o desespero no coração, e os ouvidos cheios de humilhações.

José de Nenem corria para Santa Brígida com a sua infelicidade, Maria de Dêa para onde corria com a sua traição?

Quando trocou o cordão da sua saia de chita pela cartucheira do parabellum, as sandálias macias pelas alpercatas "ferradas", as contas do seu rosário pelas fileiras de bolas das cartucheiras, o vestido estampado pelo mesclo azul do cangaço para onde corria Maria de Dêa?

Quando desceu do coração de um homem simples e boni para entrar no amor primitivo com cheiro de sangue; quando trocou a paz de Santa Brígida pelos espíritos das caatingas; quando deixou as cantigas bonitas e meigas no balanço da rede em seu casinha feliz pelos cantos rudes nos sambas empoeirados dos bandidões; quando mudou o nome de Maria de Dêa, porque ia ser a amante do assassino cruel, para onde corria Maria Bonita?

José de Nenem corria para um lar destroçado e Maria Bonita corria para deixar sua cabeça exposta no Instituto Nina Rodrigues, na cidade de Salvador.

A força do sexo, mais forte do que a força da terra a arrastava para o sangue e para a morte!

É difícil entender-se a alma complicada desta sertaneja volátil, desta mulher do povo, deixa para viver uma vida diferente. A alma seca de emoções, não se conformando com o ambiente estreito de Santa Brígida, envrejada pelo labirinto do crime, à cata de impactos violentos para a sua natureza ardente e insatisfeita.

Incomprendida nos seus impulsos interiores contraditórios e astordantes, foge do seu leito legítimo de casada e, prostituida, deita-se no chão duro das caatingas com Lampião, a quem tempos adiante, seguidas declarações da velha Delfina da Pedra d'Água, vai enganar com o cangaceiro Leiz Pedro, pegada com

ele na vertigem dos beijos, no toldo da canção "Niagara", onde também viajava Lampião!

Para ter a temeridade de trair Virgílio Ferreira, ou Maria Bonita continha no seu domínio sobre ele, ou era uma louca, ou uma insaciada sexual.

No jogo dos sentimentos dessa mulher, o observador esbarra confuso e embaragado.



Maria de Oliveira Dêa, ou simplesmente  
Dona Dêa, a mãe de Maria Bonita,  
não gosta que se fale em tal assunto.

No longo tempo em que faz parte da força para exterminar Lampião, nunca soube de um ato de malvadice ou perversidade praticado por Maria Bonita.

Feliz do coiteiro, do cabra ou de qualquer pessoa que ela protegesse, porque ninguém no grupo, inclusive Lampião, lhe tocava. Ninguém ousaria moestá-la.

Assistiu às chacinas sem sujar as mãos no sangue dos seus semelhantes e em todas as depredações ou incêndios, o seu nome e a sua pessoa jamais apareceram como cabecilha ou participante.

Nem o clima que faz os grandes criminosos nos dramas passionais, consegue fazer dela uma assassina.

Sobre o seu amante, de comacho, gozou apenas um prestígio limitado, alargando-se, contudo, mais tarde, sem nem por isso conseguir refreá-lo nos seus arrancos brutais e nem em nada mudar a sua conduta de matador costumaz.

Sagaz e inteligente, desenvolveu sua suposta influência sobre o grupo, fazendo Lampião mais íntimo dos que ela julgava ser os melhores.

Foi uma tática mal compreendida e perigosa que ocasionou subdivisões no seio da quadrilha.

Possuir uma amante permanente, foi o primeiro erro de Virgulino Ferreira, ato que deu lugar a que os seus subchefes quizessem também gozar do mesmo direito.

Dai por diante abriram-se as fileiras da família malfita do crime para o ingresso e permanência de mulheres de todo tipo.

Só de Sergipe, da Zona de Pôco Redondo, contam-se Rosinha, Aldina, Ezedina, Cira e Aurea, estas duas últimas, irmãs.

Por fim, a terrível e diabólica pernambucana Dadá, mulher de Corisco. A mais sangrenta e sádica das bandoleiras.

Nas escaramuças da coluna do latrocínio, dos deloramentos e dos assassinatos no interior sergipano, ficou célebre a faquinha de cabo de prata de Dadá.

Lâmina fina como a ponta da língua de uma serpente, afiada e cortante como navalha, nas mãos de Dadá, aquela faquinha era um instrumento de suplício.

O prazer que ela sentia em ferir, devagar, gozando o sofrimento das suas vítimas, fungando de deleite, era simplesmente de despertar revolta.

As mulheres de alguns fazendeiros dansaram, também, na ponta de sua faquinha.

Ela as feria com um sadismo repugnante, olhar distilante de voluptuoso, semblante tremendo, fremindo de satisfação diabólica.

Tinha arrepios de fúria ao sentir o cheiro de sangue.

Nesses momentos, costumava dizer:

— Essa faquinha é pra mode matá gente feia qui non tem

A cabrueira gostava de assistir, ebria de prazer, aos tormentinhos,

tos que Dadá infligia com a faquinha de cabo de prata, aos que eram condenados a sua sanha de fera humana.

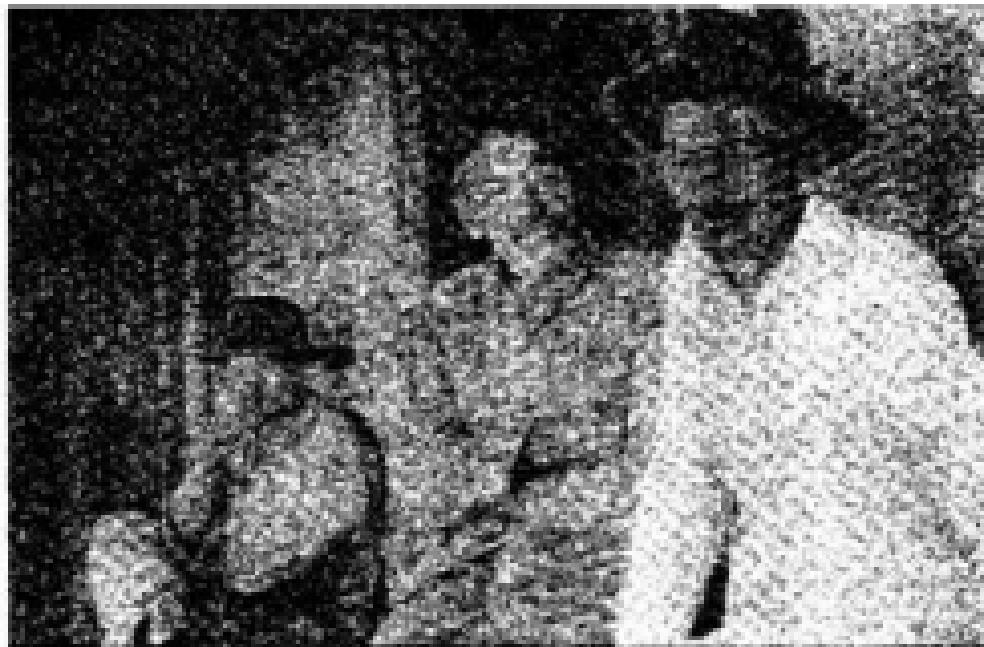
Dadá foi encrente consigo mesma até ao cair do pano sobre o último ato trágico da sua vida de bandoleira.

Ferida mortalmente numa perna, na última "brigada" da fazenda "Pulgas", há trinta quilometros da cidade de Miguel Calmon, no Estado da Bahia, em que o tenente José Rufino matou Cristino Gomes da Silva, que outro não era senão Corisco, a alma de Dadá saltou para fora dos preconceitos rústicos da esatinga, para se mostrar nua como um verme, na sujeira de uma linguagem de bêbeda.

Prostrada por um estilhaço que lhe retalha os músculos da perna, mais para a morte do que para a vida, o sangue umedecendo o chão, entre estertores e gemidos, um dos soldados abeira-se dela e a insulta com a vergonha desta expressão:

— Cale essa boca ai, puta vêa.

Foi o despertar da serpente para o revide imediato.



À esquerda, de braços cruzados, o velho José de Filipe, pai de Maria Bonita, conta ao autor desta narrativa, a verdadeira história de como sua filha entrara para companhia de Lampião.

— Cala essa boca ai o quê, não d'ua puta, viado imundo, macaco foderento. Você pode chama u'a muié casada de puta?

O soldado simulando revolta, manjaria o fuzil e retranca:

— Ingula o qui disse simão li arranço os miúlo c'ua bala!

Longe de se amedrontar, Dadi cresce mais no ódio e joga. Ihe no resto ofensas capazes de fazerem corar o próprio aço do fuzil:

— Você atira in ninguém marico salido, macaco chibungo, fo d'na lascanda. Você é macho pra made alírá p'ma muié agarrada por um homem como o tenente Zé Rufino?

O diálogo se passava entre os gritos de solimento que a contorciam e o ciúme do soldado que a contemplava, ridícula na sua impotência.

Neste instante apercance-se José Rufino e repreende o soldado, dizendo:

— Deixa a mulher pra lá, rapaz!

Nun ou nostro intervalo, entre as dores que à consumia, vez por outra, Dadi perguntava:

— U qui é qui vocês fizero de Cristina? Vocêis mataram meu vóio, num foi?

Era a mulher que surgia grande no seu amor.

Patética de covardia, indaga assombrada:

— E vocêis não vai me matá?

— Não Dadi, você está com a vida garantida, responde-lhe o tenente.

E encugando as lágrimas com as milos manchadas de sangue, estava, prosaicamente, encerrada a carreira recambolesca da mulher que, na caatinga e no sertão, celebrava-se pela distorção dos seus instintos.

Salva por duas operações que lhe custaram a amputação da perna em dois lugares, hoje dona Sergio, arrastando-se como um mutilado de guerra, esposa de um pintor de paredes na cidade de Salvador, mãe e avô que vive para os netos, na casinha onde mora é um mimo de asseio e de ordem.

Recuperada pelos esforços do professor Estácio de Lima, Dadi é uma mulher feliz.

Uma geração de sete filhos, todos de Corisco, lhe deve a vida

Quando se fala no que ela foi esconde-se num silêncio de mudez e se fala é para dizer que salvou algumas vidas no grupo de Lampião e que afastou muitas desgraças que, sem ela, aniquilariam muitas existências.

Mente querendo redimir-se pela mentira.

Entre Dodá e Maria Bonita não cabe comparação e o contraste entre as emoções das duas se extremam.

Uma era feliz quando o sangue humano, quente e pegajoso, lhe corria entre os dedos. Na outra era mais o rugido do sexo, gritando na necessidade dos instintos, que a afundava na dormência dos sentidos.

As outras eram sómente fêmeas, instrumento dos prazeres animais para os homens brutos e quase irracionais da quadrilha.

Eram outras Marias sem serem bonitas, sem gozarem do prestígio de Maria de Déa.

Não há pois como negar que a permanência da amante de Virgulino Ferreira nas hontes do banditismo modificou, de leve, a estrutura da organização sinistra.

Lampião tornou-se mais esquivo, menos audaz nas arremetidas, amolentando assim a rigidez férrea que sustentava o segredo da invencibilidade daquela estranha sociedade.

Maria Bonita escondeu-o para a sua paixão, prendeu-o às suas carícias, distanciando-o do perigo de perdi-lo.

Era o sexo de amores com o crime, numa enxanguestada luta de mél.

A partir desta data o índice de delocamentos, de rapinagens e matanças, decresceu, sensivelmente.

Com seu quartel general sediado na fazenda "Capim", lugar oficial e provisório do seu governo na administração do crime e da ladroeira, onde demorou quase um ano, o ditador Virgulino Ferreira, expediu ordens aos seus chefes de grupos, recebia os coiteiros mais credenciados e despachava com os embaixadores da semvergonhice política dos corossós.

O resto do tempo, os bandoleiros o gastavam em jogatinas interrompidas.

Nos dias eniadosinhos de lazer a quadrilha divertia-se cantando "mulé rendeira". O bicho guerreiro das caatingas, a canção do cangaço, hoje inflamemente desvirtuada.

Homens presos no mato, cintados pelos limites das propriedades ocupadas, torturados pelo medo dos círcos e dos combates imprevistos, homens que se revoltaram contra a sociedade agora viajavam-se delas nos massacres absurdos, nas destruições cegas, nos desatinos de loucos, já que não lhes davam oportunidade de viver decentemente, nas comunidades dos seus meios sociais, elos cobravam uma dívida de sangue pelo crime de serem abandonados.

E nas caatingas, nas formas das pedras, nos desgenhadões das serras, no escuro das grotas, viviam como bichos, como feraçadas pelas volantes.

Para esses desgracados só existiam dois divertimentos: o jogo e a dança, na sua rusticidade mais cômica do que recreativa.

Vigorava entre eles um costume estranho: antes de qualquer chácara, dansavam, loucamente, noites inteiras, ao som de uma desafinada viola ou de um fanhoso realje.

Viver como eles viviam, emparedados na incerteza do momento em que poderiam tombar fulminados pelas balas dos soldados, viver como eles viviam com a existência rodando na roleta seu número das surpresas fatais, viver na promiscuidade de uma convivência de degradações morais e de vícios hediondos, viver assim, era dementir a sagrada dignidade da espécie humana.

No coito do Capim os cabras de Lampião se enervavam com a inação e o paraféiro que lhes entravavam os passos.

Chegavam a um estado perigoso de saúdução, em que para eles, não roubar, não matar, seria uma ameaça a própria segurança da quadrilha.

Maria Bonita alugava Lampião num mundo de carícias intermináveis. As volantes ignoravam o coito e o capitão confiava na fidelidade dos seus coiteiros.

Durante os oze mêsas de Lampião no esconderijo do Capim, não houve acontecimento de grande monta para o grupo, a não ser

a notícia da morte do sargento Manoel Rosendo, que fora abatido pelas costas por um colega; cujo brenço assassino foi, no que se suspeita, movido por interesses políticos.

Lampião ao ter conhecimento da morte de um dos seus maiores perseguidores, teve estas incisivas palavras:

— Foi mal impregnado Mané Rosendo té morrido assim! Um homem cuma Mané Rosendo miraria morrer brigando.

Isolados na fazenda "Capim", os cangaceiros se tomavam de um tédio que podia, a cada hora, explodir em atos de indisciplina.

É quando Maria Bonita, lembra-se que na fazenda "Baixa do Cedro", no município de Pôrto da Folha, vai haver uma festa de "reisado" e, logo, pede a Lampião e promete a cabocleira que todos irão ao "reisado".

Ninguém, como as mulheres, sabe fazer mudar-se em acontecimentos irresistíveis, um ato insignificante e rotineiro.

A esperança de ver aquela festa quase infantil, põe em agitação o acampamento do cangaceiro.

Já ante-viam, já ouviam o abôô canhudo e triste do caboclo, se arrastando por entre os espinhos aliados das castanhas e doendo no coração vazio daquela gente.

Já enchiham os olhos a figura exótica da dona do Baile, já escutavam os dois Galês e riem dos passos desengonçados da Onça e do Boi, já cantavam baixinho:

óóó óóó óóó  
abra a porta meu amo,  
abra a porta meu amo,

E já balançavam o corpo pesado ao ritmo gostoso e sensual do canto rústico que sete morinhas entoariam gíngando as cadeiras, queimando o sangue de desejos:

Abra a porta Rei de França,  
Abra a porta Rei de França,  
Vamo adorá Rei Missia,  
Vamo adorá Rei Missia.

Só a lembrança da dança do "reisado", com a sua liturgia ingênuas e as suas canções queridas, banhava de euforia a alma estremecida daquele bando de homens que fizeram do crime a sua função na vida.

No dia aprazado para o "reisado", todos correram para a Beira do Cedro. A cerimônia já havia começado; desenrolava-se entre gritos de entusiasmo e aplausos ruidosos.

Ao chegar, porém, o monarca dos sertões, a testa bemilhe parou de sussí, apagou-se no ambiente a chama da alegria que casava no coração daquela gente maguta.

Lampião manda que se transforme em sala de dança a barraca cabocla e simples que, até então era divertimento puro e lúdico.

Ordenou que se respeitasse não só as sete moçinhas virgens do "reisado" como todas as senhoras casadas presentes à festa.

O baile rodou, numa onda de poeira toda a noite, cheirando a perfume barato e fedendo a cachaça e a suor, pegou a manhã do dia seguinte, sem nenhum incidente.

Foi uma festa que entrou na alma seca dos bandoleiros como uma bênção de felicidade.

Um cantoço inevitável estampava-se nos assistentes e nos dançarinos, de uma longa noite de sapateado e de frenético exercício forçado.

Só um pensamento dominava a todos: a retirada para o descanso.

Lampião antes de partir mandou que se repetisse o "reisado" em todos os seus pormenores.

Queria assisti-lo, queria lembrar o seu tempo de rapazilho quando namorava as figuras de "reisado".

E novamente apareceram enfumaçados os figurantes, os "artistas" daquele bailegro grotesco, daquela pantomima insulsa, representada, tediosamente, por criaturas sonolentas e exaustas.

De Lampião não vinha nem um gesto de aprovação, nem uma palavra de alegria.

Maria Bonita é que transfigurada por uma festa que, tantas vezes, a fez feliz na sua infância, batia palmas, possuída por uma imensa felicidade.

Não era mais a adúltera, a amante de um bandido, era a menina Maria de Déa que ali estava, que se revia na simplicidade do seu passado de virgem inocente, de moça faceira dos reisados de Santa Brígida.

E nem saber porque, naquela manhã Maria Bonita em vez do seu chapéu de bandoleira, usava o capacete de aço que um dos "heróis" da revolução de 1932, havia dado de presente a Lampião, e que ele, num dos seus raros momentos de bom humor, oferecera a Maria Bonita, dizendo, perverso e mordente:

— Toma isto pra tu, Maria. Isto só presta mesmo é pra mijar dentro.

Terminado o "reisado", a palavra de comando do chefe se fez ouvir e a cabocaria juntou-se para a retirada.

Mas, para não deixar em branco a sua passagem por entre aquela gente insensível e boa, o carrasco das caatingas, encerrou a festa com uma façanha de vandalismo revoltante.

No meio assanhado dos preparativos para a saída, um dos cangaceiros perguntou a Lampião:

— Capitão, o sinhô num acha qui é esse "boi" ná mago demais?

Referia-se o bandido ao pobre diabo que representava o boi do "reisado".

Ao que Lampião responde, friamente, com outra pergunta:

— Ochente! E você non sabe qual é o remeido pra boi mago ingordil, não?

E, causa espantosa, o criminoso de alcunha "Cordão de Ouro", pega o desgraçado matuto e castrado, entre as galhofas e os apenos grossos tiros da malta ébria de sadismo e bebida de covardia.

Um tremor de tristeza desenhou-se nos lábios apertados de Maria Bonita, dela que nunca discutiu e jamais censurou um ato do seu amante!

E torcendo as unhas exclamava quase em desespero:

— Mais pra quê vocês fizeram isso cum o home, pra quê vocês arrancaram os "pissudos" do miserável, que tanto animô o forgado?

Não era um protesto de Maria Bonita, era mais uma revolta velada.

No caminho, de volta, Maria estava tão amarranhada de tristeza que Lampião lhe perguntou:

— Tu tá duente Maria?

— Não. Tô é cansada.

Quem seria capaz de conhecer os mistérios daquela alma contraditória?

Fica insensível quando Lampião decreta que seu marido, José de Neném seja, sumiriamente, sangrado; logo dos dias tranqüilos da sua existência despreocupada ao lado do esposo, para compartilhar das tragédias que se acumulavam na vida de Lampião; protege e se apiada dos mais fracos da quadrilha; repreova, com o silêncio da sua repulsa, a conduta anormal de Dadiá; fica imperturbável diante das mortes, a sangue frio, que Virgulino Ferreira faz a cada instante; é filha extremosa e amiga fiel e dedicada!

É boa e má, insensível e sentimental, iria e comovida, sincericamente!

Só numa coisa ela é invariável, sincera e muda: É na sua obediência cega a Lampião.

Éle a deixou sem verdade, despersonalizada, como um objeto ou uma coisa de que dispunha como senhor absoluto.

A vítima ao lado da fera, o nada diante do tudo, o medo diante do algoz ou a amante disposta a todos os sacrifícios pelo amado.

Quem conseguirá ler o livro fechado da alma de Maria Bonita?

A matuta aventureira de Santa Brígida era mulher, e sendo mulher era indecifrável.

Quem já pôde explicar até hoje o simbolo ou adivinhar o segredo fechado na moede das esfinges que têm os olhos vazios, perdidos na imensidão infinita dos desertos?

Banido de Alagoas pelas forças do Coronel Lucena, Lampião, mais uma vez, se apressa em ultrapassar as barreiras sergipanas, onde a garantia de um vasto círculo de amigos o acobertaria dos vexames policiais.

Em Sergipe era como se estivesse em casa defendido por velhas amizades.

O Coronel Lucena, porém, estava revoltado, saturado mesmo, diante de tantos escândalos de tactos subterrâneos de que vinham sendo palco Alagoas, Sergipe e Bahia, na contradiância dos truques de que se valiam os interessados por Lampião, para subtrai-lo a ação coercitiva da lei.

Razão por que, o Coronel Lucena, depois de enxotá-lo de Alagoas, telegrafta ao Comandante da Polícia de Sergipe em termos lacónicos: "Lampião acossado minhas forças atravessou o rio, invadindo-se na fazenda Angicos esse Estado."

Expediu ainda o Coronel Lucena outro telegrama ao tenente João Bezerra que se encontrava nas imediações da cidade de Pernambués.

Telegrama tão violento no seu teor, que até hoje este oficial guardou-o para si sem nunca mostrá-lo a ninguém!

Jamais se conheceu o conteúdo do tão comentado telegrama ao tenente Bezerra, mas a suposição era de que encerrava uma mensagem perigosa.

De tudo o que é verdade é que a ordem telegráfica arruinou os nervos do tenente Bezerra, pondo-o frenético e impaciente forçando-o a correr em busca do coiteiro Pedro de Cândida, exhibir-lhe o telegrama e rogar-lhe, sem preâmbulo: "Salve as nossas cabeças"! Seria isso uma tática?

Pedro de Cândida desvenda-se como movimentador do último ato do plano que abateria Lampião como um traidor que não beija a face do seu protetor, mas morderá a mão que durante sete anos se abriu para beneficiá-lo e enche-o de dinheiro.

Vergulino Ferreira enxergava nele um inimigo, um aliado, um companheiro a quem entregara a vida nos dias em que se recolhia a gruta de Angicos para descansar.

Era uma necessidade imposta pela segurança coletiva de sete Estados que Lampião desaparecesse, mas não pela traição de Pedro de Cândida, seu coiteiro, seu espírito de sete anos, seu guia, seu informante, era anjo de guarda nas caatingas.

Mas Pedro o traíu covardemente, entregando-o às metralhadoras do tenente Bezerra, por duas miseráveis divisas de cabo.

No noite de 27 de julho de 1938, a chacina de Angicos foi encrucijadamente delinrada, pacientemente colhida, severamente vigiada por Pedro de Cândida e o tenente Bezerra.

O terreno foi esquadrinhado palmo a palmo, apalpado pedra a pedra, estudado pedaço a pedaço.

O céreo não podia faltar.

O supremo senhor do cangaço, chegara de Alagoas a Angicos com 48 cabras e sete bandoleiras, subindo mais tarde ao número de 65 bandidos com a obrigatória visita que lhe fizeram outros grupilhos disseminados em diferentes setores, sob a sua orientação.

Todo o dia de 27 de julho de 1938, foi um dia feriado para a caboclia que formava o séquito do crime em torno de sua magestade, o monarca das caatingas.

Alojados em Angicos expandiam-se na liberdade de uma alvorada franca e cantavam toadas e desafios entre risos naturais e espontâneos.

Eram a alma e o coração que, apesar dos pesares, ainda sabiam cantar nos lábios daqueles homens feras, em quem o crime apagara tudo, menos a saudade de que foram e o desespero de que eram.

Lampião confabulava com os cabeças dos pequenos grupos. Maria Bonita, costurando bordais, cantando em surdina, modinhas que lhe lembravam as noites enluaradas da Malhada da Caçapa.

Foi nêmes do chão o tenente Bezerra e o traidor Pedro de Camilida, teceram como aranhas no céu, na teia em que Lampião se debateria nos seus últimos momentos.

Angicos é um pequeno alpendre do rio São Francisco. Forma um círculo fechado de uma de suas margens, depois de uma selva, penosa e arriscada, uma gruta esculpida de pedras e rodeada de alastrados de chique-chique.

Recostou-se a gruta, como uma garganta, para acolher o visitante e o reto prisioneiro entre as suas paredes com uma única saída.

O destino governa os vivos, pois só a fôrça da letalidade justifica a vitória de Lampião em consentir ser engolido pela fumaça de Angicos, uma bestilha que a natureza consumiu cavada entre pedras e sem nenhuma condição estratégica para os que nela fossem encerrados.

Mas todos ali eram seus amigos — diziam ele.

E a estratégia de tantas façanhas no coração arido das cantingas, o guerrilheiro insuperável na movimentação dos seus homens através dos serrões, confundindo e endividando as forças do governo, tinha de morrer em Angicos como um cangaceiro novato, imprudente e simplório!

Quem conhecia a tática de Lampião, a sua eterna desconfiança, o instinto adivinatório que o fazia urdir, de sopetão, os encontros quando as voluntas sorrateiramente se aproximavam, ainda hoje apedisse intrigado, dado a facilidade com que se deixou fixar em Angicos, desapegando, quase indeleso na sua displicência e no seu abandono!

Debalde foram as advertências de Corisco e Angelo Roque na tarde de 27 de julho de 1938, ao se despedirem dele para dormir em outro esconderijo mais seguro.

— Isso aqui não merece confiança — diziam eles.

E às cinco horas da manhã, ouvindo o tiroteio tiveram estas palavras:

— Aquilo é Lampião qui tá se arfendo, quer Deus qui desta vez escape!

Como um desnascido à boa fé de Lampião o tenente Bezerra e Pedro de Cândida, esticaram o cordão da morte em volta de Angicos.

Atrás de cada pedra uma metralhadora, um fuzil, um mosquetão, um soldado em vélorio a última noite do cangaceiro.

A noite e o silêncio suspensos sobre o passar lento e desesperador das horas na marrafa para a madrugada de sangue, para a manhã da tragédia.

João Bezerra não omitiu o mínimo detalhe e nem esqueceu a menor saída que pudesse ocasionar uma esperança de fuga, ou a hipótese de uma derrota.

Os cangaceiros dormiam e na coito as trevas e a quietude da encosta envolviam a gruta de Angicos.

Nada mais a fazer senão conter a paciência na angústia da espera.

O estalar de um graveto, um suspiro, o rolar de uma pedra, um ruído qualquer poderia botar todo a perder.

Lampião mesmo dormindo fazia medo.

Podia ter um daqueles avisos secretos, um daqueles impulsos que tantas vezes, o salvaram da morte.

O mito que rodeava a pessoa de Lampião de ter o "corpo fechado" pela força milagrosa das reais fortes, das medalhas benitas pelo Padre Cicero do Jurezeiro, dos "breves" e outras credências nascidas do batismo sertanejo, o definiam na lenda popular como um homem invulnerável em quem as balas batiam, e, inofensivas, caiam ao chão.

Essa crença toda infiltrava-se também na ignorância e na covardia dos soldados, predispondo-os a ver em Lampião um fantasma do outro mundo que nos cirroteios pegava com as bolas as balas a ele destinadas e as jogava de volta na cara do inimigo.

Tão arraigada estava no homem do povo o mito da invencibilidade de Lampião, que era de se esperar, que o cidiadinho cego viesse a morrer de velho, transformando o fuzil em hastião.

Entretanto, tão perto estava o fim de tudo, perto na distância, perdo no tempo.

No fundo do horizonte a madrugada de 26 de julho de 1938, alvia-se vermelha, como um jato de sangue.

Não demoraria o despertar dos bandoleiros para mais a fuzilaria de um combate.

A natureza acordava nos pôncos levando os últimos trapos de sombras que ainda envolviam Angicos.

Vozes sonolentas bocejavam no creito mal deserto.

Lampião é o primeiro que sai da barraca com uma toalha no pescoço e uma caneca na mão.

Maria Beira vêem com ele.

Os dedos curvos dos soldados crispam-se nos gatilhos e as metralhadoras rasgam as carnes do maior cangaceiro do Brasil.

Ele e a sua amante dobram-se sobre si mesmos, euroditlhados na surpresa e no espanto do último gesto dos que morrem sem acreditar que estão morrendo.

O que se segue depois, é simplesmente, espartilho. A balbúrdia, os gritos, os gemidos, as descomposturas, os nomes sujos, possuídos pelo matraquear das metralhadoras, o assvio das balas era rincôntrico sobre a face dura e escorregadia das pedras, o cheiro de pólvora, a correria em massa dos bandoleiros para a única saída da gruta, caíndo um a um sob as bolas dos atirantes.

O tenente Bezerra, com a bravura do seu exemplo, manteve os seus soldados inarredáveis dos seu postos. Tudo isso dava ao ambiente a idéia de um pedaço de inferno incendiando Angicos.

Fugir, escapar, sair vivo daquela fogneira crepitante, daquele local rodeado de aço quente, enlaçado de sangue, amontoados de cadáveres, era o desejo turvo, único, desesperado do resto da cabroeira que não trinhasse sob a terra maldita.

Uma luta cega, alucinada, irracional, travada, quasi corpo a corpo, num espaço seu espaço, para brigar livremente, para correr quando inevitável a fuga, para se libertar se si mesmos para salvar-se daquele furacão daquele pequeno dia de julho, vivido em minutos, entre o medo de morrer e o quase impossível de ficar vivo.

O tenente João Bezerra foi o herói da chacina, o valente que, mesmo ferido em uma perna, estava em todas as posições, brigando, batendo-se como um bravo, exortando os seus soldados

para varrerem, de vez, da face do nordeste, o Capição Virgulino com seus assedias.

Ali, em Angicos, terminaria como de fato terminou a história de vinte anos de crimes do inusitado cégo pernambucano que durante dez anos enlutou o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e em outros dez anos levou de sangue Bahia e Sergipe.

Para um bandido do porte de Lampião a sua morte foi vulgar, o seu fim sem os lances emocionantes que era de se esperar. Foi um fim banal. Um assassinato a traição e nada mais.

Se o tivessem abatido de armas nas mãos numa luta aberta em dois campos leais, se o tivessem pegado num combate igual, hoje o capítulo dessa história talvez fosse escrito de modo diferente.

Mas a traição lhe negou o direito de morrer brigando, de morrer falando pela boca do seu mosqueteiro, de morrer como viúvo, de armas nas mãos e deitado no gatilho.

De repente um silêncio de cemitério descema-se sobre Angicos. A tragédia que começara por uma traição terminaria numa chacina. Depois do tiroteio a morte deixava uma estrada de cadáveres acamada sobre o solo ingrato da caatinga.

O tenente Jodo Bezerra procede a colheita recolhe a saída que a morte produzira nos rochedos da grama ensanguentada.

Onze bandidos estreçalhados de balas, coelham o campo comprimido entre blocos de pedras.

A volante perde um soldado e conta com dois feridos. Um dêles é o tenente Bezerra.

Os cadáveres passaram por uma limpa rigorosa. Escovados de alto a baixo nada ficou do que lhes pertencia.

Não é possível um cálculo do montante em dinheiro e das jóias arrecadadas.

Sabe-se que a quantia era polpuda e que o ouro rendeu uma soma que mesmo hoje na vorágem da inflação constituiria um patrimônio invejável.

Só o tenente Bezerra pode declarar o quanto, aproximadamente, montaria o dinheiro dos mortos e o peso do ouro e das jóias apreendidas.

E onde está toda essa fortuna e quem ficou com ela?

É uma indagação que a história não sabe responder. E se o sabe para que dizer a verdade sobre um assunto tão delicado e sensível?

Dos bens de Lançário, apenas, o fuzil, o punhal, as cartucheiras, os bornais, o chapéu, os óculos, as alpercetas e algumas peças de roupa foram entregues as autoridades.

O dinheiro, o ouro, os brilhantes...

A história que não sofre de amnésia sólida respeita o nome dos herdeiros de Lampião. O que ela propriedadeamente respeita, e faz muito bem, são os imóveis.

Poder-se-ia ainda citar os nomes das curuças a quem o Capitão Virgulino emprestou centenas de contos de réis, mas a vida é bala, o nome é lampião e morrer é o melhor negócio e a mais desastrada das transações.

O que não se contesta é que nos entre bardilhos metralhados em Angicos só se encontraram os cadáveres e os versos que os devoravam.

Retornando o curso da narração, os primeiros alvejados foram Lampião e Maria Bonita.

Misteriosamente sangue na morte como haviam unido os corpos na vida.

A carnificina de Angicos cobriu vertiginosamente todos os recantos do Brasil, marcadamente os quadrantes do centro e do nordeste.

Foi manchete em todos os jornais, revistas do país e comentário na roda de sodas as camadas sociais.

Um acontecimento que sacudiu as populações dos rincões em que Lampião mandou como chefe supremo.

De súbito o tenente Jodo Bezerra pulou do anonimato para as aclamações da celebridade.

A emoção do primeiro instante não permitiu que se pensasse na possível falsidade da notícia.

Depois, com a razão inventa dos impulsos emocionais, a dúvida apontou abalando o entusiasmo dos primeiros momentos.

Indúmeras vezes o boato da morte do famoso bandido andara de boca em boca, ele mesmo mandava espiá-lo para escapar às impertinentes perseguições das volantes agarradas aos seus calcanhares.

Não seria mal um troquel, um golpe estratégico do terrível bandoleiro?

Era preciso ver, tirar a prova, analisar, ir ao local da tragédia, reconhecer e identificar os cadáveres.

Um pressentimento no dia da morte de Lampião o impedia a minha vida.



A cabeça da Rainha das caatingas, já decepada.  
(Da 'Noite Ilustrada' de 09/08/1938)

Não fiz parte da volante que matou, mas tocaram-me viajar com a comissão que foi ver de perto o seu cadáver.

Hoje posso explicar essa idéia fixa pelo fato de haver perseguido por mais de cinco anos, viajando nas caatingas e nos sertões, jogando a vida no perigo de encontrá-lo.

Não tinha nenhuma dívida de sangue a cobrar do Capitão Virgulino, não lhe tinha ódio e nem pessoalmente era seu inimigo.

Aliatei-me como contratado do governo para combatê-lo, mas pela necessidade de ganhar o pão de cada dia.

Revolhavam-me o primariamente dos seus crimes, não me inspirava, porém, nenhum sentimento de vingança. Num fogo, num céo ou num combate, sóeria morto como poderia ter morto outro bandido qualquer.

Ganhava o dinheiro do governo para combater o banditismo onde ele medrasse, onde se quisesse impor pela morte ou pelo terror das atrocidades.

Aconteceu, porém, ser Lampião o mais visado por ser o mais bárbaro, o mais atrevido, o que mais envergonhava as autoridades com a hediondez dos seus crimes.

Ao ir a Angicos para afirmar ou negar a veracidade do moratório no bando de Lampião, senti o choque de uma emoção forte e esmagadora, numa sensação que era mais piedade do que alegria.

Antevi o acontecimento brutal, mas tudo que idealisti ficou aquém do quadro monstroso que me encheu de torpor e assombro.

A caravana da lei que se transportou de Aracaju, no dia 2 de agosto de 1938, a Angicos, era constituída pelo Delegado especial da Capital, Dr. Joel Macieira Aguiar, pelo médico legista da polícia, Dr. Carlos Meneses e pelo escrivão do crime Pedro Lima.

Já nos aguardava em Propriá o capitão João Lins, delegado regional da zona do São Francisco, com um destacamento de doze praças.

João Lins foi um dos oficiais da polícia sergipana que combateu em quase todas as frentes contra o banditismo. Desde as primeiras diligências que esse bravo soldado deu vida a sua en-

raçam pela causa da ordem pública na repressão ao famigerado bandoleiro.

Comprui com dignidade e coragem as missões mais arriscadas, como a última de que se lembra com desassombro, quando o governo o mandou parlamentar com vinte e dois cangaceiros recusantes do crime, desejosos de se entregarem ao governo de Sergipe, depois da morte de Lampião.

De Propriá rumámos para o povoado Belo-Monte, em Alagoas, onde nos esperava o coiteiro Pedro de Cândida, Iquecas horas, já famoso como um dos autores da trágica madrugada de 21 de julho.

Coberta a travessia do São Francisco, parámos na foz do Rio do Angico, em Sergipe.

Pedro de Cândida tomou o leito do riacho, passagem quebrada em altos e baixos, esticando-se, fechando-se cada vez mais até esbarrar, de chofre, no centro do coito.

Um quilometro antes já o ar envenenado era quase irrespirável.

A carniça do corpo humano desprende um mau cheiro distante.

E penetrante, assalta o olfato embebendo-o, diluindo-se nêltodo como um banho de infiltração pelos tecidos.

Fica um dia, uma semana, um mês, um ano, fica sempre, persistente e fixo.

Hoje, vinte seis anos depois, escrevendo sobre a hecatombe de Angicos, sinto o mesmo malauí pegajoso, entranhado, insuportável. Impressão certamente, mas sintou vivo e repugnante.

Descansando na tranquilidade do apetite satisfeito, os urubús comensais do macabro banquete, como frutos negros, escureciam os ramos curvos das árvores.

No céu, outras revoadas lâminas, em voos rápidos, farejavam a carniça.

Ingressamos no Coito com a indigestão do miú: cheiro embrulhando o estômago e revoltando os sentidos.

Diante daquele ambiente eu quasi desabava, trágido pela vertigem que me assaltou a resistência de homem sujeito a inúmeras situações desconcertantes e difíceis da vida!

Um vendaval parecia haver destroçado Angicos.

Lascas de pedras, cápsulas de balas, cartas de baralho, peças de vestuários, páginas de livros, escritas em latim, o que nos deixou admirados, chapéus, lenços e tantos outros pertences do uso dos cangaceiros. Tudo tão revolvido, tão escalavrado como se uma chuva de raios tivesse fulminado aquele pedaço solitário do São Francisco.

Corpos sem cabeças, espalhados em várias posições, poças de sangue coagulado, como se as veias de granito das pedras tivessem se rompido numa hemorrágia em borbotões.

Pedro de Cândida inicia a identificação fúnebre, o reconhecimento de cada um dos cadáveres.

Lividu, o náido ascendendo-lhe nas papilas a covardia, assustado, nervoso, incontrolado nos gestos, o coiteiro era um rei de fibras prestes a se romperem numa crise de pranto ou de remorso.

O menor ruído o espantava na rapidez reflexa dos arranços de quem quer fugir de um fantasma invisível, mas que existe na sua imaginação.

Aquele é Lampião, o melhor é a sobra do que foi sua magnitude o Rei das caatingas. Nô da cintura para baixo, as pernas picadas pelos urubus, a pele era de um roxo negro e pelos cantos das unhas escurria um líquido viscoso da cor de cobre.

O tronco sem cabeça, vestido numa túnica de mescla azul com três ligas de entache branco nas cunhreiras.

Três galões que o ridículo decreto do maior coiteiro de barba d'este país, com função inuyne em Joazeiro do Ceará, o promovem ao posto de Capitão do crime e do roubo.

Alli está ele enrodilhado na sua própria carniça, exposta ao tempo como uma gangrena na infecção da paisagem.

O dedo trêmulo de Pedro de Cândida o espeta num recunhamento pronto:

— Foi é o Capitão.

A serpente localizando a vítima que mordeu.

Como São Tomé quero ver para crer. Aproximai-me do corpo desepado, detenhamo por alguma instantes, procurei ver nos pés a marca do ferimento deixado pelas balas da volante do tenente Teófilo das Torres.

A cicatriz descoberta me convence mais do que a palavra do coiteiro.

Maria Bonita, a Rainha do sertão, é um monstro de carne e ossos, putrefação, uma poeta de visões, repulsiva como o, escarpo petrificado na face nua da caatinga.

Deixaram-me desgraça no corpo, astúcia, uma calcinha vermelha cobrindo-lhe a "vergonha".

— Fata é dona Maria.

As palavras de Pedro arranharam-me dolorosamente a sensibilidade.

Olhando nervosamente para todos os lados, continuo o coiteiro no seu trabalho de identificação:

— Esse é Luiz Pédo, esse é Quimba Ferrá, esse ôto é Caixa de Físico.

A guarda presoal de Lampião.

A explicação medrosa de Ledor aumentava a minha angústia já quasi insuportável diante daqueles corpos degolados. E sem saber por que eu tinha uma vontade terrível de esmurrá-los. Irritava-me violentamente a presença do traidor.

Só se pode sentir a falta que a cabeça faz à harmonia anatómica à perfeição do corpo humano quando se tem dentro dos olhos o cadáver de uma criatura degolada.

O corpo termina abruptamente nos ombros e os olhos do observador param no horror da imagem truncada.

Sou um sentimental incorrigível e sobre tudo cristão.

As lágrimas que não pode chorar, que secaram dentro de mim pelo esforço de contê-las, foram talvez as únicas interiormente choradas sobre os restos mortais do mais temível dos assassinos.

Em Aegicos o luto desumano da minha carreira me uniu sempre com ouze corpos sem cabeças, no dia seguinte, em Piranhas, o mesmo dever árido e cruel me presentearia, com sete cabeças sem corpos.

Eram os primeiros frutos da vingança de Corisco, era a resposta tremenda que dava ao tenente Bezerra, mandando-lhe, de presente, sete cabeças humanas, sete "mrlanças", nome dado pelo próprio Corisco, as cabeças decapitadas.



Nesta foto tirada em 4 de agosto de 1938, onde pode se ver o tronco do cadáver do Rei do cangaço, já com alguns estragos feitos pelos urubus.

Pho amassado de sangue o que a lei me dava em troca dos meus serviços.

O dedo esticado de Pedro de Cândida continuou a marcação fúnebre:

— Ali mais iariba tem mais seis, "Diferente", "Elétrico", "Mergulho", "Cajarána" Enedina e éto qui non sei do nome.

Há um erro grave da história no levantamento dos mortos em Angicos, levado a efeito pela estatística oficial. Nela figura o nome do bandoleiro Mergulhão como um dos mortos, quando na verdade, ele foi morto nos comécos do ano de 1930, pelas forças do tenente Odoril da polícia baiana, na fazenda Abóboras.

No solitário apavorante da caatinga o pesadelo de um silêncio de túmulo.

Ninguém falava.

Ultimadas todas as medidas legais, o Dr. Joel manda abriu uma vala para o sepultamento dos cadáveres que com Lampião e Maria Bonita formava o quinteto ceifado pelas metralhadoras da volante do tenente Bezerra.

Os outros ficam insepultos, para pasto dos urubús, como fundo do quadro trágico, na moldura de pedras do grotão fatídico.

Não foi impiedade e nem falta de respeito aos mortos, foi impossibilidade, esgotamento físico, falta de meios e de gente para os serviços fúnebres. Foi a noite, e mais que tudo foi o medo de um contra-ataque dos cangaceiros sobreviventes.

Precisamente, como por uma vingança do acaso, o lugar em que se deu inicio à abertura da vala para o sepultamento dos cinco mortos, foi o em que os bandidos haviam enterrado os restos inprestáveis dos animais mortos para alimentá-los.

Os cangaceiros onde acampavam abatiam gado e outros animais para comer.

Precavidos enterravam as visceras e os couros para que os urubús não os denunciassem às forças voluntas.

Pois foi precisamente num desses lugares que a terra foi cavada.

Uma nova explosão de mau cheiro invadiu Angicos, tornando quase insuportável ali a nossa permanência.

As montas, enjoados, deixamos o palco enlameado de podridão em que ficaram para nunca mais sair Virgulino Ferreira e seus comparsas.

Um fato esporádico merece registro pelo acaso do nada e que se reduz a homem quando arrebatado pela morte. Em cima do monte, túmulo de terra que cobria os cadáveres, um dos soldados de João Lira escreveu com a ponta do dedo, na terra ensanguentada, este epitáfio cruelmente verdadeiro:

"Aqui jais Virgulino Ferreira da Silva Lampião o artista Cangaceiro".

Uma legenda de morte que o vento varreu e espalhou no vazio da caatinga, no nada da vida, na contingência do tempo e na passagem da história por uma das pedras das margens do velho Rio Francisco.

Que os aficionados ao cangaço não esqueçam a lição brutal de Angicos.